



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DA CULTURA
(MESTRADO)

RECIFE ENTRA EM CAMPO:
HISTÓRIA SOCIAL DO FUTEBOL NO RECIFE (1905-1937)

Eduardo José Silva Lima

Recife, 2013.



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DA CULTURA
(MESTRADO)

RECIFE ENTRA EM CAMPO:
HISTÓRIA SOCIAL DO FUTEBOL NO RECIFE (1905-1937)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito parcial para conclusão do Curso de Mestrado em História Social da Cultura.

Orientador: Prof.Dr. Tiago de melo Gomes.

Recife, 2013.

Ficha catalográfica

L732r

Lima, Eduardo José Silva

Recife entra em campo: história social do futebol no Recife (1905-1937) / Eduardo José Silva Lima. – Recife, 2013.

137 f. : il.

Orientador: Tiago de Melo Gomes.

Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura Regional.) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de História, Recife, 2013.

Referências.

1. História 2. Modernidade 3. Futebol 4. Cultura de massas 5. Regionalismo I. Gomes, Tiago de Melo, orientador II. Título

CDD 981.34

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL DA CULTURA REGIONAL

RECIFE ENTRA EM CAMPO:

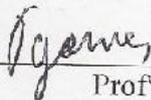
HISTÓRIA SOCIAL DO FUTEBOL NO RECIFE (1905-1937)

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO ELABORADA POR

EDUARDO JOSÉ SILVA LIMA

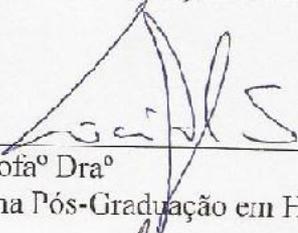
APROVADA EM 30/07/2013

BANCA EXAMINADORA



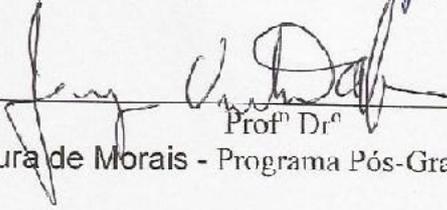
Prof^o Dr^o

Tiago de Melo Gomes – Programa Pós-Graduação em História - UFRPE



Prof^a Dra^o

Lucia Falcão Barbosa - Programa Pós-Graduação em História – UFRPE



Prof^o Dr^o

Josimar Jorge Ventura de Moraes - Programa Pós-Graduação em Sociologia UFPE.

DEDICATÓRIA

A memória do meu tio Amaro
Emanoel.

AGRADECIMENTOS

Este é um momento especial, momento de expressar toda minha gratidão às pessoas que de alguma forma contribuíram para a produção deste trabalho. A essas pessoas meus sinceros agradecimentos.

Aos meus amigos que ao longo da vida tornaram-se parte de minha família, como Danielle Ferreira, Rayana Lima, Diego Franklin, Tiago Bezerra, Antônio Carneiro, Jailton Lira, todos que ouviram minhas angústias e as transformaram em incentivo e apoio.

Aos amigos do Memorial da Justiça, com eles aprendi como pode ser agradável e inspirador um ambiente de trabalho, como também a superar alguns obstáculos no mesmo. Agradeço a Amélia Mendes, Ivan Oliveira, Guilherme Brito, Matheus Samico, Lídia Rafaela, Ricardo Resende, Plínio Brasil, Carlos Vilarinho e Daíla Rodrigues.

Aos amigos do até então extinto, Assírios Futebol Clube. Time que proporcionou imensa alegria ao curso de História da UFRPE. Acredito que mais alegrias fora, do que dentro das quatro linhas e mais risadas do que gols. São esses os guerreiros: Augusto Matias, Rodrigo Ibson, Claudio Barbosa e Geferson Thiago. Juntos, nas mesas dos bares discutíamos os conceitos históricos, “resolvíamos os problemas do mundo”, além da sempre bem cotada “história da vida privada”.

Ao promissor historiador Dirceu Marroquim eu agradeço todas as indicações de fontes e livros, sempre tentando engrandecer este trabalho com sua generosidade peculiar.

À Renata Freitas eu agradeço sua “calma” e companhia durante a realização dos inúmeros trabalhos no período da graduação, incentivo e sugestões para este trabalho e a divulgação do mesmo.

A grande amiga-irmã Rosely Tavares que além de ser uma competentíssima historiadora, foi durante toda graduação uma companheira de trabalhos e congressos pelo país a fora. Contribuiu muito com suas opiniões e indicações que ajudaram na construção deste e de outros trabalhos.

À professora Sandra Melo, a professora Carmi Ferraz e aos amigos de graduação Gustavo Gomes e Eduardo Henrique. Junto a eles tive o prazer de ter minha primeira experiência em pesquisa acadêmica, fazíamos parte de um grupo de pesquisa que me proporcionou conhecimentos incomensuráveis e uma excelente base para uma futura vida acadêmica. Gustavo que se tornou um grande amigo, um irmão, sempre com contribuições para o trabalho, com discussões teóricas e demonstrações de grande amizade e respeito.

Aos professores Jorge Ventura e Tulio Velho Barreto por me receberem no Núcleo de Estudos em Sociologia do Futebol-NESF, do qual tenho o maior orgulho de ser integrante. As reuniões e discussões do grupo sempre foram produtivas e muito contribuíram para este trabalho, agradeço a todos os integrantes do grupo que de certa forma são parte deste trabalho.

À minha companheira Alicia Rafaela, por tudo. Você contribuiu de inúmeras formas para construção deste trabalho. Sua beleza, seu afeto, inteligência e companheirismo são fundamentais para mim. As incontáveis conversas, demonstrações de carinho, os momentos de descontração e o apoio irrestrito contribuíram de forma decisiva na elaboração deste trabalho.

Ao professor, orientador e amigo Tiago Melo Gomes, sem ele este trabalho seria impossível, através dele pude vislumbrar a possibilidade do futebol como objeto de estudo da história. Agradeço a você por todas as palavras de incentivo, as conversas regadas a cerveja que muito contribuíram para minha formação acadêmica, pela generosidade que faz parte do seu caráter, pela simplicidade e acessibilidade tão carente em sua profissão, mais uma vez obrigado.

À minha família, minha irmã Michele Lima, minha avó Amara de Souza, meus primos Emanuel Araújo, Fábio Ehrhardt, Rodrigo Ehrhardt, Rafaela Ehrhardt e Eric Ehrhardt. Agradeço a todos pelo apoio que se constituiu de diversas formas, deste de um telefonema amigo ao empréstimo de um livro. Por entenderem minhas ausências em reuniões familiares, por estar me dedicando a construção deste trabalho.

À minha mãe Maria Auxiliadora que além de me dar a vida, me ensinou que a vida deve ser encarada com simplicidade, dignidade e alegria. Uma mulher

guerreira que lutou muito nessa vida, de origem humilde se tornou uma profissional bem sucedida e criou seus filhos com muito amor e carinho. Meus sinceros agradecimentos.

Aos funcionários do Arquivo Público Jordão Emereciano pela atenção dedicada aos pesquisadores, mesmo com todas as dificuldades estruturais que enfrentam diariamente.

Aos funcionários do arquivo da Fundação Joaquim Nabuco que sempre foram prestativos e atenciosos.

A CAPES pelo apoio financeiro durante decorrer do mestrado.

A todos que por ventura não tenham sido mencionados peço desculpas.

SUMÁRIO

RESUMO.....	10
RÉSUMÉ.....	11
INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1	18
O FUTEBOL NO RECIFE: UMA HISTÓRIA A SER CONTADA.....	18
1.1 A Institucionalização do futebol pernambucano.....	34
1.2. Amadores x Profissionais e os projetos de sociedades embutidos.	51
CAPÍTULO 2	61
OS RECIFES, POSSIBILIDADES E PROJETOS DE SOCIEDADE.....	61
2.1 O futebol e os divertimentos públicos.....	74
2.2 O Futebol no contexto da cultura de massas no Recife.....	83
CAPÍTULO 3.....	94
FUTEBOL À MODA DA CASA: A CONSTRUÇÃO DO REGIONALISMO E AS DISPUTAS CULTURAIS.....	94
3.1. Gilberto Freyre, Regionalismo e futebol.....	107
CONSIDERAÇÕES FINAIS	129
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	132
FONTES:.....	139

RESUMO

A história do futebol pernambucano está consolidada na versão dos vencedores. Os livros mais famosos sobre o assunto, ambos do jornalista Givanildo Alves, abordam o tema pelo viés dos grandes clubes, grandes no contexto atual, e na história da Federação Pernambucana de Futebol que inclusive patrocinou uma das obras de Alves. Além de ser uma história contada pelos vícios dos vencedores não há uma ligação entre o futebol e o contexto social, o futebol não é entendido como uma prática cultural e que deveria ser analisado de acordo com esse prisma. Entendemos que para estudar o futebol é necessário entendê-lo em seu contexto histórico e social. Pensa-lo como uma prática cultural polissêmica que dá margem a vários processos de apropriação. Este trabalho tem como objetivo entender essa polissemia do futebol utilizando-o como meio para o estudo do sentimento regionalista presente no Recife da década de 1920. Um sentimento expresso de várias formas teve no futebol uma forma de alcançar um grande número de pessoas já que o esporte estava dentro do circuito que podemos chamar de cultura de massas. A construção de uma identidade regional através do futebol é um ponto relevante do trabalho, pois demonstra como a cultura é um campo de disputas.

PALAVRAS-CHAVE: História, Modernidade, Futebol, Cultura de Massas, Regionalismo.

RÉSUMÉ

L'histoire du football Pernambuco est consolidée dans l'histoire des vainqueurs. Les livres les plus célèbres sur le sujet, les deux journalistes Givanildo Alves, abordent la question sous l'angle des grands clubs, grand dans le contexte actuel, et l'histoire de la Fédération de football Pernambuco qui a également parrainé une des œuvres d'Ahmed. En plus d'être une histoire racontée à travers les yeux des gagnants il ya un lien entre le football et le contexte social, le football n'est pas comprise comme une pratique culturelle et doit être analysée en fonction de cette perspective. Nous comprenons que le football est d'étudier nécessaire de comprendre dans son contexte historique et social. Pensez-y comme une pratique culturelle qui donne lieu à divers processus d'appropriation polysémiques. Cette étude vise à comprendre ce football polysémie de l'utiliser comme un moyen pour l'étude du sentiment régionaliste présente en 1920 à Recife. Un sentiment exprimé de diverses manières dans le football était un moyen d'atteindre un grand nombre de personnes depuis que le sport était dans le circuit que nous appelons la culture de masse. La construction d'une identité régionale à travers le football est un point important de l'œuvre, car il montre comment la culture est un domaine des litiges.

MOTS-CLÉS: Histoire, Modernité, Football, Culture de Masse, Régionalisme.

INTRODUÇÃO

“Escrevendo, ia fazer com as mãos o que nunca tinha sido capaz de fazer com os pés: perna de pau irremediável, vergonha das canchas, eu não tinha outra solução senão pedir às palavras o que a bola, tão desejada, me tinha negado”.¹

É muito comum nas mesas redondas em que o assunto principal é o futebol, descrever o árbitro de futebol como um jogador frustrado. Estereótipos a parte, talvez possamos dizer algo parecido sobre os que fizeram do futebol seu trabalho, sua vida, mas que nunca tiveram a chance de ouvir seu nome gritado por uma torcida. Jornalistas esportivos, árbitros, escritores, cartolas e pesquisadores acadêmicos, das mais diversas áreas de conhecimento, que têm em comum o futebol como objeto de trabalho, mas sem nunca ter feito um gol em uma decisão de um campeonato. Contudo, tal fato, não diminui de maneira alguma a importância de suas contribuições ao esporte. Em nosso caso específico o objetivo é entender como o futebol se tornou na cidade do Recife o que ele é hoje, voltamos ao passado para entender o presente, como proferiu Marc Bloch. Entender a constituição do futebol pernambucano, suas origens, a fundação dos clubes que resistiram ao tempo e ainda hoje demonstram sua força nos gramados espalhados pelo país, estudar as construções, as invenções das tradições, segundo Hobsbawm, do nosso futebol, essas foram inquietações iniciais que impulsionaram este trabalho.

Essa pesquisa teve seu ponto de partida nos idos de 2009 no final da graduação, após um ano de pesquisa em fontes primárias, leituras sobre a temática foi construída uma monografia: FUTEBOL E MODERNIDADE NO RECIFE 1905-1915. Após essa incipiente experiência com a temática, percebemos uma enorme lacuna na historiografia local. Logo a necessidade de um trabalho acadêmico com mais fôlego, com mais pesquisa e leituras mostrou-se necessário. A junção dessas circunstâncias gerou o referido projeto de mestrado.

A inquietação que guia a produção deste trabalho nasce da leitura de autores que tentaram explicar o futebol de forma homogênea. Durante muito tempo as discussões em torno do futebol foram uma tentativa de definição do que era essa

¹ (Galeano, 2004, pág.205)

prática cultural, para que servia e, assim, engessa-la em um conceito único. Muitos autores fizeram parte dessa busca, podendo ser citados três dentre os mais influentes, Mário Filho, Roberto da Matta e Waldenyr Caldas. O primeiro, jornalista afamado, o segundo e o terceiro fizeram do futebol um objeto de pesquisa acadêmica. Todavia, os três compartilham o fato de não terem construídos seus trabalhos através de uma vasta pesquisa em fontes primárias, e no caso de Mário Filho as fontes citadas são ora imprecisas, ora não encontradas por outros pesquisadores.

Ao escrever sua mais famosa obra *O Negro no Futebol Brasileiro*, Mário Filho defende o argumento de que o futebol em suas origens era um esporte extremamente elitista que excluía a participação de negros. Estes só conseguiram praticar o esporte após um processo de conquista de espaço. O futebol foi sendo baseado em qualidades inerentes a “raça negra”, gingado, malícia, domínio de habilidades como capoeira e samba, tornavam os negros excelentes jogadores. *O Negro no Futebol Brasileiro* pode ser considerado um romance histórico² que retrata a inserção do negro no cenário futebolístico do país.

Para DaMatta o futebol merecia ser estudado, pois funcionava como uma espécie de representação da sociedade, portanto estudar o futebol era, de certa maneira, analisar a sociedade brasileira. Este argumenta de que o futebol deveria ser estudado para entendermos melhor a sociedade em que ele está inserido, ou seja, seria um meio de melhor compreender as questões sociais no Brasil. O argumento do trabalho de DaMatta tem como “foco central a tese do futebol como um drama da vida social, como um modo privilegiado de situar um conjunto de problemas socialmente significativos da sociedade brasileira.”³ O entendimento do autor é o futebol como uma forma de representação social.

Na visão de Caldas a história do futebol brasileiro se trata da prática do futebol pela classe operária, a partir dessa tese central são realizados inúmeros desdobramentos. O viés argumentativo de Caldas é a luta que a classe operária teve que travar para conseguir praticar o futebol e após ter conquistado certo espaço no esporte, travou-se outra batalha: a luta pelo profissionalismo. Este se torna a

²Sabemos que Mário Filho cita várias fontes em seus trabalhos, contudo muitos autores criticam sua pesquisa por não explicitar metodologicamente onde estão algumas fontes, como foram encontradas, etc. Para ver mais sobre esse assunto ver *A Invenção do País do Futebol*, HELAL, SOARES, LOVISOLO (Orgs), 2001..

³ (DAMATTA, 1982, pág. 40)

maior vitória que a classe trabalhadora conquistou no tocante aos esportes, pois o futebol se tornou uma possibilidade de trabalho nunca antes imaginada.

Após um breve explanação das ideias centrais dos autores supracitados se faz necessário o desenvolvimento da inquietação original deste trabalho. Todos os autores acima buscaram no futebol um sentido único, para Mário Filho os negros no futebol, DaMatta o futebol como representação social e Caldas o a luta da classe operária no futebol. A busca pelo sentido único e homogêneo é o que une esses trabalhos, não existe a preocupação em entender o futebol como uma prática cultural polissêmica e que diversos grupos se apropriaram de forma distinta da mesma. A ideia de engessar a cultura não nós parece viável em nossa base teórica. Pois, segundo Thompson, “[...] o próprio termo “cultura”, com sua invocação confortável de um consenso, pode distrair nossa atenção das contradições sociais e culturais, das fraturas e oposições existentes dentro do conjunto.”⁴ Assim a cultura é um campo de conflito no qual há disputas pela hegemonia cultural, como também, disputas que extrapolam a esfera do político e social e invadem o campo cultural, sendo este parte da sociedade.

Este trabalho está ligado a História Social da Cultura, tendo como base teórica o historiador inglês Edward Palmer Thompson. Entendemos a história e a cultura como um campo de conflitos e disputas por uma hegemonia. O futebol é entendido, neste trabalho, como uma prática cultural polissêmica e conflituosa que teve em seu campo esportivo, disputas políticas e sociais que expressaram anseios de projetos sociais.

Com base neste arcabouço teórico foram analisadas diversas fontes. O *corpus* documental é formado por: periódicos como Diário de Pernambuco, A Província e Jornal Pequeno, formando o grupo de jornais com relevância na cidade do Recife; As Revistas Ilustradas como Revista da Cidade, Revista Norte, Vida Moderna, P’ra Você, A Pilhéria, Revista Nova, Revista de Pernambuco, estas contribuíram com análises cotidianas que ajudaram a entender o contexto da cidade do Recife visto por uma parcela da sociedade, uma elite letrada; Há uma documentação importante que foram as petições ao Chefe de Polícia, estas ajudaram a entender a cultura de massas no Recife dos anos 1920 e a participação do futebol neste contexto; por fim

⁴ (THOMPSON, 1998, p.17.)

foi utilizada uma documentação ligada ao futebol, como as atas da LSP e LPDT de 1915 a 1937 e estatutos de vários clubes.

Este trabalho teve como o ano de partida 1905, pois é nesse ano que nasce o primeiro clube de futebol da cidade do Recife. Este foi o Sport Club do Recife. O marco final é o ano de 1937, pois é quando consideramos o fim da fase amadora do futebol pernambucano. Embora já em 1933 é oficializada a profissão de jogador de futebol é só em 1937 que é dada entrada no primeiro contrato de jogador de futebol na LPDT. Por esse motivo é que foi escolhida a cronologia de 1905 a 1937.

A linha que costura e une os capítulos aqui presentes destoa completamente das ideias acima expostas, entendemos o futebol como uma prática cultural plural e de múltiplos sentidos. Concordamos que havia um planejamento inicial para o futebol, um plano elitista e eugenista de moldar os corpos, melhoramento da raça etc, mas este plano se tornou impraticável após a popularização do esporte, o que gerou e gera até hoje diversos conflitos. Nas linhas que seguem estarão visões e entendimentos diversos do futebol, inclusive muitas vezes divergentes.

Outra ponto que une os trabalhos de Caldas, DaMatta e Filho é a ausência de fontes primárias em seus trabalhos. Nenhum destes trabalhos foi resultado de exaustivas pesquisas em arquivos. Foram análises baseadas em informações questionáveis, principalmente as de Mário Filho, que serviram de base para os dois trabalhos, aqui citados, produzidos posteriormente ao seu. Assim as generalizações só ganharam mais forma ao longo do tempo e seguem, ainda hoje, com muita força, inclusive nos meios acadêmicos.

Após esta explicação inicial serão tecidos comentários sobre três capítulos que compõem este trabalho, como também o argumento central que serve como fio condutor.

Esta dissertação está dividida em três capítulos. O primeiro pretende, a partir de pesquisas em fontes primárias, construir uma narrativa crítica da história do futebol pernambucano que essencialmente diverge da narrativa clássica cristalizada na cidade. A discussão fica em torno da construção de uma memória *a posteriori* do futebol pernambucano. Sendo um esporte que chega a cidade através de um jovem e rico filho da terra que aprendeu a beleza do futebol ao pratica-lo junto aos ingleses enquanto cursando faculdade na Inglaterra.

Partindo da premissa que a tese supracitada é uma construção de memória voltamos ao passado para entender como se deu o processo de conquista da memória do futebol. No processo de pesquisa e análise bibliográfica percebemos que as disputas que envolviam o futebol, como a questão do amadorismo e profissionalismo, eram, na verdade, disputas de projetos políticos e sociais. Para o Brasil moderno e que tinha sua representação no futebol, por este ser um campo cultural muito popular, principalmente na década de 1920, no Recife.

No segundo capítulo a principal questão é analisar o posicionamento do futebol no contexto de efervescência da cultura de massas na capital pernambucana. Para isso utilizamos um *corpus* documental variado com documentos oficiais como as petições e portarias ao Chefe de Polícia e uma documentação de acesso popular como os periódicos e as revistas ilustradas. Ao colocar o futebol no contexto da cultura de massas discutiremos a polifonia que o esporte conseguiu alcançar. Sendo apropriado por diversas camadas da sociedade, principalmente as camadas menos favorecidas economicamente.

O terceiro e último capítulo tem como ponto principal uma interpretação diferenciada sobre o movimento regionalista de 1926 liderado por Gilberto Freyre. Utilizamos o futebol, na qualidade de prática cultural, como um meio para se estudar o regionalismo nos anos de 1920. Através de análise sobre algumas participações da seleção pernambucana no campeonato brasileiro de futebol discutiremos um sentimento regionalista que era perceptível em vários aspectos cotidianos da população, dentre eles o futebol.

Nesses campeonatos torcer pelo selecionado local significava exaltar o orgulho regional, orgulho pelas cores da bandeira azul e branca do estado de Pernambuco contra os adversários. Com isso foi construído uma identidade regional no modo de torcer e a construção de um modelo de jogo, prática do esporte, tipicamente pernambucano.

Nosso trabalho pretende ir além das explicações padronizadas sobre o fenômeno do futebol no Brasil. De uma maneira geral observamos que as produções mais recentes não têm mais o tom generalista que contém nas obras de Caldas, Filho e Da Matta. As análises sobre futebol têm sido mais abrangentes e sensíveis ao contexto histórico. É justamente o momento histórico que tece as especificidades do futebol no Recife. A união entre futebol e sentimento regional da forma que

aconteceu só poderia ter ocorrido no contexto histórico específico, como foi o caso. Pois, como produto cultural o futebol não era imune às questões políticas e sociais das sociedades nas quais se insere.

CAPÍTULO 1

O FUTEBOL NO RECIFE: UMA HISTÓRIA A SER CONTADA.

O futebol chega a Recife em um momento específico da história da cidade. Um momento de transição do modelo econômico essencialmente rural baseado na cana-de-açúcar para um modelo de uma incipiente industrialização, com um processo de urbanização em curso. A soma desses fatores era a cidade moderna em sua gênese⁵. A união entre a construção de uma cidade moderna e a apropriação do futebol pela população local, inicialmente por uma elite econômica urbana, é a combinação que culmina com a chegada do futebol em terras recifenses.

Em Recife há uma memória consolidada, e pouco questionada, que imortalizou um homem, como introdutor do “esporte bretão” na cidade. De certa forma essa memória do futebol é consolidada em vários polos futebolísticos do país, casos clássicos de jovens brasileiros que, geralmente, foram estudar na Inglaterra e trouxeram para o Brasil as regras e o material para introduzir o futebol no país. Em São Paulo, e, de quebra, pela primeira vez no Brasil, há a figura de Charles Miller, no Rio de Janeiro há Oscar Cox, na Bahia José Ferreira Filho e em Pernambuco o nome é Guilherme de Aquino Fonseca.

Essa memória do futebol no Recife foi eternizada pelo livro História do Futebol Pernambucano, publicado em 1978, escrito pelo jornalista esportivo Givanildo Alves. Nessa construção Guilherme de Aquino foi um jovem pernambucano filho de senhores de engenho que foi estudar na Inglaterra. Segundo Alves, Aquino voltou

“fascinado pelo espírito esportivo dos estudantes do Hooton Lown School, onde havia passado cinco anos, Guilherme não esqueceu de trazer, na sua volta a Recife, uma bola, meiões, chuteiras, camisas e outros apetrechos para jogos de Cricket, Rugby e Tênis, pois sua ideia não era somente a de inocular no recifense o vírus do futebol “association”, mas também o de fundar uma clube”.⁶

O ano que é registrado a volta de Aquino é 1903, e no ano seguinte, ele teria organizado a primeira partida de futebol no Recife. Aquino “conseguiu reunir 11 jogadores e disputar o primeiro “match”, em caráter particular e de experiência, contra o time da Western.”⁷ Já no ano seguinte em 1905, fundaria com um grupo de

⁵ Mais informações sobre a cidade do Recife no início do século XX ver Arraes 1998.

⁶ (Alves, 1978, p.15)

⁷ (Alves, 1978, p.17)

amigos, dentre eles Mario Sette⁸, o primeiro clube da cidade do Recife que tinha um departamento de esportes terrestres, dentre estes o futebol. Nasce, no dia 13 de Maio de 1905, o Sport Clube do Recife. Essa é a narrativa clássica sobre os primórdios do futebol pernambucano.

Muito antes deste fato ocorrer, ainda no século XIX, na Inglaterra, “o modelo da cultura do futebol (...) era um modelo nacional, ou para ser mais preciso, um modelo da nação proletária, visto que o mapa da Federação de Futebol era praticamente idêntico ao mapa da Inglaterra Industrial.”⁹ O futebol era um esporte amplamente popular entre a classe operária inglesa, também era um esporte praticado por muitos jovens, principalmente em escolas e universidades, “las competiciones de remo, El cross y El fútbol fueron integrándose gradualmente en la vida de lãs escuelas y más tarde, a mediados de siglo, em lãs universidades.”¹⁰ O valor esportivo foi incentivado pela nova sociedade burguesa que nascia na Inglaterra pós revolução industrial. Sobre a relação entre esporte e sociedade, especialmente o futebol, Hobsbawn elabora essa análise:

“Que o esporte era considerado elemento importante na formação da nova classe governante, segundo o modelo do *gentleman* britânico burguês treinado em escola pública, é evidente, pelo papel das escolas ao introduzi-lo no continente. Que o esporte apresentava um aspecto patriótico e até militarista é igualmente claro. Mas serviu também para criar novos padrões de vida e de coesão da classe média”.¹¹

A Inglaterra vivia seu auge imperialista sob o resto do mundo, sua hegemonia econômica era notável. No Recife desde o final do século XIX houve uma intensa imigração para a cidade. Os ingleses chegam ao Recife devido a esse processo de expansão capitalista de seu país, pois muitos acompanharam empresas que vinham para o Recife que buscava modernizar-se. De acordo com Vainsencher:

“No começo do século XIX, quando o príncipe regente D. João abriu os portos do País, os ingleses começaram a chegar ao Brasil - em especial, para São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife. A Inglaterra era

⁸ Famoso escritor pernambucano da época.

⁹ (HOBSBAWM, 2000, p.291)

¹⁰ (MANDELL, 1984, p. 163)

¹¹ (HOBSBAWM, 1988, p. 256-257)

possuidora de uma frota poderosa que percorria o mundo, e os ingleses esperavam encontrar aqui uma boa oportunidade para expandir sua indústria e comércio, bem como obter o máximo de lucro. Naquela época, a cidade do Recife possuía, aproximadamente, 200.000 habitantes, e a colônia inglesa já se apresentava de forma bastante expressiva, com a presença das seguintes firmas, bancos e empresas concessionárias de serviços públicos: a *Western Telegraph Company* (que possibilitava o contato com o mundo, através do cabo submarino), *Pernambuco Tramways and Power Company* (que interligava o Recife, com os seus trens, às demais cidades de Pernambuco e do Nordeste), *Huascar Purcell*, *Pernambuco Paper Mills*, *Western of Brazil Railway Company*, *Price Waterhouse*, *Machine Cotton*, *John A. Thom* (negociante de algodão, borracha, açúcar, mamona, cera), *Cory & Brothers*, *Bank of London & South America*, *London & River Plate Bank*, *Royal Bank of Canada*, *Boxwell & Cia.* (o maior estabelecimento de enfiamento de algodão), *Williams & Cia.* (exportadores de açúcar e algodão), *Conolly & Cia.* (casa de câmbio), *Ayres & Son* (representante de várias firmas e fabricantes), e *White Martins*.¹²

Como podemos perceber a cidade do Recife abrigou um número alto de imigrantes ingleses que fizeram da cidade a sua casa. Sendo o futebol um esporte muito difundido entre a classe trabalhadora inglesa e os estudantes, é provável que este gozasse de boa popularidade entre os imigrantes. Os jornais da cidade, com frequência, publicavam notícias relacionadas ao futebol inglês, resultado dos campeonatos, etc. Se os jornais publicavam é porque pensavam haver pessoas que se interessariam pelas informações. Os hábitos ingleses encontravam facilidade de difusão, pois pela vontade de modernidade dos recifenses, o chá das cinco, passa a ser um hábito entre a elite urbana recifense que enchia os cafés da Rua Nova para realizar essa mais nova tradição.

É notória a participação de imigrantes ingleses na sociedade recifense do final do século XIX e início do século seguinte. Como vimos, inúmeras empresas inglesas instalaram-se no Recife mudando completamente a rotina da cidade, como também criando novos hábitos e apropriações das novidades. De acordo com o historiador

¹² VAINSENER, Semira Adler. *Ingleses em Pernambuco*. **Pesquisa Escolar Online**, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: dia mês ano. Ex: 10 maio. 2012.

pernambucano Raimundo Arraes, em seu estudo sobre a cidade do Recife na transição do século XIX para o século XX:

“A Grã-Bretanha capitaneava uma economia crescentemente globalizada, tornando-se a maior compradora de produtos primários e a maior exportadora de produtos industrializados, bem como de capitais sob a forma de empréstimos governamentais indispensáveis para a implantação de infra-estrutura técnica das quais dependiam as economias submetidas para viabilizar a exportação de alimentos e matérias-primas. A ampliação do mercado internacional mundial promove uma forte absorção dos capitais europeus pelas áreas produtoras de matérias-primas.”¹³

Assim, a relação que a Grã-Bretanha tinha com os agricultores pernambucanos era de compra de matéria prima, geralmente cana-de-açúcar. Esse comércio, ao modo capitalista de produção, proporcionou o aumento de uma elite econômica urbana na capital do estado. Essa elite passa a exigir uma modernização, da mesma forma que “ a usina representou, em Pernambuco, o esforço modernizador do início do regime republicano”¹⁴ a cidade precisava se modernizar, esse era o discurso dessa elite urbana. Dessa forma o capital estrangeiro, principalmente inglês, inseriu-se de forma avassaladora na cidade do Recife como consequência desses investimentos a cidade recebe vários equipamentos modernos como:

“água canalizada, trecho Recife-Cabo da Estrada de Ferro Recife-São Francisco, Estrada de Ferro Recife-Olinda-Beberibe, serviços de bonde de tração animal, serviço telegráfico, serviço telefônico manual, de tal forma que em 1900, sob certos aspectos o Recife já podia ser chamada de cidade moderna.”¹⁵

Como vimos o futebol era um esporte popular entre a classe trabalhadora inglesa, diante de tantos funcionários de empresas inglesas no Recife, será que esses operários não praticavam o esporte? Além dos operários o futebol também era popular nas universidades inglesas, ou seja, os funcionários ingleses de alto escalão dessas empresas supracitadas não praticavam o futebol? É difícil afirmar

¹³ ARRAES, 1998, p.39.

¹⁴ ARRAES, 1998, P.42.

¹⁵ ARRAES, 1998, P.43-44

peremptoriamente que sim, mas as fontes expostas são no mínimo suficientes para ser questionada a memória hegemônica referente ao futebol pernambucano.

Na primeira quinta feira, e primeiro dia do ano, de 1891 o clube Novo Hamburgo publica no jornal as atrações deste para o domingo próximo. “Tocará às 5 horas da tarde em diante a musica da policia, hoje da guarda local, e encontrará a vontade tudo quanto desejarem, como seja: bilhar, jogo de bola, bagatella, estrada de ferro, viagem aérea, hypodromo e tudo mais quanto neste sentido é permitido.¹⁶” Já no dia 8 de setembro do mesmo ano há uma petição referente ao “jogo de bolas”, vejamos:

“Petição a intendência municipal.

Rozendo & Galvão, entrada em 11 do corrente, solicitando licença para estabelecer no pavimento térreo da casa, sita à rua de S. Jorge nº137, na freguezia do Recife, um jogo de bola. – O Conselho indefirio, em vista do barulho que faz, produzindo incommodo aos visinhos¹⁷”

Baseado nas informações transcritas pelas fontes não há como saber exatamente o que de fato era esse “jogo de bolas”, tampouco como ele funcionava e se tinha alguma ligação com o futebol “association”. Porém, com as informações supracitadas percebemos que é um evento social, de certo prestígio entre a sociedade recifense, bem visto pelas autoridades, já que a banda da polícia participara do evento, como também as duas citações sugerem que o “jogo de bolas” exige um espaço físico razoável para ser praticado.

O mesmo jornal publica no ano de 1900 uma notícia bastante interessante relativa a um “torneio de bolas” que diz:

“Com a animação do costume realizou-se ante-hontem o quarto torneio de bolas do Club de Diversões 15 de Novembro.

Começou o jogo às 5 horas da tarde, na sede no Arrayal, que estava adornada artisticamente.

Os dois grupos *inglezes* e *boers* empenharam-se deveras, disputando com interesse a partida de 5000 pontos.

Aquellas conseguiram vencer com diferença de 85 pontos.

¹⁶ A Província 1 de janeiro de 1891.

¹⁷ A Província 8 de Setembro de 1891.

Aos vencedores foram atirados flores, confetti as espoucar de morteiros e foguetes.

Largaram também um bello e enorme aeróstato com os dísticos de diversas redações que alli se fizeram representar.

Os boers offereceram sua photographia, em grupo, aos inglezes e estes um custoso mimo ao Sr. Eduardo Oliveira, diretor do mez.

Ás 9 horas da noite tiveram começo as danças, ora som do piano ora ao da orchestra, prolongando-se animadíssimas até pela manhã.

O serviço do Buffet esteve irreprehensível, e todos os associados foram pródigos em gentilezas aos convidados.”¹⁸

Por se tratar de um jogo de “5000 pontos” não pode ser o futebol association. Mas como nessa época as regras do futebol ainda não estavam totalmente difundidas por tudo mundo, não é um argumento que exclua a possibilidade de ser um jogo inspirado no futebol ou até mesmo uma prática do futebol que não obedece ainda às regras estabelecidas pela *football association* instituição fundada em 1863 com o objetivo de delimitar as regras do futebol e separá-lo definitivamente do Rugby. É importante destacar a participação dos ingleses nesse “jogo de bolas”, pois eles criaram vários espaços de sociabilidade que tinham como característica a prática de atividades identificadas com os valores sociais e culturais de sua terra natal. “Os ingleses, que haviam introduzido o futebol no Recife, fundaram clubes sociais e esportivos como o British Club, na estrada da Ponte d’Uchoa, e, em 1910, promoveram, através da Liga Atlética Inglesa, uma temporada de futebol e críquete, que durou de maio a outubro, contando com a participação de quase uma dúzia de clubes”¹⁹. Apesar de não ser um historiador dedicado à pesquisa ao futebol, Arraes estudou a cidade do Recife no final do século XIX e início do século XX. Para o autor, não há dúvida de que foram os ingleses que introduziram o futebol na capital recifense, infelizmente o autor não cita referências a sua afirmação. Mas é interessante perceber outra visão da chegada do esporte na cidade do Recife, já que Alves também não cita nenhuma fonte que reforce sua ideia da introdução do futebol no estado por Guilherme de Aquino.

¹⁸ A Província 13 de Fevereiro de 1900.

¹⁹ ARRAES, 1998, p.59.

O “jogo de bolas” ao longo do tempo ia conquistando cada vez mais espaço no Recife, tanto que uma das famosas pensões da cidade estampa em uma de suas propagandas que proporcionava este jogo aos seus hóspedes.

“Pensão do derby

Mais uma agradável diversão vai ser hoje, à noute, inaugurada no Derby. É um esplendido jogo de bolas, excellentemente installado n’uma secção ao flanco do café bilhar, à margem da linha de bonde.

Haverá, entre outro, um grande torneio, no qual tomarão parte seis hospedes da pensão, considerados eméritos amadores d’aquelle bom divertimento, cuja iniciativa, alli, é devida ao digno gerente da referida pensão, o estimável Sr. Izac Alvarez y Rodriguez, que não tem poupado esforços para tornar credora da preferência entre as suas congêneres a importante casa sob sua direção”.²⁰

A Pensão do Derby estava localizada “as margens do Capibaribe e com ótimos cômodos”²¹ e os preços das hospedagens variavam de uma “dormida só” no apartamento mais simples que custava 2\$000 a uma “Pensão completa”, com direito a refeições, no “salão de luxo” por 30\$000. Caso desejasse o cliente que pagasse adiantado por uma semana teria 10% de abatimento, no caso de desejar passar um mês o desconto aumentaria para 20%²². Já em setembro do mesmo ano de 1900 o jornal A Província, publica a seguinte nota: “Alguns rapazes de nossa *elite* social promovem para o dia 7 do corrente um esplendido torneio de bolas, no Derby”²³. Podemos inferir que o citado “torneio de bolas” era uma prática de distinção social, algo que a elite praticava para se aproximar das práticas culturais modernas tendo como modelo o padrão de modernidade europeu. No seguinte dia 13 o jornal estampava o resultado do tão aguardado “torneio de bolas”:

²⁰ A Província 18 de Abril de 1900.

²¹ A Província 19 de Janeiro de 1902.

²² Informações retiradas da tabela de preços da Pensão do Derby publicada no jornal A Província no dia de 19 de Janeiro de 1902.

²³ A Província 2 de Setembro 1900.

No Derby.

“Esteve muito animado e concorrido o grande torneio de bolas, que distintos moços da nossa sociedade realizaram no dia 7 corrente, no Derby.

Dos jogadores obtiveram prêmios, seis, tendo alcançado os primeiros e segundo logares, respectivamente, os srs. Horacio Morerira e A. Pinto Junior.

Findo o torneio, passou-se às danças, que se effectuaram no vasto salão dos bilhares, retirados provisoriamente para esse fim.

Grande numero de senhoras, perto de cem, talvez, deram todo realce à soirée.

O estimável sr. Isaac Rodriguez, activo gerente da Pensão Derby, a que pertenceu aquelles estabelecimentos, dispensou a todos as mais captivantes, atenções, acolhendo gentilmente a digna comissão, que por sua vez a nenhum esforço se escusou para agradar sempre aos seus convidados”²⁴.

Percebemos que o “torneio de bolas” é um evento social, as pessoas vão pratica-lo, vão assisti-lo, promovem-no e o mesmo é encerrado com um baile dançante. A Pensão do Derby promove, segundo nossas fontes, o “jogo de bolas” no Derby até o ano de 1902.

Em Setembro do mesmo ano, 1902, há o surgimento de um novo espaço na cidade do Recife que proporciona o “jogo de bolas”, este é o Clube Internacional, ambiente elitista e de concorridos bailes de carnavais. Esse espaço, frequentado pela elite econômica da cidade do Recife se rende ao “jogo de bolas”.

“No Club Internacional do Recife terá logar hoje um grande torneio de bolas, começando às 8 horas da noite, impreterivelmente.

A comissão promotora compõe se dos srs. Rodolpho Silveira, Jorge de Mattos, Alfredo da Rosa Borges, Antonio Gregorio Gonçalves e Machado Dias, os quaes muito têm feito para o brilhantismo da festa.

Cinco prêmios serão distribuídos aos vencedores do torneio por uma comissão composta pelas gentis senhoritas Gasparina Vaz de Oliveira, Amanda Almeida, Maria Alice Milet, Maria Luiza de Oliveira e Adalgisa Neves.

²⁴ A Província, 13 de Setembro de 1900.

Outra comissão, de que são membros os srs. Drs. Augusto Vaz Milet, Theodorico Padilha e comendador José Joaquim Ribeiro de Britto distribuirá bilhetes às senhoras e procederá à extracção dos mesmo, estando reservado à possuidora do numero premiado um valioso mimo.

Foram designados para a contagem dos pontos no torneio o dr. Eustachio Pereira Faueca e srs. Henrique Leal Reis, Benjamin da Cunha Torreão e Manoel Medeiros.

O jogo da bola foi expressamente melhorado e a sede do club apresentará belíssima ornamentação, sendo profundamente iluminada e acetylene.

A directoria do Club Internacional vae, assim, proporcionar uma esplendida festa aos seus sócios e convidados”²⁵.

Na fonte supracitada podemos observar uma participação feminina mais efetiva. Moças da alta classe recifense serão responsáveis por julgar e premiar os jogadores, em contrapartida participaram do um sorteio de um “mimo”. Lembremos que no início do século XX é perceptível o crescimento de ideias eugenistas em nosso país, noções de higiene, de preocupação com os corpos da incipiente nação, portanto a noção de assistir a determinadas práticas significava, de certa forma, também participar efetivamente da mesma. Assistir uma partida de *foot-ball* no início do século XX era estar presente em um evento que promovia novos padrões sociais, por isso a participação do público não é passiva. O espetáculo era construído para exaltação dos corpos atléticos que deveriam ser buscados por todos. Obviamente havia uma separação de gênero quanto ao corpo ideal para cada um deles, esportes adequados para homens e mulheres.

É também do mês de Setembro que vem a fonte mais contundente sobre a prática do futebol antes de Guilherme de Aquino, eis o anúncio:

“Socorro Foot-ball Club

Meeting.

There will be held a meeting in Socorro on the 8th inst at noon.

The captain.

A.G. da Silva”²⁶

²⁵ A Província, 27 de Setembro 1902.

²⁶ A Província 7.Setembro de 1902.

Já no ano seguinte, 1903, o “jogo de bolas” reaparece na Província sendo novamente o Club Internacional o palco do encontro. De acordo com a nota na seção de *Diversões* do jornal o Clube Internacional estaria promovendo esses eventos.

“Esteve animadíssimo o torneio de bolas do Club Internacional, sábado ultimo, notando-se a presença de muitas senhoras e cavalheiros da nossa melhor sociedade

A secção do jogo, daquela sociedade, estava caprichosamente ornamentada.

Coube o primeiro premio ao sr. Arthur Augusto de Almeida, digno diretor gerente da companhia de seguros Amphitrite.

A diversão terminou com uma *soirée* dançante, que foi esplendida”²⁷.

Observamos que o “jogo de bolas”, como o futebol será posteriormente em seu momento inicial, faz parte da programação de um espetáculo que é geralmente acompanhado de bailes, as *soirées*. Assim o momento do “jogo de bolas” faz parte de um espetáculo maior organizado para saciar a sede de modernidade das elites recifenses, que ao desejarem se distinguir socialmente realizavam práticas culturais consideradas modernas por se basearem em práticas inglesas, francesas ou europeias de uma forma geral.

O jogo de bolas é visto mais algumas vezes nos jornais até 1904, mas a partir de 1905 o termo desaparece dos jornais e só se fala dos “match’s de foot-ball”. Diante do exposto não é possível afirmar de forma categórica que o “jogo de bolas” seja antecessor do “foot-ball association”, todavia a ideia não pode ser desprezada simplesmente por ser recorrente em outras cidades do país. Segundo Pereira

“O “jogo da bola” - esporte originário da Espanha – era jogado por dois competidores que arremessavam, com raquetes em forma de arco, uma bola contra um paredão, saindo perdedor aquele que não conseguisse rebater a jogada do adversário. Existiam significados ambíguos em relação a esse jogo naquela época, pois podia ser visto como uma simples diversão ou considerado como uma atividade poderosa para o desenvolvimento das forças físicas, segundo valores higienistas da época, qualidades apontadas

²⁷ A Província, 22 de abril de 1903.

para justificar interesses de empresários que promoviam essa atividade na cidade”.²⁸

Já a historiadora Marilita Rodrigues ao relacionar uma de suas fontes com informações extraídas de textos do historiador Victor Mello, relaciona o jogo de bolas ao futebol²⁹:

“Tudo indica que o jogo dos italianos em Belo Horizonte pode ter sido o “jogo da bola” dos espanhóis, mas existem algumas evidências que merecem ser apresentadas. No Rio de Janeiro, havia também uma relação da cerveja “barbante” com o *football*. Segundo Victor Mello, nas primeiras décadas do século XX o *football* já era praticado por muita gente, e de todas as classes sociais. Foram criadas ali as primeiras ligas populares, denominadas “ligas barbante”, em referência às tampas de cervejas de baixa qualidade, produzidas nos fundos de quintais de residências cariocas. Assim, a ligação com a “cerveja barbante” pode também significar o início de um jogo de *football*”.

O interessante é perceber na fala dos pesquisadores é que não há um consenso em relação ao que seria “o jogo de bolas”. Mas em suas obras ambos discordam da memória oficial do futebol brasileiro que traz Charles Miller como grande fundador e que em cada cidade onde o futebol encontrou espaço entre o fim do século XIX e início do XX havia um “Charles Miller” local.

O historiador José Moraes dos Santos Neto em seu livro *Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil*, levanta uma nova hipótese para introdução do futebol em nosso país que vai de encontro ao “mito fundador”³⁰ que coloca em destaque a figura de Charles Willian Miller. Filho de pai escocês e mãe brasileira, mas descendente de ingleses é considerado pela história oficial do futebol brasileiro como introdutor do futebol em terras brasileiras. De acordo com Santos Neto foram os padres professores de colégios jesuítas que trouxeram o futebol para o país ainda no século XIX. Estes “em busca de modalidades que se enquadrassem no perfil recomendado pelo ilustre deputado (Rui Barbosa), as melhores instituições de

²⁸ PEREIRA, 2000

²⁹ Fonte citada pela autora o jornal O Operário, em 19 de agosto de 1900. “No dia 15 do corrente mês, em uma venda da Lagoinha, alguns italianos jogavam pacificamente umas garrafas de cerveja *marca barbante* ao inocente *jogo da bola* que mais que um jogo é um verdadeiro exercício ginástico.”

³⁰ No sentido do conceito criado pela filósofa Marilena Chauí.

ensino do país decidiram enviar “embaixadores” a vários colégios europeus. Lá pela primeira vez, o futebol virou uma opção para o Brasil”³¹. Ao relatar o caso do estado de São Paulo o autor afirma que “o colégio jesuítico São Luis da cidade de Itu”³² foi se destacou no interesse pelo futebol.

“Na Inglaterra, aceitando uma recomendação do Padre, os jesuítas de Itu conheceram o futebol jogado na Harrow School. Depois foram à Alemanha, onde os educadores utilizavam o esporte em paralelo à ginástica alemã. É importante notar que, em várias regiões da Europa, também haviam sido jesuítas os pioneiros na introdução do futebol, como fora o caso, por exemplo, a partir de 1880, do Colégio Jesuíta de Utrecht, núcleo disseminador do futebol na Holanda”.³³

Diante do exposto o autor supracitado afirma de forma peremptória que o futebol no país é anterior a Charles Miller. Sua pesquisa é baseada em fontes primárias que tem como maior relevância documentos internos tanto do colégio São Luís como outras instituições escolares citadas no livro.

“Até 1887, padres e alunos jogavam juntos. Mas não praticavam o chamado *association football*, que pressupõe a formação de dois times e a existência de um conjunto de regras, mas sim um bate bola na parede, chamado de “bate bolão”. Isso fazia parte de uma estratégia gradual de apresentação do esporte aos alunos. Em seguida, os padres introduziram duas pequenas marcas em paredes opostas do pátio e dividiram a turma em dois times, camisas verdes de uma lado camisas vermelhas de outro. O jogo passou a ter um objetivo concreto, isto é, levar a bola até a parede do time adversário e lavrar um tento fazendo-o bater no espaço delimitado pelas marcas”.³⁴

Portanto para Santos Neto não há dúvida que já se praticava futebol, ou variações similares, ainda no século XIX antes de Miller trazer da Inglaterra um livro de regras, bolas e camisas de clubes ingleses.

O Rio de Janeiro, então capital federal, tem na figura de Oscar Cox como o introdutor do futebol nesta cidade. Tese que é contestada pelo historiador Leonardo Pereira, este afirma que antes do regresso de Oscar Cox ao Rio de Janeiro de sua

³¹ (Santos Neto, 2002, p.15)

³² Idem

³³ (Santos Neto, 2002, p.18)

³⁴ (Santos Neto, 2002, p.23)

estadia na Europa “o futebol já era conhecido no Rio de Janeiro – não só nos clubes formados por ingleses, onde era praticado há mais tempo, mas também nas exibições de marinheiros estrangeiros na região do cais do porto ou nos recreios dos colégios elegantes.”³⁵

Apesar da pesquisa de fontes primárias, no Recife, ter se mostrado menos contundente, em comparação com a pesquisa realizada em São Paulo por Santos Neto. É possível inferir de que o futebol na capital pernambucana não começa a ser praticado apenas após o retorno de Guilherme Aquino a cidade. Havia um número considerável de imigrantes ingleses na cidade e sendo o futebol um esporte popular entre eles é improvável que não o praticassem. Para Santos Neto “O pioneirismo de Miller reside no fato de ter iniciado a prática do futebol dentro de um clube, estimulando os outros a praticá-lo também”.³⁶ Entendemos que a figura de Guilherme de Aquino é muito semelhante a descrição de Miller, a ele coube organizar o primeiro clube da cidade a ter um departamento de esportes terrestres que é o Sport Club do Recife fundado em 13 de Maio de 1905.

Sobre a chegada do futebol na Argentina o historiador Julio Frydenberg aponta três vertentes possíveis para explicar tal fenômeno. “una mítica- la de los marineros-, una frustrada- la de los clubes- y una heróica – la de lãs escuelas y la liga”.³⁷ A primeira afirma que o esporte era praticado por marinheiros ingleses, a segunda defende que os sócios do Buenos Aires Cricket Club também praticavam futebol e realizaram a primeira partida em 20 de julho de 1867, por fim há os que defendem que o futebol foi introduzido pelas escola da colônia inglesa.³⁸

Tanto no Brasil como na Argentina a difusão do futebol em suas principais cidades tem, como ponto chave, a vontade que tinham as elites urbanas desses países em se distinguir culturalmente. Muitas práticas culturais europeias foram apropriadas por essas elites e o futebol, inicialmente, era uma dessas práticas. Sobre o caso argentino segue Frydenberg:

“Los modelos distintivos de consumo y prácticas creados por La élite fueron en muchos casos adoptados por otros grupos, que pretendían de esse modo obtener respetabilidad y legitimidad. Todo aquello que fuera visto como uma

³⁵ (Pereira, 2000, p.21)

³⁶ (Santos Neto, 2002, p.30)

³⁷ (Frydenberg, 2011, p.25)

³⁸ Idem.

novidad em París era deseado em Buenos Aires, y a su vez era considerado modélico por otras franjas sociales locales. Así se generaba um clima de esnobismo, por ejemplo dentro de lãs famílias de los grupos em ascenso, que tomaban como ejemplo a los ricos locales. Siguiendo de cerca los gustos franceses, Buenos Aires comenzó a incorporar lãs novedades del mundo anglosajón. Y los clubes recién fundados comenzaron a incorporar La práctica de los deportes ingleses”.³⁹

Como podemos perceber na citação do historiador argentino, não são apenas as cidades que estão se transformando e se modernizando, os comportamentos sociais também são resignificados. No Brasil, o historiador Nicolau Sevcenko descreve o que significava ser moderno no despertar do século XX:

“Ser identificado como moderno implicava necessariamente algum modo de relação com a tecnologia e a atitude individualista, aqui fica claro que essa identificação não prescinde também de uma obrigatória associação com símbolos cosmopolitas, em especial aqueles que conotam origem européia ou norte-americana, consolidando a prática *chic* de ser *snob*”.⁴⁰

O futebol é apropriado por uma elite econômica urbana que o vê como mais uma prática cultural que distinguirá esse grupo de outros e os quais não querem ser relacionados, como aristocratas conservadores ou as classes menos abastadas cidadinas.

“Nesse contexto o esporte, e tudo o que traga suas conotações, se torna de fato um dos códigos mais expressivos para estabelecer os signos da distinção social. Ele surgiu e se impôs como um ritual elitista, revestido dos valores aristocráticos do ócio, do adestramento militar e do *sportsmanship* (cavalheirismo, imparcialidade e lealdade). Ao se apropriar dele a burguesia o traduziria em termos de agressividade, competitividade e imperativo da vitória. O seu prestígio crescente garantiu que as conversões prosseguissem ao longo da escala social. Daí a sua rápida popularização de fins do século XIX até o *boom* dos anos 1920.”⁴¹

³⁹ (Frydenberg, 2011, p.31)

⁴⁰ (Sevcenko, 2010,p. 535)

⁴¹ (Sevcenko, 2010,p. 576)

Esse é o cenário em que o futebol se insere na história do país, com um sentido restritivo que o esporte aporta no Brasil e na América Latina expandido definitivamente suas fronteiras. Segundo Pereira:

“Esse processo se deu por duas vias principais: a sua expansão junto com o capital e a tecnologia britânica, presentes de forma intensa no continente – que se concretizava na presença de trabalhadores ingleses nesses países e na grande influência que a cultura bretã passava a ter sobre eles; e a experiência que jovens estudantes de famílias abastadas teriam com o jogo nos países europeus nos quais iam estudar. Diante disso, poderíamos dizer que a difusão do futebol expressava uma outra face do afamado imperialismo britânico, aparecendo para muitos como um elemento de descaracterização das culturas e tradições locais; melhor, entretanto, tentar entender mais a fundo a lógica desse processo, limitando-nos por hora à simples constatação da grande influência que os hábitos e práticas inglesas começavam a exercer no novo continente”.⁴²

Para entender a expansão do futebol pelo mundo é necessário contextualiza-lo. A Inglaterra do início do século XX era o modelo cultural para muitos países do globo. No Brasil, e na América Latina de forma geral, o futebol adentra de várias formas, mas todas as vias analisadas tem um ponto em comum, são frutos da expansão do modelo capitalista de produção e do imperialismo inglês. Não é provável que o futebol tenha chegado ao Brasil por uma via de mão única. É possível afirmar que as três vias apresentadas, operários ingleses, reforma do currículo escolar proposto pelos republicanos e brasileiros da elite que trouxeram o esporte da Europa, tenham sido concomitantes. Entender como um esporte que inicialmente tinha objetivo pedagógico, por parte de uma elite intelectual e econômica, se populariza de tal forma que muitos oriundos dessas elites o abandonam. Perceber o processo de institucionalização do esporte na cidade do Recife e finalmente analisar os projetos de sociedade que estavam embutidos na ferrenha peleja entre jogadores amadores e jogadores profissionais será a linha condutora deste capítulo.

⁴² (Pereira, 2000, p.26-27)

1.1 A Institucionalização do futebol pernambucano.

“Acta da sessão de Assembléia Geral em 13 de Maio de mil novecentos e cinco. Às 12 horas da manhã, no salão da Associação dos Empregados no Commercio de Pernambuco, gentilmente cedida pelo seu ilustre Conselho (...) achando se presente os srs. Boaventura Alves Pinho, Paulino Miranda, Guilherme de Aquino Fonseca, Alberto Bandeira de Melo, Frederico Rufilo d'Oliveira, Joaquim da Silva Pereira, Augusto Pereira d'Oliveira, Oscar Gonçalves Torres, Guilherme Rodrigues da Silva, Alberto Teixeira Saraiva, Análio de Mello Resende, Carlos de Mello Resende, Sélvio Nery da Fonseca, Osvaldo Nery da Fonseca, Augusto Brandão da Rocha, João da Silva Regadas, Oscar Arthur dos Santos, Carlos D. Von Sohsten, Arthur Nogueira Lima, Albino Pereira Magalhães, Delphim d'Azevedo Palmeira, Eduardo da Silva Coelho, Vicente da Silva, Carlos Menezes, Raymundo C. da Silva Cassundé, Francisco Caracciolo Mages Coelho, Joaquim Loureiro, Augusto G. Fernandes Júnior, Francisco José de Mello, Oscar Amorim, Alberto Amorim, Mário Sette, Elysio Alberto Silveira Sobrinho, foi aclamado presidente da Assembleia geral Sr. Boaventura Alves Pinho”.⁴³

Acima podemos ler a certidão de nascimento do primeiro clube do estado de Pernambuco a ter em seu corpo estrutural um departamento de esportes terrestres, dentre estes o futebol. Estes 33 homens, juntos, foram responsáveis não pela introdução do futebol na capital pernambucana, mas sim pela sua difusão entre a elite urbana em busca de padrões culturais de distinção social. Durante a leitura de alguns periódicos⁴⁴ recifenses do início do século XX observamos a enorme popularidade da qual gozava o Turf, esporte já bem popular na cidade desde o século XIX. Existiam vários prados, sendo o Prado Pernambucano, Hipódromo de Campo Grande, os mais famosos. É considerável, também, o espaço que o remo e o ciclismo tinham nas páginas dos jornais, principalmente nas seções esportivas. Eram comuns as regatas promovidas pelo Clube Náutico Capibaribe, como também as corridas promovidas pelo Velódromo Pernambucano.

⁴³ Arquivo da Federação Pernambucana de Futebol, livro-1.

⁴⁴ Foram consultados os seguintes periódicos: Jornal Pequeno, A Província e o Diário de Pernambuco.

Já a primeira notícia sobre a prática do futebol pode ser encontrada no Jornal pequeno no dia 19 de Maio de 1905, seis dias após a fundação do Sport.

“SPORT CLUBE RECIFE

FOOT-BALL

Convido todos os “footballers” do “eleven” (combinado), a comparecerem no pateo do antigo Mercado do Derby, pelas 6 1/2 horas da manhã de Domingo 21 do corrente para distribuir os personagens, após o grande ensaio, e demarcar o quadro para o “match”, a realizar-se em 4 de Junho próximo futuro.

Recife, 19 de Maio de 1905.

O DIRETOR PROVISÓRIO.

J. A. Fonseca.⁴⁵

Esse é o primeiro excerto de jornal, da cidade do Recife, que traz a palavra foot-ball, no sentido do futebol moderno, o foot-ball association, criado na Inglaterra em 1863 quando é fundada a “Football Association” separando definitivamente o futebol do rugby. Assim o primeiro clube com futebol entre suas atividades⁴⁶ disputaria seu primeiro confronto, tal evento mobilizou a cidade.

Ao se aproximar da data marcada, no dia 22 de junho, outros jornais foram informados do evento e publicaram em suas folhas, informações sobre o mesmo. No dia 18 de Junho A Província publica:

“O Sport Club Recife realiza hoje, às 6 e meia da manhã, o último ensaio do foot-ball, no Derby Club.

A partida geral deverá ter lugar às 4 e meia da tarde do dia 22 do corrente, no mesmo local.

A directoria do Sport club tem dirigido convites à imprensa e pessoas gradas para assistirem naquele dia, a diversão inaugural, que promete ser brilhante”.⁴⁷

⁴⁵ Jornal Pequeno 19.05.1905, fonte citada por ALVES, 1978, p.20.

⁴⁶ Evitamos a denominação “clube de futebol”, pois nesse momento o futebol era um ilustre coadjuvante dentro das atividades do clube, que tinha como carro chefe o remo.

⁴⁷ A Província, 18.06.1905.

Já na terça feira seguinte, dia 20 de Junho, o jornal Diário de Pernambuco revela que recebeu um convite do Sport para que fosse prestigiar a partida que aconteceria no próximo dia 22.

“O Sport Club Recife inaugurara as diversões que pretende proporcionar a seus sócios e convidados, com uma grande partida de Foot-ball que effectuará as 4 1/2 horas da tarde de quinta-feira próxima.

Somo gratos ao convite que para assistil-a nos dirigiu o secretario da directoria, sr. Mario Sette”.

Ao nos basearmos nas fontes supracitadas podemos perceber um esforço grande da diretoria do Sport em divulgar o evento e o esporte que estariam difundindo na capital do estado. E notemos que o futebol recebe uma simpatia dos meios de comunicação, mas essa simpatia inicial não se deve ao esporte futebol, mas sim ao evento que traria um esporte, uma prática moderna, a cidade do Recife. Portanto o futebol, neste contexto, é apenas um detalhe; é possível encontrar a mesma animação para jogos de críquet, rugby e box. Todavia ao longo do tempo o futebol extrapola os limites e se transforma em um jogo/esporte popular entre as mais diversas classes sociais.

No dia do evento os jornais da cidade o noticiam com considerável espaço. O Diário de Pernambuco informa do evento em sua seção esportiva, antes dominada pelo turf e com inserções esporádicas sobre remo. Já a Província publica seu anúncio na seção **Diversões** que nesta edição encontrava-se na capa do jornal. Vejamos:

Sport Club do Recife

Inaugura, hoje, às 4 ½ horas da tarde esta sociedade esportiva, com uma partida de *foot-ball* as diversões que pretendem proporcionar aos seus associados.

O lugar marcado é o campo confronte ao mercado do Derby, em que tomam partena diversão pelo Sport Club: L.F. Latham, L. Parrot, E. Nosworthy, A.G. Silva, Callander, E. Ramiro, G. Fonseca, Coimbra, A. Amorim, J. Oliveira e T Gonçalves; e pelo *English Eleven*: Pratt, Chandler, Dauwson, Pickwood, Clark, Mielar, Rowley, Cook, Brandford, Oliver e Stehelin.

- Referee: A. Moreira Lopes.

- Umpire: A. Chermont,

A companhia Ferro Carril expedirá bondes extraordinários.

A nota publicada na Província anunciava o “match” da seguinte maneira:

Diversões.

Realisa-se hoje no pateo do Derby, às 4 e meia da tarde, o primeiro foot ball match, promovido pelo Sport Club Recife.

No jogo tomarão parte os seguintes srs:

Por parte do Sport: L.J. Latham, L. Parrott, E. Nosworthy, A.G. Silva, Callender, E. Ramiro, G. Fonseca, Coimbra, A.Amorim, J. Oliveira e T. Gonçalves. Por parte dos English Eleven: Pratt, Chandler, Dawson, Pichwood, Claek, Meibar, Rowley. Cook, Brand-fond, Oliver, e Stehelin.

O festival revestir-se-á de muita animação.

Como é possível observarmos é dado ao esporte um espaço considerável na mídia impressa local. O jogo, evento, é visto com bons olhos pelos escritores, além disso, existem dois outros pontos que devemos chamar a atenção. Primeiro o fato de que na matéria publicada no Diário de Pernambuco o jornal chama a atenção para o reforço de transporte público que haverá para que a população possa assisti-lo com a garantia de que terá como ir e voltar de bonde sem problema. Diante disso podemos inferir que era esperado um grande público. Outro ponto importante é o grande número de ingleses que participarão do jogo, obviamente há um time composto apenas por ingleses, mas o próprio Sport conta com sobrenomes que pertencem a estrangeiros ou descendentes. Latham, Parrot, Nosworthy, etc não são sobrenomes tipicamente brasileiros. É interessante que no primeiro⁴⁸ jogo de futebol na cidade do Recife tenha uma grande participação de ingleses, tal dado só reforça a tese de que o futebol já era praticado no Recife antes da volta de Guilherme de Aquino da Inglaterra, sendo Aquino responsável pela difusão do esporte entre recifenses, como também pela popularização do esporte entre a elite urbana da cidade.

⁴⁸ Segundo Givanildo Alves em 1904 houve o primeiro jogo de futebol na cidade, Guilherme de Aquino teria organizado um jogo contra um time formado por funcionários da Great Western, contudo o autor não cita fontes que confirmem o fato e durante o processo de pesquisa não foi encontrado dados no jornais sobre essa partida.

No ano de 1906 nota-se que o futebol esta se desenvolvendo bem na cidade e em crescimento contínuo. A Província destaca esse desenvolvimento além de destacar algumas características importantes do esporte, como também lança uma tese sobre a introdução do esporte no Recife, vejamos:

“Sport Club Recife

A directoria desta associação enviou-nos um convite para assistirmos à reabertura, que pretende fazer amanhã às 4 horas da tarde da estação de foot-ball com um match entre o seu 1.st XI e o do Western Telegraph, no ground do Deby.

A proposito escreveram-nos o seguinte:

Felizmente parece que vão tendo boa aceitação e se desenvolvendo em nosso meio estes jogos sportivos, que nos paizes mais civilizados e mesmo em alguns estados do sul do Brasil se acham em pleno vigor, completando a educação dos moços, e que até bem pouco tempo nos eram inteiramente desconhecidos, porquanto temos cuidado exclusivamente a educação do espirito, deixando inteiramente de lado a educação physica do homem, a qual tão poderosamente contribue para o aperfeiçoamento da raça: não se pode esperar uma prole sã e robusta de indivíduos franzinos e rachiticos.

O sport club, se não nos enganamos, foi quem introduziu nesta cidade o jogo de foot-ball, jogo interessantíssimo e bastante complicado que deve ser de um resultado bastante magnífico para o desenvolvimento physico dos moços.

Pelo que tomos ouvido a respeito do match de domingo, parece que ele será de véras interessante, porque há grande animação entre os sócios do Sport pelo seu resultado, esperando eles que a victoria lhes caiba desta vez.

Buscando, porem, fonte autorizada podemos colher as informações que seguem.

A victoria do sport ainda não parece ser uma realidade neste match, porque o seu XI se acha bastante fraco, como está constituído e vae lutar com sportmens eméritos, como Rowley e Nicol, além de outros, coja força não é ainda conhecida aqui, mas que se acham precedidos de grande fama.

Por parte do XI do sport, havendo comtudo, calma e boas passagens, pode ser que Callender, como foward, secundado por Lundgren e E. Clark, consiga algum goal.

Pode-se também confiar bastante em Chandler e Manoel Guimarães, como full backs, na defesa do goal, do contrario o sport esta perdido, porque o

Coimbra, aliais bom jogador como forward ou half-back, não está afeito ao posto de goal-keeper, que lhe confiaram.

Parece, pois, como já dissemos, que o match vai ser deveras interessante e que o vasto campo do Derby ficará florido com o que há de mais elegante e selecto no nosso high life, em vista do grande numero de convites que o sympathico club tem distribuído.

Consta-nos que a companhia de bonds expedirá carros extraordinários para o Derby de 3 horas da tarde em diante”.⁴⁹

O discurso propagado pelos que fazem o Sport é o de disciplinar os corpos jovens do Brasil republicano, o futebol teria uma função pedagógica nesse contexto. Discurso este baseado, em ideias eugênicas⁵⁰, estava claramente preocupado com o aspecto físico dos corpos e em um suposto “melhoramento da raça”. É importante destacar que este suposto melhoramento era reservado exclusivamente aos “moços”. Isso não significa que as mulheres estivessem alijadas desse contexto, mas o futebol não era o espaço em que as mulheres deveriam desenvolver seus corpos, e isto fica claro, como podemos ver, desde as origens do esporte na cidade.

O colunista acredita que foi o Sport o introdutor do esporte bretão no Recife, ressalva não ter certeza, mas também não parece ser uma questão relevante. O curioso é que para o autor da matéria o Sport seria o “introdutor” do esporte, mas em nenhum momento é questionado o motivo de o adversário ser um time formado por ingleses, que moravam no Recife, tampouco a questão de muitos ingleses comporem o time do Sport. Há questão que levantamos é que mesmo que os ingleses que aqui habitavam praticassem o futebol por serem estrangeiros e por não criarem clubes aberto aos habitantes locais não havia identificação com os mesmos,

⁴⁹ A Província 28 de Abril de 1906.

⁵⁰ Entendemos eugenia como “uma ciência aplicada que busca melhorar a herança genética da raça humana, essa expressão refere-se também a um movimento social que busca popularizar os princípios e práticas dessas ciências. A palavra foi adaptada do grego, no final do século XIX, pelo cientista inglês Francis Galton.

Antes de sua utilização pelos nazistas, nos anos 30, a ideia de eugenia desfrutou de amplo apoio, em círculos tanto liberais quanto conservadores, em muitos países. Isso refletia uma complexa mistura de influências e preocupações. Em parte, era reflexo do crescimento do pensamento racionalista e do interesse cada vez maior pelo planejamento social. Refletia também a consciência de que certas formas de incapacidade social tinham base hereditária. E, finalmente, era um reflexo das influências das teorias raciais.

Nas primeiras décadas do século os proponentes da eugenia concentravam sua preocupação nos custos que representavam para sociedade o retardado e a doença mental e a degeneração moral. Isso levou a defesa da esterilização como meio de impedir que os portadores dessas características as transmitissem às gerações futuras”. (LENSKI, Gerhard *in* Dicionário do pensamento social do século XX)

então não era uma possibilidade viável que fossem eles os introdutores do esporte no estado. O futebol encaixa perfeitamente nos ideais eugênicos, na ânsia de modernidade de uma promissora elite urbana e comercial que tinha projetos de sociedade alheios aos ideais do século XIX. Não podemos tratar os projetos de sociedade de forma maniqueísta ou simplesmente elaborar uma oposição entre o moderno X o antigo. As visões são polissêmicas, mesmo entre a parcela da sociedade que apoiava a ideia de se distinguir socialmente, divergiam em relação às maneiras como seria realizada essa distinção. Na matéria citada acima é possível perceber que o futebol, nesse discurso, traria grandes benefícios, contudo deveria ser restrito a determinados grupos. O evento “ficará florido com o que há de mais elegante e selecto no nosso high life⁵¹” e o meio de garantir isso é a distribuição de convites, limitando e escolhendo quem poderá participar. Essa é a noção que guiará o futebol nos seus primeiros anos de vida na cidade do Recife.

Com o passar do tempo seguindo o desenvolvimento do esporte, vão surgindo novos clubes que adotam o futebol como uma prática esportiva. De forma ilustrativa vejamos uma matéria sobre o nascimento de um novo clube em 1906, um ano após a fundação do Sport.

“Como fora anunciado o Club sportivo pernambucano reuniu domingo ultimo, sob a presidência do sr. João Claudio, dando assim, inicio aos trabalhos sociais do anno corrente.

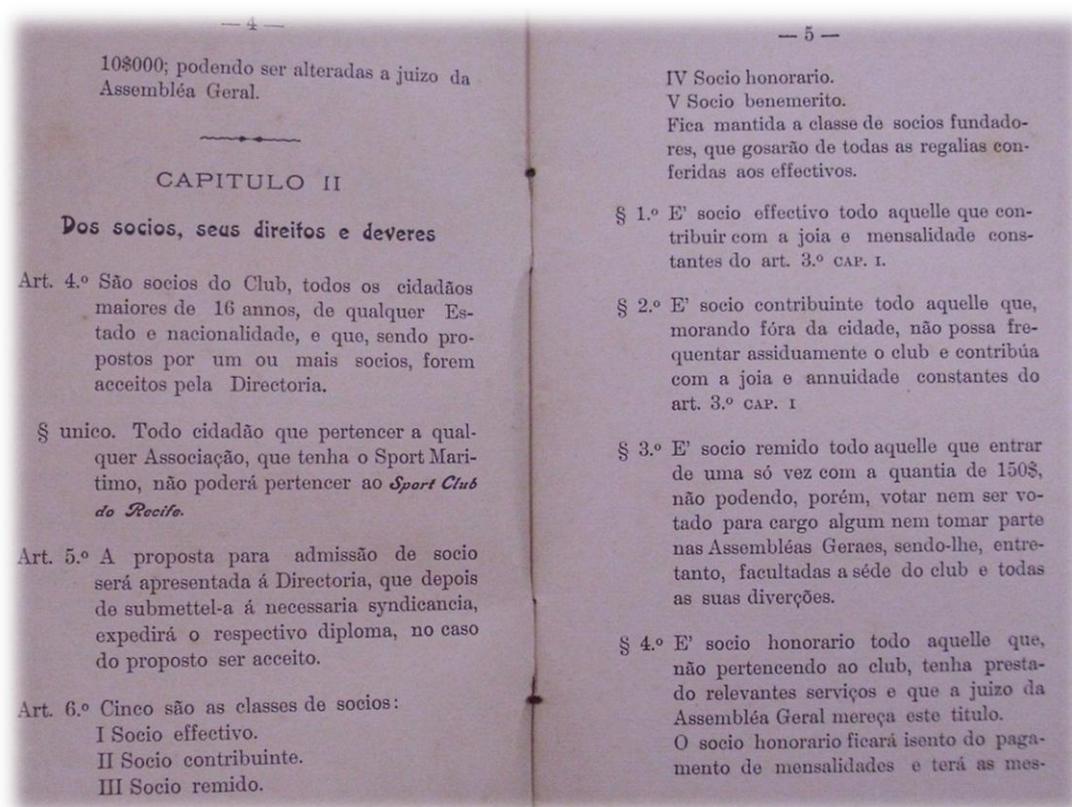
Nessa reunião tratou-se de vários assuntos de grande interesse, ficando marcada para hoje, ao meio dia, outra sessão na qual tratar-se-á da abertura da estação do foot-ball , em Jabotão”⁵².

Percebemos que houve uma tentativa de expansão do esporte pelo estado, mesmo sendo uma cidade vizinha a Recife atualmente, Jaboatão no início do século XX era razoavelmente distante de Recife. Esta tinha limites mais próximos a Olinda. Tentativas de fundação de novos clubes eram frequentes, principalmente a partir do ano de 1909. A grande maioria dos clubes que surgiam não tinham muitas informações divulgadas nos jornais, portanto devido as informações flutuantes não foram possíveis análises profundas sobre os clubes especificamente.

⁵¹ Idem.

⁵² A Província 29 de Abril de 1906.

No ano de 1909 há uma espécie de *boom* de nascimento de clubes no Recife. Olinda foot-ball Clube, o Círculo Católico monta um time de futebol, Cruz Negra Foot-ball Club, Santa Tereza, British Club, Norseman e finalmente o Clube Náutico Capibaribe. Este último já existia como clube náutico desde o ano de 1901, segundo Givanildo Alves⁵³ o clube foi procurado por Aquino para que o futebol fosse implantado no mesmo. Contudo recebeu uma resposta negativa e a partir daí surgiu à ideia de fundar um novo club que seria o Sport. Mais uma vez o autor citado não informa ao leitor as bases fundamentais da construção dos seus argumentos, todavia nessa questão há uma especificidade. No primeiro estatuto do Sport Club do Recife há um artigo, no mínimo, curioso. Observemos:



O artigo quarto parágrafo único foi o que chamou nossa atenção. Ao declarar em suas normas de funcionamento a restrição aos sócios de outros clubes náuticos declara guerra ao único clube que preenchia esse requisito: o Clube Náutico Capibaribe. Uma das rivalidades mais antigas⁵⁴ em nosso país tem nesse documento oficial do Sport Club do Recife sua certidão de nascimento. Nesse

⁵³ (Alves, 1978.)

⁵⁴ O clássico dos clássicos, termo utilizado para os confrontos entre Náutico e sport, é o terceiro mais antigo do Brasil, perdendo apenas para Fluminense X Botafogo e Internacional X Grêmio.

momento a rivalidade era construída na água, nas disputas nas regatas, mas com o tempo a mesma expandiu seus limites passando para o futebol e outras atividades como o Tiro ao alvo⁵⁵.

O surgimento de novos clubes proporciona uma diversificação nos espaço em que o jogo era praticado, além do já conhecido ground do Derby, surgem como opções a Jaqueira, Praça da República, ground de Sant'anna, Santa Tereza, ground do British Club e o Parque 13 de Maio. Podemos perceber que há um processo de expansão do esporte, mas obviamente esse processo não é contínuo, tampouco progressivo; há momentos em que outros esportes como o remo, o boxe e até mesmo o turf, chamam mais atenção do que o futebol e com isso ocupam mais espaço nos periódicos.

Além desse boom de clubes o ano de 1909 é marcante pela adesão do Clube Náutico Capibaribe ao futebol. De acordo com Alves⁵⁶ a motivação seria baseada em informações que dariam conta de que muitos jovens sócios do Náutico estavam abandonando o clube para jogarem futebol no Sport. 25 de Julho de 1909 é o dia do primeiro confronto entre Náutico e Sport, eram empolgantes os anúncios do “match”.

“Foot-ball- Attraente match de foot-ball realiza-se hoje entre o Sport Club do Recife e o Club Náutico Capibaribe às 4 horas da tarde, no British Club.

É o primeiro encontro das duas apreciadas sociedades em um campo de foot-ball. Reina grande entusiasmo e, por isso, certamente vai ser o match muito concorrido.

Os elevens são estes:

Sport Club- (calção branco e camisa encarnada e preta): forwards J.Amorim Jr, Alberto Amorim, C. Chalmers, Logan Griffith, S. Marsh; half-backs – Willie Robson, W. A. Pickwood, F. Fellows; full-backs- W. H. Muller, N.D.T. Oliver; e goal-keeper:L. Latham.

Club Náutico: fowards, João Maia, Americo Silva, R. Mausell, D. Thomaz, H. Grant-Anderson; half-backs- R. Ramage, F. Ivatt, J. Cook; full-backs- H. A. B. Avilla, E. Montague-Smith; goal-keeper: H. King.

Referee o sr. Thomaz Wright⁵⁷”.

⁵⁵ Jornal Pequeno 18.01.1907: A directoria do Club Atlético Caixeiral pretende realizar no próximo dia 02 de Fevereiro, um torneio de tiro ao alvo, devendo tomar parte o Club Náutico Capibaribe e o Sport Club.

⁵⁶ (Alves, 1978.)

⁵⁷ Diario de Pernambuco 25 de Julho de 1909.

Notemos que a partida será realizada no campo do British Club, o clube dos ingleses, mais um indício da influência inglesa em nosso futebol e de que os ingleses já praticavam o esporte antes do retorno de Aquino da Europa. Afinal qual o motivo de se ter um campo de futebol se não o de praticar o jogo? Além do fato de já terem um espaço próprio para a prática do futebol, basta que tenhamos atenção aos sobrenomes dos jogadores que fazem parte do “match”. Muitos sobrenomes, mais especificamente dezessete, possivelmente, ingleses, além do árbitro o senhor Thomaz Wright.

Todavia, o futebol não era unânime, haviam algumas restrições não só ao futebol, mas ao que ele fazia parte, ou seja, uma onda de práticas culturais denominadas como modernas “invadindo” as grandes cidades brasileiras. O futebol, como as práticas culturais, em geral, não está alheio às mudanças sociais há uma ligação intrínseca entre cultura e sociedade que por muitas vezes não é desenvolvida claramente. Em artigo publicado no jornal A Província Dinamérico A.R. Rangel questiona muitas práticas judiciais que estão sendo executadas no século XX, 1909 mais especificamente. Na opinião de Rangel:

“Não há hoje criminoso, por mais vil, ousado, cynico, perverso e perigoso que seja, que não tenha a seu favor esta derimente. Os advogados (e taes liberdades dizem conterem nos amplos domínios da defesa, pelo que desculpas lhe são devidas...) em longas tiradas, baseados em quantos criminalistas positivos e negativos há por este mundo de meu Deus, comovem os senhores do concelho, e muitas vezes para se forrarem ao trabalho e perigo das respostas dos requisitos dos arts. 33 e 34 do supradito código, atiram-se à taboia salvadora e ... não há como vel-os, voltando da sala secreta, os cidadãos gravibundos e solemnes, juízes reconhecendo a privação dos sentidos e da inteligência no momento de commetter o crime...”⁵⁸

A dirimente⁵⁹ a qual o autor se refere é a inovação do júri, o argumento do autor é construído com base na falta de fiabilidade, segundo Rangel, do júri. Para ele não era possível confiar em um organismo composto por pessoas com as características sociais elencadas a seguir:

⁵⁸ A Província 21.09.1909.

⁵⁹ É um sinônimo de excludentes de culpabilidade. Estão previstas nos artigos 21; 22; 23; 26, caput e 28, §1º, todos do Código Penal.

“Mas os cidadãos jurados? Pois é possível que n’uma época de tanto foot-ball; de tantos exercícios phisicos; de tanta instrução francesa; de tanto batalhão patriótico, estejam os meus sustentáculos da sociedade, como quaisquer Maricas, quase chorando com as tiradas tremulas e comovidíssimas dos ilustres patronos, privando-se da inteligência... no momento de procederem com o maior escrúpulo, somente ouvindo a voz de sua consciencia, sem ódio, sem paixão... Meditem cinco minutos os ilustres descendentes dos bandeirantes e pesem bem as consequências que podem resultar de tão fraco quão pernicioso procedimento...”⁶⁰

Para Rangel o problema está claro, como essas pessoas que ao invés de estarem exercitando a mente, estão desenvolvendo os músculos, influenciadas por um apelo patriótico, podem decidir o futuro de um julgamento criminal? Essa é a questão central argumentativa de Rangel, que na verdade não passa de uma constatação empírica de que a sociedade está em mudança. O artigo de Rangel soa como um apelo para que as práticas culturais e sociais supracitadas não se tornem regra, que os valores “tradicionais” do século XIX não sejam simplesmente dissolvidos. Nosso autor participa de um grupo social que está insatisfeito com as mudanças e os rumos que o país está tomando, Demerico Rangel é paulista e seu texto é publicado em São Paulo uma semana antes de ser publicado pela Província. Isto significa que os anseios e perturbações de Rangel não se restringem a cidade de São Paulo, se no Recife foi reproduzida a matéria é porque o jornal contava que haveria leitores interessados.

Alheio as críticas o futebol segue crescendo e se desenvolvendo, o número de clubes que surgem na cidade e em cidades circunvizinhas, como Paulista, Olinda e Jaboatão, não para de aumentar. Em 1910 podemos ver os seguintes nomes nos jornais: Faculdade Foot-Ball Club (formados por alunos da faculdade de Direito), Parnamirim Foot-ball Club, Várzea Foot-Ball, Caxangá Foot-Ball Club, Pernambuco, Benjamin Constant. Já em 1911 surgem o Colégio Americano, Bota Fogos, Tigipió Foot-Ball club, Zig Zag Foot-Ball Club, Fiat, Brazil; Em 1913: Hipodromo Sport Club, Club Sportivo Rio Branco, Palmeiras Torre Foot-Ball Club, Royal Foot-Ball Club, Mercurio Foot-Ball Club, Morenos Foot-Ball Club, Union Foot-Ball Club, Club

⁶⁰ A Província 21.09.1909.

Olindense, Derby Sport; Em 1914: Sport Club Flamengo, Olinda Sport Club, Grêmio de Cultura Física, Cruz Vermelha Foot-Ball Club, João de Barros Foot-Ball Club, Santa Cruz Foot-Ball Club, 3 de Maio Foot-Ball Club, Afogados Sport Club, São Miguel Foot-Ball Clube, Fluminense, Cruz Branca Foot-Ball Club, London Foot-Ball Club, Strong Sport Club, Sport Torre; e finalmente em 1915: Agro Sport Club. Afogadense, Coligação Sportiva Recifense, Veneza Foot-Ball Club, Estrela do Norte, Botafogo, Estância⁶¹. Com esse “boom” de clubes foi quase que inevitável às tentativas de reuni-los em uma instituição que congregasse clubes que tinham interesse em comum. Em 1915 é fundada a Liga Sportiva Pernambucana, hoje conhecida como Federação Pernambucana de Futebol. Todavia, a LSP não foi a primeira, tampouco a única tentativa de institucionalização do esporte bretão no Recife. É sobre esse tema que trataremos a seguir.

Havia certa cobrança da imprensa local para uma organização maior do futebol no estado, um pedido de institucionalização do esporte ao modo que vinha sendo organizado na capital federal. Em um artigo há o pedido expresso do autor por uma instituição que organize o futebol em Recife, vejamos:

“Ao passo que o “foo-ball” progride noutros Estados, em Pernambuco decahe.

O Pará acaba de endereçar eloquente mensagem à proteção da posta dos negócios do interior para disputa de um grande premio: “Taça Pará-Rio-S.Paulo”.

É advogado do assumpto junto ao titular da justiça, o senador federal dr. Arthur Lemos, que vem dedicando ao caso as mais proveitosas sympathias. E Pernambuco?...

Até o “foot-ball” quer possuir “caveira de burro”?!!!

Será falta de um campo?...

É crível que sim.

O “field” do British Club, se bem que não esteja de todo aparelhado para este jogo, é o melhor deles: entretanto, essa agremiação tem jogos sportivos marcados em tabela, para quase todos os domingos e feriados.

E porque não a fundação de uma liga, à semelhança da dos Sports Athleticos do Rio de Janeiro?

⁶¹ Dados retirados de pesquisas nos periódicos da cidade do Recife A Província, Diário de Pernambuco, Jornal do Recife e Jornal Pequeno. O ano de 1912 não trouxe nenhuma novidade em termos de nascimento de clubs.

Então e força de vontade são os elementos da victoria, valentes “foot-ballers”!⁶²

De acordo com o autor (a) do texto o futebol em Pernambuco estava em decadência, comparando com outros centros do país, como o Pará, por exemplo. Pois o Pará já estava, ou ao menos desejava estar, em nível comparado ao eixo Rio-São Paulo no tocante ao nível de desenvolvimento do futebol em seu território. Com a intenção de promover um torneio que unisse os três centros citados, o Pará tinha apoio político a sua causa, um apoio estatal que defendia a causa e a considerava justa. Enquanto isso, para nosso autor (a), Pernambuco estava na inercia, parecendo haver aqui, uma cabeça de burro⁶³ que impedia o desenvolvimento do futebol local, além de uma crítica implícita de que nenhum político intervém de forma que pudesse melhorar a situação.

É citado um problema que é a falta de um campo digno de orgulho na cidade. Outra crítica ao poder estatal que não proporciona um local onde possa ser praticado o futebol em nível de excelência. Por fim é explicitado o problema maior, qual o motivo que impede a fundação de uma liga que venha a ajudar na resolução de todos os problemas supracitados. Observemos que o modelo dessa liga vem da capital federal, o Rio de Janeiro, onde o futebol já contava com um grau de popularidade bastante elevado⁶⁴.

Com frequência alguns jornais chamavam a atenção para, o que na opinião dos mesmos, falta de atividades esportivas no Recife. A título de exemplo observemos este artigo publicado no Diário de Pernambuco:

“Enquanto na capital federal do país a sociedade sportiva (...) brilha, nós aqui em Pernambuco, vamos de pouco progresso em matéria de cultura física.

Não fossem as duas regatas deste ano e as corridas de cavalos aos domingos, poderíamos dizer que o sport quase não existe nesta formosa Mauriceia.

São raríssimos os encontros de foot-ball. E quando se realizam a eles apenas assiste uma meia dúzia de aficionados, notando uma extrema indiferença pelo resultado da prova.

⁶² Diário de Pernambuco 5 de Abril de 1913.

⁶³ Expressão popular que na época significava azar, infortúnio principalmente em relação a negócios.

⁶⁴ (PEREIRA, 2000)

Uma das causas explicativas a essa inércia, é certamente a nossa índole de filhos do Tropic. O clima não nos favoreceu neste particular. Fosse rigoroso em frio ou calor, mas não tivesse esta incerteza. Todas essas alternativas que nos fazem estar constantemente resfriados.

O que, porém, mais avulta é o desprezo que se apregoa pela cultura *physica*. Esquecemos o velho prolóquio: “mens sana in corpore sano”, desdenhamos da máxima (...): “antes de mais nada, devemos ser excelentes animais”

É isto nos faz ser uma multidão de enervados anêmicos, olhar baço, tão em contraste com o aspecto jovial, franco e robusto das raças saxônias”.⁶⁵

Ao analisar o discurso apresentado no texto, não podemos esquecer que este é apenas um dos muitos possíveis, destacamos dois pontos essenciais. Primeiro é quanto à questão climática, há uma discussão forte sobre relativa a essa temática, principalmente entre a relação clima-futebol⁶⁶, era uma preocupação a prática do futebol no calor excessivo do verão recifense, além disso, devido à falta de chuvas os campos ficavam muito secos, com muita poeira. O segundo ponto a ser discutido é a afirmação de que a cidade vivia uma inércia esportiva, esta opinião era baseada em que perspectiva?

Como já foi dito acima desde 1909 ocorre um *boom* de clubes de futebol na cidade, durante a temporada esportiva, que tinha seu início entre Fevereiro e Março, após o carnaval, e tinha seu fim no fim de Novembro ou início de Dezembro, devido à chegada do verão, eram comuns os jogos de futebol em diversos espaços da cidade. É muito improvável que os jogos de futebol ocorressem da forma com que é descrita no texto, a questão é que a definição dos jogos de futebol exposta no artigo pode ser enquadrada em jogos específicos de times específicos, ou seja, times da elite urbana recifense. Portanto quando o autor retrata a apatia nos jogos de futebol se refere ao jogos no campo do British club. Há domingos em que são noticiados nos jornais da cidade convite para cinco jogos que irão acontecer na cidade do Recife ou em cidades vizinhas como Paulista, Olinda e Jaboatão, portanto não é possível dizer que o futebol não estivesse crescendo na cidade e em sua região metropolitana, a questão é que esse não era o crescimento pretendido pelo autor do

⁶⁵ Diário de Pernambuco 18 de Julho de 1914.

⁶⁶ Diário de Pernambuco 29 de novembro de 1914: “Terminada a estação do foot-ball. Já não era sem tempo. De há bastante, temos o verão, com o seu cortejo de sol acabrunhante e terrível calor. Impossível praticar o esporte britânico em um “ground” empoeirado e por essa conduta de agora.”.

texto. Esse desenvolvimento do futebol por várias localidades, sem controle, sem cumprir os objetivos que eram relacionados a prática do esporte, portanto não era o crescimento desejável.

Esse discurso de apatia do futebol somado ao discurso favorável a uma liga baseada no modelo de liga carioca tem como resultado a seguinte reclamação:

“FOOT-BALL

NA RUA

Dois indivíduos desocupados divertiam-se ontem durante o dia jogando “foot-ball” no pátio do mercado.

Terminaram a “brincadeira” às 16 horas, quebrando as vidraças de uma casa das imediações.⁶⁷”

Dessa forma a campanha pró criação de uma liga era para evitar esse futebol descrito acima. Essa “brincadeira” desses “desocupados” era destoante a ideia de cavalheirismo inglês que permeava os espaços em que o futebol era praticado. Não era pra ser praticado na rua e quebrando vidraças que o futebol foi “trazido” ao Brasil, as classes populares estavam “roubando” o futebol das elites que tinham outros planos para o esporte. Portanto, percebemos que o discurso de que o futebol estava em decadência na cidade não é compatível com as fontes. A questão é que ao ser praticado nas ruas, e ter uma popularização em subúrbios da cidade era considerado um atraso. Os que entendiam o futebol como um esporte que educaria os corpos, melhoraria a “raça” brasileira, serviria para se distinguir socialmente e traria ao país noções do cavalheirismo inglês, consideravam um retrocesso.

É nesse contexto que foi fundada a Liga Sportiva Pernambucana⁶⁸ em 16 de Junho de 1915. O João de Barros (futuro América) foi o clube que tomou a frente do processo de formação da liga. De acordo com a matéria publicada no dia 15 de Junho de 1915 na Província é possível confirmar essa informação:

“João de Barros foot-ball – Em sessão ordinária reúne hoje, às 18 horas, esta sociedade sportiva.

Liga pernambucana de foot-ball. – Em sessão preparatória, reúne amanhã, às 18 horas, na estrada João de Barros 19 A, a Liga pernambucana de foot ball.

⁶⁷ A Província 10 de Junho de 1915

⁶⁸ A partir deste momento utilizaremos a sigla LSP para se referir a essa instituição.

A comissão organizadora encarece o comparecimento, dos representantes de todos os clubs sportivos desta capital.”⁶⁹

Após a reunião de fundação aconteceram mais 12 sessões da assembleia da LSP para discutir questões burocráticas da instituição. Após esses encontros e discussões institucionais no dia 1 de Agosto acontece o primeiro evento da LSP:

Inaugura-se hoje a Liga sportiva pernambucana, realizando um match, que decidirá entre os 1º e 2º elevens dos Colligados: Santa Cruz foot-ball club e Coligação sportiva recifense.

Principiará às 14:30, no field do Derby.

Servirão de referee o sr. Getulio e de juízes de goal os srs. José Albuquerque e Luiz Machado Dias, este, pelo Santa Cruz, aquelle pela Coligação.

Além dos clubes supracitados para a partida inaugural, compunham o quadro de filiados as seguintes equipes: Centro Sportivo do Peres, Sport Clube Flamengo, Agros Sport Club de Socorro e estes na condição de filiados contribuían financeiramente para a instituição. Ficou acordado entre os clubes que as mensalidades seriam pagas a partir do mês de Agosto, pois o primeiro jogo marca o início das atividades da LSP. Tal jogo marca também o início do campeonato pernambucano de futebol, tendo como primeiro campeão o Sport Club Flamengo.

A LSP foi à primeira liga de futebol no estado que conseguiu organizar um campeonato com êxito. Houve outras tentativas de fundação de ligas como a “Liga Pernambucana de futebol em 1912, e que, ressurgindo no ano seguinte, também não prosperou por falta de organização. O mesmo tinha acontecido com a Liga Recifense, fazia pouco mais de um ano”⁷⁰. Infelizmente devido aos limites das fontes não podemos explicar as razões que levaram as ligas anteriores ao insucesso. Podemos inferir que um fato teve fundamental importância no florescimento e legitimação da LSP, a vinda de Belfort Duarte a Recife em excursão com o América do Rio de Janeiro. Alves em seu livro sobre a história da Federação Pernambucana de Futebol cita matéria publicada pelo Diário de Pernambuco (05.08.1915) sobre a presença de Duarte em terras recifenses:

⁶⁹ A Província 15 de Junho de 1915.

⁷⁰ (Alves, 2000, pág 12-13)

“Acha-se entre nós o distinto sportman sr. Belfort, presidente da Comissão de Esportes da Liga Metropolitana do Rio de Janeiro, com o fim de consagrar não só os elementos esportivos não só da nossa capital, como também de outras capitais do Norte e no intuito de fundar a Federação Nacional de Esportes. Diversos rapazes, empenhados pelo desenvolvimento do futebol entre nós, acham-se interessados junto àquele cavalheiro para conseguir a vinda de um team da 1ª divisão da Liga para disputar alguns matchs com os nossos players, quer nacionais, quer estrangeiros. O simpático visitante hospeda-se no Hotel Parque e demorar-se-á aqui algum tempo, pois que pretende realizar uns matchs de futebol”.⁷¹

A vinda de Belfort Duarte ao Recife tinha objetivos políticos, a fundação da LSP fazia parte do projeto político de formação de uma entidade que regresse o futebol nacionalmente, a futura Confederação Brasileira de Desportos – CBD. Esse motivo provavelmente ajudou a LSP a se instituir como a “Liga” de futebol em Recife, pois havia outras ligas que atuavam concomitantemente a LSP, mas gozavam de menor prestígio na imprensa local.

A visita da Duarte não Recife, não só, deu força a LSP como o João de Barros em homenagem ao visitante muda o nome para América Foot-Ball Clube, pois Belfort Duarte era um fervoroso torcedor do América do Rio de Janeiro. Portando é no dia 22 de Agosto de 1915 que marca o sepultamento do João de Barros e nascimento do América Foot-ball club. De acordo com Alves a LSP distribuiu na imprensa local o seguinte comunicado:

“Ilmo, Sr. Redactor – Comunico-vos que a assembleia geral extraordinária do João de Barros Futebol, reunida no dia 22p. passado, deliberou a mudança do nome daquela sociedade, que ficou denominada América Futebol Clube. Convicto que esta deliberação em nada modificará as atenções por V.S dispensadas ao antigo João de Barros, espero a continuação das mesmas para o América Futebol Clube”.⁷²

A excursão do América seria um grande acontecimento esportivo na cidade, por entender isso a LSP consegue apoio de comerciantes locais e da prefeitura do Recife⁷³ para realização deste evento.

⁷¹ (Alves, 2000, pág 16)

⁷² (Alves, 2000, pág 17)

⁷³ Livro de Aas da Federação Pernambucana de Futebol, Livro-1.

1.2. Amadores x Profissionais e os projetos de sociedades embutidos.

Há no futebol pernambucano uma característica que diverge um pouco da história do futebol amador em outros centros esportivos como Rio de Janeiro e São Paulo. Na segunda edição do campeonato pernambucano de futebol já é possível identificar uma transferência de jogador. Paulino do América do Rio de Janeiro, que passara pelo em Recife em excursão no ano anterior, é convidado pelo Sport para que disputasse o campeonato pernambucano de 1916 pelo clube. Portanto o futebol institucionalizado, em Recife, já começa com uma visão mais liberal e comercial do esporte. O ideal de corpos atléticos e saudáveis para o melhoramento da “raça” não parece ser homogênea a todas as equipes. Para alguns clubes, sendo os mais incisivos nessa questão Sport e América, o importante seria vencer e se preciso for, incluir jogadores de fora do quadro de sócios tal situação não servirá de impedimento.

Na segunda década do século XX, Recife tinha um surto de bons ventos na economia, nada comparado à importância dos séculos anteriores. A economia açucareira se voltava ao mercado externo gerando grandes lucros aos produtores. A Europa continuava a causar grande fascínio aos recifenses, com isso à cidade inicia várias mudanças em seu espaço urbano. Mudanças estas baseadas nas capitais europeias, reformas no porto, no centro da cidade, demolições, desapropriações de bairros inteiros, calçamento de ruas, construções de praças e mercados públicos alteravam a paisagem da capital pernambucana.⁷⁴

Todas essas mudanças, junto com a chegada de diversas grandes empresas mundiais alteravam o cenário econômico da cidade. Uma classe média incipiente buscava espaço, junto com uma classe burguesa ainda frágil que gradativamente se fortalecia. As duas primeiras décadas do século XX serviram de cenários e experiências modernizantes, únicas até então. Mudanças essas intimamente ligadas à expansão do capitalismo pela cidade.

Neste mesmo período, o Recife tinha uma importância regional destacada, um setor de serviços significativo, apesar das constantes crises que afetavam a economia pernambucana decorrentes da prevalência dos interesses da

⁷⁴ (ARRAES, 1998)

agroindústria açucareira. A sua população teve um crescimento expressivo: dos 113 mil habitantes, em 1900, passou para aproximadamente 239 mil, em 1920. Com uma história que atravessava períodos distintos, possuía desenhos urbanos diferenciados, memórias solenes de tantas lutas e dificuldades. A década de 1920 marca também o futebol pernambucano, já que este se encontra em seu período mais confuso devido a questões políticas e econômicas que demonstram projetos de sociedade de uma elite que dominava a organização esportiva no Recife.

O campeonato pernambucano de 1920 marca a história do futebol na cidade. Sport Club do Recife e América Futebol Clube reforçam seus times com jogadores vindos de fora do estado. Essa estratégia não era inédita, mas dessa vez foi considerada exagerada pelos adversários. Esse movimento de América e Sport chama atenção dos outros clubes filiados a LSP e estes se declaram veementemente contrários. Barbosa Lima Sobrinho, conhecido político recifense, era um dos fervorosos militantes do amadorismo. Esse dirigente ligado ao Clube Náutico Capibaribe se torna um baluarte contra o profissionalismo; para ele, o futebol deveria ser utilizado como recurso educador e moral da sociedade. O dirigente alvi-rubro⁷⁵ desencadeia uma campanha tenaz e vigorosa contra o profissionalismo, segundo Sobrinho “o mal se estendera quando os capitalistas entraram a entusiasmar-se com as partidas de futebol. Ricos, dizia, habituados a crer na onipotência do dinheiro, elevaram a um grau agudo a maleficência a ambição desregrada de vencer.”⁷⁶ Em reunião extraordinária da Liga estas foram as palavras de Lima Sobrinho:

“Pede a palavra o inteligente representante do Náutico o dr. Barbosa Lima, feader da minoria, que depois de varias demonstrações sobre a importação, profissionalismo etc, apresenta um projeto em que pedia o cancelamento dos registros de três jogadores do Sport e quatro do America, considerados para o mesmo como profissionais.

O orador foi muito aparteado no decorrer da sua eloquente oratória, embora na mesma deixasse bem patentes demonstrações de meros caprichos, nada lhe convindo atender porque confiava bastante que a sua prova testemunhável era o suficiente para garantir a vitória do seu projeto violento. Foi uma ilusão”.⁷⁷

⁷⁵ Cores que caracterizam o Clube Náutico Capibaribe, como também seus torcedores.

⁷⁶ (ALVES, 1978. pág 93)

⁷⁷ Jornal Pequeno 28 de janeiro 1920.

No depoimento de Sobrinho vemos uma tensão entre a tradição aristocrática, tendo o clube Náutico Capibaribe como um de seus representantes no esporte, com uma modernidade intrínseca a uma expansão do sistema capitalista de produção. Uma disputa travada na política e na economia agora perpassa estes espaços e adentra ao campo de futebol. Conquistar títulos, independente dos meios, competitividade, superação dos limites são valores liberais identificados com a modernidade. Lembrando que a utilização de jogadores não amadores não era ilegal, era, segundo Sobrinho e seus seguidores, imoral, pois não havia nenhuma regulamentação por parte da LSP, apesar da CBD ser contra, mas esta não fiscalizava suas federações. Os clubes guiados por valores aristocráticos, como Náutico, não desejavam ter que se “misturar” para conseguir títulos, para estes era mais importante se manterem puros, ou seja, contar nos seus times apenas com seus associados. Por fim o projeto que propunha o senhor Barbosa Lima Sobrinho foi rechaçado pela LSP e virou motivo de piadas nos jornais da cidade.

A assembleia proposta pelo Torre na qual Sobrinho proferiu as palavras supracitadas pode ser considerado o ponto de partida da guerra ideológica entre amadorismo X profissionalismo. Em março do mesmo ano A Província publica a seguinte matéria:

“FOOT-BALL

CAMPANHA INGLORIA

Temos o espinhoso dever de comentar os fatos, sejam estes bons ou maus, que apareçam no seio do desporto pernambucano. Afastados, como somos, do partidarismo mesquinho e sistemático, não alimentamos ódios nem intrigas que venham amesquinhar o desenvolvimento do “foot-ball” entre nós. Essa campanha ingrata que ultimamente surgiu no seio da L.P.D.T para combater o mal do profissionalismo, é uma luta inglória.

Os ódios e as intrigas dominam o nosso meio desportivo, desde o fim do ultimo campeonato. Combater o reaparecimento do profissionalismo, com calma e justiça, é um dever; mas, expulsar sem razão esses rapazes que se acham já identificados no nosso meio social, é uma vergonha, é uma baixeza.

A L.P.D.T, pensamos, jamais poderá intervir nessa malfadada questão, uma vez que se aprovou jogos onde se empenharam os conhecidos

profissionais. Seria uma incoerência. Não acreditamos que os distintos “sportmen” de Pernambuco desçam a tanto. Ahi deixamos as nossas palavras crentes de que a L.P.D.T saberá sobejamente harmonizar os ânimos, para o brilho e esplendor do próximo campeonato.”⁷⁸

O argumento utilizado é o do “direito adquirido” que foi o mesmo utilizado por Duarte Dias, então presidente da Liga Pernambucana de Desportos Terrestres⁷⁹, para abafar a questão e não expulsar nenhum jogador, nem do América, nem do Sport.

A discussão era inicial, mas efervescia nos jornais. Várias eram as opiniões sobre o que devia, ou não, fazer a Liga em relação à “praga do profissionalismo”. Os jogadores também ficam marcados com a discussão e quase sempre são vistos de forma pejorativa, vejamos:

“AVES DE ARRIBAÇÃO

Em “foot-ball”, tem o nome de “aves de arribação” todos os jogadores que abandonam os seus antigos clubs por outros. O termo é bem aplicado e veio a proposito. Disseram-nos ontem que vários “foot-ballers” desta capital iam deixar os grêmios a que pertenciam, para defenderem este ano (se a lei do estagio cair, o que não acreditamos) as cores dos pavilhões dos seus antigos adversários. E, conforme dizem, fazem isso a troco de moedas doiradas e petiscos saborosos nos cafés.

É lastimável, pois, isso vem demonstrar unicamente que o profissionalismo está progredindo entre nós. Não acreditamos “in-totum” no que nos disseram, pois, achamos que os “foot-ballers” acusados, jamais venderão o seu character e a sua dignidade.

Os tais “cavadores” andam dizendo que têm dinheiro e tudo ficará arranjado, sem desmoralização, para as suas pessoas, uma vez que “compram conforme vendem”. As “aves de arribação” tomem cuidado e não se iludam com “fitas”. Se assim fizerem, o “tiro” do tal “cavador” ou caçador, sairá pela culatra. Deste modo, as inocentes “avesitas” não ficarão feridas pela vileza do mesmo dinheiro que comprou Cristo e deixou conhecida a infâmia de Judas”.⁸⁰

⁷⁸ A Província 31 de março 1920.

⁷⁹ A LSP decidiu agregar outros esportes como vôlei, tênis, boxe etc, por isso modificou o seu nome para abarcar todos os esportes terrestres, além do futebol.

⁸⁰ A Província 14 de Abril 1920.

É interessante perceber que no discurso acima a culpa do profissionalismo é creditada apenas aos jogadores que como “aves de arribação”, que estão sempre dispostas a migrar. Todavia, nada se fala da participação dos clubes, tendo seus dirigentes como representantes, que participavam das transações. A culpa do profissionalismo é dos jogadores, mas quem os oferece os empregos imorais? Esse discurso culpa apenas um lado e exime os clubes de culpa. Os clubes durante toda a década de 1920 se acusarão de utilizar jogadores profissionais, sendo muitas vezes acusações falsas.

O ano de 1920 é marcado pela crise na L.D.P. T, após inúmeras discussões, assembleias e troca de farpas através da imprensa “a entidade máxima do nosso futebol” resolve suspender o América e mais quatro de seus jogadores acusados de serem “profissionais”. Decidido a não aceitar a resolução da liga o América entende que o melhor a fazer é se retirar. O Jornal Pequeno profere as seguintes palavras sobre o caso:

“O America Foot-ball Club associação desportiva das mais simpatizadas em Pernambuco ou melhor em todo norte do país, a estas horas sente o efeito do seu valor, do seu desassombro e da sua pujança com o forçado afastamento, por sua dignidade, do seio da L.P.D.T

Ferido no seu amor próprio, vendo-se espezinhado o único caminho a seguir, foi o que de fato por ele se enveredou a bem de sua honra e de sua dignidade.

A L.P.D.T mais uma vez confirmamos, foi vitima de sua irreflexão ao agir da maneira precipitada no referido caso.

E... quando no sábado último procurando informar os nossos leitores ouvíamos, a palavra autorizada do ilustrado e acatado professor dr. Joaquim Amazonas representante da vitima junto a assembleia de conselho por ella requerida a L.P.D.T, tivemos a grata, diremos bem, satisfação de vermos confirmados todos os nossos anteriores comentários, quando nelles afirmávamos que aquele poder agindo da maneira que agia violára poder agindo da maneira que agia violara os estatutos que o regem para aplicar um fictício regulamento de penalidades.

Diziamos portanto a verdade, muito embora os adversários do América proclamassem aos quatro ventos que através das nossas vidraças apaixonadas, um dia convenceremo-nos-ia de que elaborávamos em erro.

E a prova de que o tal regulamento não podia vigorar ainda, está na retificação ou ratificação que os srs da maioria do conselho propuzaram e

aceitaram ante a preliminar e irrefutável do ilustre representante do América para fazerem desaparecer no processo os termos de acordo com o Regulamento de Penalidades para de acordo com os primitivos estatutos.

Mas havia firme propósito a imperar naquele cenáculo o processo da rolha... Nada devia ouvir-se nem tão pouco atender-se, desde que constituísse defesa para o América.

O que devia prevalecer era a soberania do conselho, quer tivesse estes andando regularmente ,quer tivesse violado os dispositivos dos estatutos que subjugam a L.P.D.T

Hoje, aqueles apóstolos da violação do direito devem sentir o influxo da sua desastrada vitória, mas amanhã ao reconhecerem o caminho transviado que tomaram talvez venham a sentir arrependimento do seu ato irrefletido e injusto.

A comedia talvez se transforme em tragédia!! ...

Do riso ao constrangimento.

As irreflexões sempre brotam estes frutos.

Demos tempo ao tempo e tudo se clareara.

Para adiante os desleixos servirão, por enquanto, não, porque a Liga... não admite defesa” .⁸¹

O discurso utilizado pelo autor (a) do texto é favorável ao América, o que não quer dizer que compactue com o profissionalismo. Esta é uma questão bem peculiar, já que não existem apenas duas opções possíveis, ser a favor ou contra o profissionalismo. Antes de qualquer coisa é preciso definir o conceito de profissionalismo, após análise baseada em informações retiradas da imprensa local, o profissionalismo: no contexto pernambucano da época, se configurava quando eram utilizados jogadores que só se tornaram sócios do clube para este fim e que recebiam algum benefício para tal, poderia ser financeiro ou qualquer outro tipo de benesse. Como podemos perceber é muito difícil provar que um clube estaria utilizando da “importação” ⁸² o que gerava inúmeros desentendimentos semelhantes aos descrito acima. No caso supracitado é possível inferir que o autor (a) seja simpatizante do América e portanto sua defesa se baseia no modo como a Liga trata o caso, segundo ele , com muita intransigência. Mas em nenhum momento se toca na questão central: eram ou não profissionais os jogadores punidos? O “enxerto” de jogadores revela uma mudança no sentido que tinha o futebol naquela sociedade, ou

⁸¹ Jornal Pequeno 26 de Julho de 1920.

⁸² Nome dado ao que hoje seriam as transferências.

melhor, não é uma mudança de sentido, mas sim uma pluralização dele. O intuito inicial de educar os corpos e toda ideologia eugenista que fundamentava a ideia, ao passar do tempo, vai se pulverizando e surgindo novos sentidos ainda inesperados, o ideal liberal de vencer e conquistar títulos e o futebol praticado nas ruas são exemplos da pluralização de sentidos.

Esta disputa entre amadorismo e profissionalismo perdurou por toda década de 1920 até 1933 quando é regulamentada a profissão de jogador de futebol⁸³. Em alguns momentos as disputas eram mais acirradas em outros se acalmava dependia muito dos resultados em campo. O interessante é perceber nesta disputa referente ao futebol aspectos da sociedade recifense do período. Essa dualidade entre amador e profissional expressa uma disputa política de projetos de sociedades que invade o futebol. Elites mais conservadoras entendem que o futebol deve ser utilizado para educar o corpo dos jovens e lhe fornecer uma educação moral baseada no cavalheirismo inglês. Já uma incipiente burguesia não enxergava nenhum problema em patrocinar jogadores que fizessem do seu time o melhor da cidade, percebiam em tal atitude um bem para o futebol estimulando a competitividade do mundo capitalista.

Nos anos seguintes Sport e América voltam a dividir os títulos pernambucanos entre si e com o Torre, clube que se aproveitava das confusões entre clubes e L.P.D. T para conquistar os títulos de 1926, 1929 e 1930. Portanto, excluindo Sport e América, um time que gozava de grande apreço pela sociedade pernambucana só seria campeão em 1931 e este é o Santa Cruz, sendo BI em 1932 e TRI em 1933. Feito este só conseguido antes pelo Sport no período de 1923-25. Durante a campanha do TRI o Santa Cruz também foi acusado de ter em seu elenco jogadores “profissionais”, contudo o sistema amador já estava com os dias contados sendo encerrado oficialmente em janeiro de 1933 no Brasil, mas que é apenas oficializado no Recife em 1937.

A imprensa pernambucana tem participação efetiva na discussão entre amadorismo e profissionalismo, mas as ideias não são, e nem poderiam ser, homogêneas. Havia os que defendiam o amadorismo até as últimas consequências, outros que apoiavam justamente o contrário e ainda pessoas que vagavam entre uma posição e outra a depender da situação. Há, por exemplo, um grupo que

⁸³ o primeiro contrato de futebol aceito pela LPDT data do ano de 1937

avaliou que o futebol não estava cumprindo o papel que se esperava dele, educação do corpo, melhoramento da raça, etc. Diante desse fato esse grupo resolveu criticar o futebol e ser contra a prática do esporte. Um nome chama-nos a atenção: Samuel Campello⁸⁴ jornalista com coluna fixa na Revista da Cidade, sempre que podia, alfineta o futebol, vejamos:

“Porque este tal de jogo importado da Inglaterra está ficando cada vez mais cabuloso. Cabulosíssimo! A gente não pode dar mais um passeio aos arrabaldes com a família, num dia de domingo, porque em quase todo arrabalde há, jogo e os bonds vão cheios de rapazes mal cobrindo as coxas, discutindo acaloradamente ou fazendo um berreiro danado de vivas aos vencedores. Um inferno!

Além disso, futebol não desenvolve o físico de ninguém jogado como é entre nós, em qualquer época do ano num clima abrasador. Salvo se querem o desenvolvimento dos pés grandes e das gambias finas”⁸⁵.

Campello percebe que o futebol não cumprirá o papel a qual foi destinado ao torna-se um jogo popular demais, é esse o argumento do autor. Ele constrói seu argumento central com base em questões sociais como as imoralidades das roupas e o comportamento inapropriado nos locais públicos. No final, quando Campello defende certos esportes, parece claro que está incutida a ideia de esportes como forma de se distinguir socialmente, como o futebol perdeu esse poder ao longo do tempo, ele não serve mais. As apropriações que a população fez em torno do futebol foram muito plurais, o futebol é polissêmico nesse sentido, sua prática se tornou diversa, mesmo com a institucionalização com as Ligas ele “fugiu” do controle, e a luta pela hegemonia cultural desta prática gerou inúmeros conflitos, a própria dualidade entre profissionalismo x amadorismo advém de apropriações distintas do esporte. Uma parcela mais conservadora, com resquícios de valores do século XIX opta pelo amadorismo, uma parcela social mais ligada a interesses do liberalismo e mais próxima a noção do capitalismo abraça o profissionalismo.

⁸⁴ Famoso teatrólogo pernambucano, estudou direito, foi promotor no interior do estado e participou, junto, a Gilberto Freyre, do Movimento Regionalista de 1926. Fonte: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=408&Itemid=1

⁸⁵ Revista da Cidade, ano 4, n.152.

Existe um discurso baseado nos mesmos argumentos de Campello, porém com conseqüências, em termos de soluções, distintas. É um discurso que gosta do futebol, defende sua prática, todavia não concorda com os rumos que o esporte tomou, é contra o profissionalismo e a popularização do esporte. Analisemos esse artigo:

“O foot-ball foi sempre, desde os áureos tempos em que apareceu entre nós, o esporte de maior entusiasmo. Chegou mesmo a haver uma época em que esse entusiasmo culminou, preocupando o “jogo da pelota”, como lhe chamam os doutos cronistas da imprensa diária, toda a gente elegante e dina da cidade e dos arredores.

Era fatal, porém, que teria de chegar, fosse quando fosse, uma fase de esmorecimento. Chegou quando os mais ingênuos ou os menos avisados estavam supondo ainda que nunca mais arrefeceria o entusiasmo em Pernambuco pelo foo-ball. De um divertimento entre rapazes finos e para um publico mais ou menos selecionado, passou o foot-ball a ser meio de vida.

Caiu vertiginosamente em descredito como não podia deixar de cair, naturalmente, qualquer empresa que se propusesse, embora com remuneração vantajosa, a aumentar nas ruas o numero de vagabundos... De ter sido uma queda das mais desastradas é que não há a menor dúvida. E se não bastassem, para afirmar isso, os sucessivos fracassos que, por deficiência técnica, tem sofrido ultimamente as cores do nosso Estado, estaria ai o jogo oficial do ultimo domingo em que, pela cor da “torcida” e da assistência rala que assistia a pugna se teria dessa asserção uma prova irrefutável...”⁸⁶

Nesse discurso fica claro que o futebol tinha se popularizado e desse processo nasce o profissionalismo. A sociedade moderna proporcionou outros sentidos para o futebol, no discurso supracitado há uma implícita saudade dos tempos em que o esporte era controlado e tinha um sentido único, hegemônico. Além da questão social, de vagabundos que utilizariam o futebol como veio de vida, assim desvirtuando os ideais esportivos, é clara uma questão social quando se discute a “cor” da torcida. Em uma sociedade recém-saída da escravidão era improvável que não existissem conflitos relacionados a essa questão, portanto o futebol, como prática cultural, não estaria à parte destes conflitos presentes no seio social.

⁸⁶ Revista da Cidade, 1926, N.29.

Todas essas características da história do futebol pernambucano refletem questionamentos presentes no seio da sociedade pernambucana, que difere da carioca e da paulistana, por exemplo. O futebol torna-se, como pudemos observar no caso de Sobrinho, um novo espaço onde são discutidos problemas da sociedade pernambucana. Problemas ligados, na verdade, a diferentes projetos de sociedade. Disputa composta por um grupo heterogêneo que se formava no Recife urbano e buscava seu espaço na sociedade, contra um grupo hegemônico que se agarrava em uma tradição como pedra fundamental de afirmação de seu poder e prestígio social. Era a modernidade chegando e acarretando problemáticas nunca vistas antes. O futebol é fruto dessa modernidade, portanto não poderia estar fora de todo este processo. O futebol acompanha as questões sociais, participa das aflições e questionamentos da sociedade.

CAPÍTULO 2

OS RECIFES, POSSIBILIDADES E PROJETOS DE SOCIEDADE.

O Recife do início do século XX constrói um cenário muito diversificado. É um momento de mudanças, e principalmente, de discussão dos rumos que terá o estado de Pernambuco e a sua capital. A cidade do início do século XX traz um cenário extremamente complexo, devemos levar em consideração que é a primeira vez na história da antiga capitania que o centro econômico e político estão centralizados na capital. A cidade se torna um atrativo para diversos grupos sociais que tem como objetivo uma melhor sobrevivência. Esta será o ponto chave da discussão, após vários eventos de ordem nacional como Abolição da Escravidão, Proclamação da República e a Imigração Europeia e eventos de modificaram a estrutura local como a crise dos engenhos de cana de açúcar, a formação das usinas, o crescimento econômico da capital tornando-a atrativo para uma população rural, fazem parte do contexto social da sociedade a qual estudamos⁸⁷.

Em 1827 Recife torna-se a capital da Província de Pernambuco e desde então vai se consolidando como principal cidade do estado. Sob a administração do Conde da Boa Vista construíram-se pontos ligando as três principais ilhas da cidade, estradas de ferro foram feitas com intuito de diminuir distâncias entre as ilhas centrais e locais suburbanos como Caxangá, Apipucos e Olinda, antiga capital da Província. É possível observar que desde o século XIX houve um desequilíbrio de crescimento econômico e populacional entre Recife e outros centros urbanos do estado. Em 1920 Recife era dez vezes mais populosa que Olinda, a segunda cidade mais populosa do estado, que era considerada subúrbio domiciliar de Recife⁸⁸.

Economicamente o estado de Pernambuco estava em um momento de transição entre o Engenho e a Usina. A cana de açúcar, produto mais lucrativo da região desde os tempos coloniais, continuava ainda no século XX no centro da economia pernambucana. Contudo o modelo de exploração econômica da cana de açúcar não mais é exportação do produto primário, agora com as usinas o processo de refinamento da cana é realizado dentro dos limites territoriais do estado. Nesse processo muitos engenhos deixaram de fazer o refinamento de forma manufatureira para se tornarem *banguês*, ou seja, apenas produtores da cana de açúcar, aposentando os velhos moinhos⁸⁹.

⁸⁷ Mais informações sobre a cidade do Recife no início do século XX ver Arraes 1998 e Levine 1980

⁸⁸ Idem.

⁸⁹ Sobre o processo de diversificação econômica da cidade do Estado de Pernambuco e da cidade do Recife ver Levine, 1980.

A elite agrária pernambucana optou por permanecer no modelo da monocultura, mas agora exigia do estado investimentos para compra de maquinaria e construção de estradas de ferro. Segundo o historiador americano Robert Levine:

“Na década de 1880, o governo imperial embarcou num plano de mecanização dos grandes engenhos (engenhos centrais) com ajuda oficial. Quando o programa fracassou, as autoridades passaram a subsidiar usinas, modernas refinarias de açúcar.”⁹⁰

Percebemos, portanto, que a transição do século XIX para o século XX é marcada pela chegada da modernidade. Compreendemos esta no sentido atribuído por Berman:

O turbilhão da vida moderna tem sido alimentado por muitas fontes: grandes descobertas nas ciências físicas, com a mudança da nossa imagem do universo e do lugar que ocupamos nele; a industrialização da produção, que transforma conhecimento científico em tecnologia, cria novos ambientes humanos e destrói antigos, acelera o próprio ritmo da vida, gera novas formas de poder corporativo e de luta de classes; descomunal explosão demográfica, que penaliza milhões de pessoas arrancadas de seu habitat ancestral, empurrando-as pelos caminhos do mundo em direção a novas vidas; rápido e muitas vezes catastrófico crescimento urbano; sistemas de comunicação de massa, dinâmicos em seu desenvolvimento, que embrulham e amarram, no mesmo pacote, os mais variados indivíduos e sociedades; Estados nacionais cada vez mais poderosos, burocraticamente estruturados e geridos, que lutam com obstinação para expandir seu poder; movimentos sociais de massa e de nações, desafiando seus governantes políticos ou econômicos, lutando por obter algum controle sobre suas vidas; enfim, dirigindo e manipulando todas as pessoas e instituições, um mercado capitalista mundial, drasticamente flutuante, em permanente expansão⁹¹.

Definir um marco inicial desse processo na cidade do Recife seria leviano, mas podemos afirmar sem problemas que o processo de modernização da capital pernambucana perpassa pelo final do século XIX e início do século XX. Todavia é possível concordar com o historiador Raimundo Arraes quando o mesmo afirma que:

⁹⁰ LEVINE (1981, pág. 63)

⁹¹ BERMAN (1986, p.16)

“A usina representou em Pernambuco, o esforço modernizador do início do regime republicano. Em seus primeiros vinte anos, com o apoio do estado, em particular no governo Barbosa Lima, as usinas prosperaram, expandindo sua capacidade, introduzindo maior racionalidade no processo produtivo.⁹²”

A cidade do Recife, ao passar a ser o centro econômico do estado atrai uma grande população que se vê sem oportunidades no interior do estado. Com isso há um aumento populacional considerável, como já vimos no capítulo anterior. Esse aumento populacional acarretou transformações visíveis na constituição da cidade como o processo de higienização⁹³ do centro da cidade que demoliu diversas pensões e casebres do centro, expulsando seus habitantes para os subúrbios, gerando, assim, uma proliferação de mocambos, casebres e pensões principalmente na zona norte da cidade. Outros problemas aumentaram de grau, como a mendicância, abandono de menores nas ruas, números de mortalidade, precarização das condições sanitárias em áreas afastadas do centro. Essas reformas urbanas no centro da cidade tiveram como modelo as reformas modernizadoras que aconteciam na capital federal de então, o Rio de Janeiro, promovida pelo presidente Rodrigues Alves e pelo prefeito Pereira Passos. Além da questão supracitada é importante levar em consideração os fatores econômicos que impulsionaram tais reformas as reformas foram iniciadas no Porto do Recife e em seus arredores, o crescimento do núcleo portuário se tornava imprescindível já que os centros comercial e financeiro cresciam de forma exponencial.

A base da economia urbana do Recife era fundamentalmente composta pelos lucros oriundos do comércio, de atividades da intermediação financeira e pelas rendas geradas pelas primeiras indústrias instaladas na região central da cidade. De acordo com Cátia Lumambo:

“O surgimento de indústrias em Pernambuco, além de promover uma diversificação do sistema produtivo, acarretou uma alta concentração populacional no Recife, e uma conseqüente expansão urbana, entre meados do século XIX e o início do século XX. A esta época, o Recife já apresentava um mercado de consumo considerável. A população do núcleo

⁹² ARRAES(1998, p.47)

⁹³ Para maiores informações ver LUBAMBO (1991)

urbano mais do que triplica entre meados do século XIX e a primeira década deste século.

A expansão urbana, inclusive, foi acompanhada de uma substituição das atividades que ocupavam os diferentes bairros. No início do século XX, o Bairro do Recife concentrava o comércio importador e exportador, as finanças nacionais e estrangeiras e os serviços públicos básicos, como o transporte ferroviário e marítimo e as comunicações. Era evidente o congestionamento de funções no Bairro, que abrigava cerca de 13.000 residentes distribuídos entre 1.180 casas e sobrados.⁹⁴

Portanto a cidade vai abarcando uma nova gama de pessoas com objetivos variados, contudo com sua mudança impulsionada pelo desenvolvimento econômico citadino. Essa população que vai se acomodando no Recife procura na cidade novas oportunidades de vida, que só foram possíveis com a construção da cidade moderna. De acordo com Levine é no ano de 1907 “que o ritmo da indústria acelerou-se⁹⁵”, principalmente a indústria têxtil, ainda que nesse momento a produção fosse rudimentar, como sacos de açúcar, por exemplo. Aos poucos outras indústrias chegaram à região e praticamente todas se fixaram no litoral. Em 1906 existiam duas fundições de ferro e várias pequenas indústrias com variados fins, mas a maioria de propriedade de estrangeiros. O capital estrangeiro foi de extrema importância para o processo de industrialização da cidade, de acordo com Arraes:

O capital europeu teve no Recife, como no resto do país, após a segunda metade do século XIX, campo largo de investimentos, acentuadamente nas obras públicas. Através do capital estrangeiro, notadamente inglês, o Recife vai receber, depois de meados do século XIX, uma sequencia de equipamentos modernos: água canalizada, trecho Recife-Cabo da Estrada de Ferro Recife-São Francisco, Estrada de Ferro Recife-Olinda-Beberibe, serviços de bonde de tração animal, serviço telegráfico, serviço telefônico manual, de tal forma que em 1900, sob certos aspectos o Recife já podia ser chamada de cidade moderna⁹⁶.

Com o crescimento da cidade outros setores vão se desenvolvendo de forma concomitante, como o comércio, bancos e serviços. Novas demandas são criadas a

⁹⁴ LUMBAMBO(1991,p.53)

⁹⁵ LEVINE, 1981, pág70.

⁹⁶ ARRAES (1998, p.44)

partir da construção de hábitos citadinos como frequentar cinemas, teatros, associações de lazer, clubes de futebol, passeios por determinados locais da cidade como a Rua Nova⁹⁷, etc. Entendemos modernização conforme destaca Nestor Canclini; um processo socioeconômico que vai construindo a modernidade, e os modernismos enquanto projetos culturais que renovam as práticas simbólicas com um sentimento experimental ou crítico⁹⁸. Portanto os hábitos modernos que foram se propagando na cidade do Recife eram construções sociais pertencentes ao período. Essas construções se davam através de uma oposição a hábitos do século XIX considerados, agora, como “tradicional”. Portanto, pensar em um projeto moderno de sociedade para o Recife do início do século, era uma das possibilidades permitidas pelo momento histórico, pelo contexto social. O futebol também é fruto da modernidade, faz parte do processo de expansão do sistema capitalista pelo mundo, nesse momento na América do Sul. Devido à grande influência inglesa na economia mundial e o maciço investimento no Brasil, muitos imigrantes ingleses aportaram em nossas terras e em suas malas trouxeram alguns hábitos culturais, a prática e a paixão pelo futebol são exemplos claros.

Portanto, praticar futebol, ir ao cinema, tomar o chá das cinco, o *footing* na Rua Nova, se tornaram hábitos de uma parcela da população que se identificava com o projeto de modernidade. Devemos lembrar que essas novas práticas culturais garantiam um status de distinção aos seus praticantes. Diante de todo crescimento populacional da cidade e as novas ofertas econômicas muitas famílias aumentaram consideravelmente seu poder econômico, mas jamais poderiam adquirir um status político através de um sobrenome considerado tradicional, ou seja, um sobrenome do século XIX que precedesse a pessoa, mas que exaltasse a família e o identificasse-o como integrante de uma elite agrária e latifundiária. Como para uma burguesia urbana esse sobrenome em muitos casos não era uma possibilidade, uma forma de distinção social era na maneira de se portar, se diferenciar através dos hábitos e gostos culturais. E sem dúvida alguma muito do impulso inicial do futebol em nosso país, e na cidade do Recife, foi fundamentado na premissa de distinção social e cultivo de hábitos do cavalheirismo inglês. Todas essas questões supracitadas não são aleatórias, fazem parte de um projeto de sociedade no qual a

⁹⁷ Rua Nova era bastante comentada nos periódicos analisados por causa de suas cafeterias, lojas que importavam produtos principalmente da Europa.

⁹⁸ CANCLINI (1998)

modernização é o ponto central, esta baseada em conceitos como o de Liberalismo econômico, racionalismo e individualismo. De acordo com Pierre Bourdieu:

“Para compreender a distribuição da prática dos diferentes esportes entre as classes, seria necessário levar em consideração a representação que, em função dos esquemas de percepção e de apreciação que lhes são próprios, as diferentes classes têm gasto (de ordem econômica, cultural e “física”) e benefícios associados aos diferentes esportes, benefícios “físicos” imediatos ou diferidos (saúde, beleza, força – visível com o culturismo, ou invisível com o higienismo, etc), benefícios econômicos e sociais (promoção social, etc.), benefícios simbólicos, imediatos ou diferidos, relacionados com o valor distribucional ou posicional de cada um dos esportes considerados (...), benefícios de distinção proporcionados pelos efeitos exercidos sobre próprio corpo ou pelo acesso a grupos altamente seletivos, obtidos pela prática de alguns deles.^{99,}”

Em uma projeção inicial, o futebol era visto como uma forma de se distinguir socialmente, uma classe formada por uma elite econômica urbana que planejava se diferenciar da arraia miúda, pelo menos esse era o plano inicial.

Em contra partida a esse grupo modernizador é possível reconhecer o grupo dominante no século XIX, formado por latifundiários aristocráticos rurais, que não enxergam a modernidade com bons olhos. É um grupo que ainda é economicamente forte no início do século XX, pois o Estado investe muito dinheiro na produção de açúcar, como também na industrialização do processo produtivo. As principais críticas são nas questões culturais, pois com os conceitos de liberalismo, individualismo e racionalismo em voga, esse grupo passa a se deparar com situações que são inimagináveis no século XIX em Pernambuco. Primeiro há a mudança do centro econômico que antes era descentralizado dividido por várias lideranças locais e agora se encontra centralizado na cidade do Recife. Essa mudança acarretou várias outras, principalmente em comportamentos culturais, alguns já discutidos acima.

Em Pernambuco, de acordo com Levine, “a elite pernambucana permanecia, como a mineira, homogênea e fechada¹⁰⁰”. Assim famílias da aristocracia rural buscavam sempre aumentar seu grau de influência agregando aliados. Um meio

⁹⁹ BOURDIEU (2011, p.25)

¹⁰⁰ LEVINE(1981, p.166)

muito comum para esse fim era o casamento, um exemplo claro é o de Rosa e Silva que alavancou sua carreira política ao se casar com a filha de um visconde. Desde o Império há uma preocupação dessa elite política¹⁰¹ em controlar o aparato estatal, portanto os funcionários públicos ou faziam parte desse grupo ou era indicado por ele.

Esse grupo detinha o poder político-econômico, até o século XX, sem nenhuma concorrência. Porém, com as novas possibilidades advindas da economia moderna há a evolução econômica de uma elite urbana: o comércio e as pequenas indústrias, por exemplo, oferecem novas maneiras de crescimento econômico que não estão necessariamente ligadas a produção agrícola. Culturalmente a aristocracia rural era uma parcela da população mais conservadora, mais resistente a mudanças. Na questão do esporte era um grupo que apreciava muito o Turf, esporte mais popular do Brasil no século XIX e tendo na cidade do Recife sua segunda maior praça, perdendo apenas para capital do país a cidade do Rio de Janeiro¹⁰². Segundo Lucena:

“a sociedade recifense, ao comparecer às corridas, protagonizava uma espécie de ritual simbolizando a confirmação de sua posição social e status de elite, comparecendo vestidos a rigor: os homens trajando casaca e chapéu; as mulheres trajando vestidos longos, luvas, chapéus e joias como símbolo de ostentação, luxo e poder: o Jockey Club de Pernambuco podia comparar-se a uma passarela por onde a nata da mais alta classe da sociedade recifense desfilava, para prestigiar o grande evento desportivo daquela época.”¹⁰³.

Integrantes desse grupo, inicialmente, terão uma resistência ao futebol, contudo após o crescimento do futebol na sociedade recifense essa negação ao esporte perde muita força. Alves afirma que:

“Os pouco brasileiros educados na Europa, como ele (Guilherme de Aquino), que conheciam e já haviam praticado o futebol, recusavam-se em auxiliá-lo, uns porque os pais não consentiam, outros porque os preceitos

¹⁰¹ Entendemos o termo “elite política” como definição de Robert Levine: a elite política é um grupo definido de detentores de importantes posições nos partidos e nos governos dos Estados, nos anos que vão da proclamação da república ao Estado Novo. Assim, do ponto de vista estatístico, a elite é uma população mais do que uma amostra”. LEVINE(1981,p.245)

¹⁰² MELO(2001, p.58)

¹⁰³ LUCENA in MELO(2010 p.274)

sociais dominantes repudiavam a até se achava ridículo um homem de calção correndo atrás de uma bola. Ele chegou a ter vários entendimentos com os dirigentes do Náutico, tentando convencê-los a aderirem ao novo esporte, mas sempre se deparava com um grupo contrário que, tendo à frente o influente Bento Magalhães, recusavam seus esforços, sob o argumento de que o Náutico era destinado exclusivamente à prática dos esportes aquáticos e que, além disso, o futebol não era esporte e sim troca de pontapés.^{104,}

Na visão de Alves, já discutida no capítulo anterior, Aquino seria o responsável pela chegada do futebol a capital pernambucana, e diante das negativas do Náutico em abrir um departamento de esportes terrestres, ele une alguns amigos e funda o Sport. Mas a questão levantada aqui por Alves é de que o clube Náutico na figura Bento Magalhães rejeitou a proposta de Aquino. Magalhães, além de dirigente do Náutico, era apreciador do Turf e um dos seus maiores apoiadores. Sendo conhecido pelas doações que fazia sempre que o Jockey Clube de Pernambuco passava por dificuldades financeiras. Identificamos ai uma questão cultural: na visão de Magalhães o futebol não era um esporte adequado as aspirações do clube, como o Remo e o Turf, por essa questão um clube tradicional como o Náutico não poderia estar envolvido com o futebol.

Em 1909 o Clube Náutico Capibaribe adere ao futebol, é na gestão do presidente Ernesto Pereira Carneiro que é criado o departamento de esportes terrestres. O encarregado de dirigir tal departamento foi Camilo Pereira Carneiro. O presidente motivou sua decisão no intuito de “não mais ver os rapazes do Náutico, treinando futebol na campina do Dérbi, como os jornais vinham noticiando quase todos os dias¹⁰⁵.” Contudo, mesmo aderindo ao esporte bretão, a interpretação que a elite agrária fará do futebol será fundamentada na Eugenia: o futebol será admitido como uma forma de modelar os corpos dos jovens brasileiros que são a esperança de um futuro melhor. Será uma forma de desenvolver, no Recife, os valores do cavalheirismo inglês, já que foram eles os criadores do futebol. Assim a maioria dos indivíduos que compartilham dessa visão serão mais conservadores no sentido de competição, e serão defensores do amadorismo, pois este seria o ideal a ser seguido, e resistentes ao profissionalismo, pois o futebol não poderia ser entendido

¹⁰⁴ ALVES (1978, p.16)

¹⁰⁵ ALVES(1978, p.24)

como forma de trabalho ou de qualquer tipo de remuneração. O Náutico será o maior exemplo desse tipo de agremiação.

A I Guerra Mundial provocou a mudança de pensamento de uma parcela da população, indivíduos que entendiam a modernidade e o racionalismo como uma forma de progresso e inspiravam muitos de seus hábitos culturais do continente europeu, começaram a questionar suas práticas. A mais famosa forma de questionamento foi a Semana de Arte Moderna de 1922, com um tom claro de nacionalismo, o evento teve como objetivo em nossa história literária as raízes brasileiras, assim era possível deixar bem claro quem eram os brasileiros e quem eram os estrangeiros¹⁰⁶.

Uma forma de construir um projeto de modernidade que se adequasse as necessidades locais foi o Regionalismo. Ao analisar os periódicos do Recife dos anos de 1920 percebemos a ideia de que alguns hábitos, objetos, práticas culturais locais tinham seu valor para a comunidade e faziam parte da identidade recifense. Vejamos a crônica abaixo:

“Recife esta deliciosa terra mauricia que nasceu de um sonho hollandez, para a pompa de festas sumptuosas, Recife, hoje, é uma cidade que se presa, que tem hábitos civilizados, que se rebica e que já sabe dizer asneiras galantes aos que a requestam. De sua antiga modorra, de cidade colonial. Recife foi renascendo para o luxo, para a grandeza e para o fastígio da vida moderna, intensa, bataclanizada, com ares de grã-senhora que disfarça sob rebiques e pastas a sua velhice precoce.

Recife, tem cinemas, teatros, automóveis, aviões, radio-phones, cafés, casas de chá, almofadinhas, melindrosas, coreneis, podres de chic, nouveaux riches e até, santo Deus! Sumpruosos gentlemen. E, dentro de toda essa casta, gaffeurs e blagueurs em quantidade. Recife é uma grande cidade e está fora de dúvida. Recife amanhece presta para a lucta intensa, tenaz, renhida, pela conquista de fortunas electricas, nascidas ao poder de altas concorrentes de grande voltagem. A tarde, Recife, faz a digestão do grande almoço nos cinemas, nas casas de chá, na Rua Nova, fazendo o “footing” ou navalhando a vida alheia. Recife é uma cidade civilizada! Os que, em Recife, vivem a conquistar, por um estafante labor, o pão-de-cada-dia, estes ficam para um lado, caminham à margem, sem que se lhes olhe a vida exhaustiva, zéres que são à esquerda dos outros algorismos,

¹⁰⁶ Para mais informações sobre a temática Nacionalismo e Semana de Arte Moderna ver Costa,1982.

algorismos valorizados de muito chiquismo, de muita basofia, de muita elegante inutilidade. Recife é uma cidade civilizada. Apenas, enquanto se lhe cogita da maquiagem do rosto, vae-se a esquecer, lamentavelmente, o asseio do corpo. A limpeza pública é desastradamente e infelizmente mal-avisada. Nessa época de sol intenso, comburente, ao rigor do verão impiedoso, a cidade é um vasto repositório de poeira, essa poeira que nos suja a roupa, nos invade os pulmões, nos estraga os bronchios e nos emporcalha a alma. E, como Recife é uma cidade civilizada, a Limpeza Publica age ao meio dia em ponto, varrendo as ruas, isto é, tirando o pó das vias públicas e armazenando-o nos pulmões da população que se vê, de súbito, envolvida, na nuvem de pó que as laboriosas vassoiras da Limpeza Pública fazem volutar no ar, encantadoramente, esteticamente, Recife é uma cidade civilizada¹⁰⁷ ...”

O texto da revista A Pihéria ironiza a forma com que a cidade está crescendo, abarcando tantas coisas boas, “modernas”, como teatro, cinema, chás, etc, mas ao mesmo tempo não consegue resolver os problemas de limpeza pública. Há também uma crítica social ao modelo que privilegia quem pode descansar o almoço nos cinemas ou cafés, mas esquece dos trabalhadores que transitam pelas ruas indo e voltado do trabalho. É possível perceber nesse discurso argumentos com influencia de uma concepção regionalista, ao lembrar o “glorioso” passado holandês há uma busca por um referencial no passado de tempos de glória, de uma época que não havia modernidade, mas que mesmo assim a cidade vivia tempos de felicidade, na visão do autor do texto. A crônica é uma crítica à modernidade, mas não a modernidade em si, mas ao modelo que a cidade do Recife está adotando “maquiando” seus problemas e privilegiando apenas a parcela da sociedade abastada economicamente.

Baseado nesse sentimento regional que podemos encontrar de forma espalhada na sociedade recifense é que Gilberto Freyre cria as bases ideológicas para o movimento regionalista de 1926. Havia uma preocupação de que se modernizasse a cidade, mas de uma forma que fosse condizente com as necessidades locais e não apenas uma imitação do modelo europeu. Analisemos a crônica abaixo:

¹⁰⁷ A Pihéria 14.03.1925 n-18.

“Recife, infelizmente, apesar da sua apregoada civilização e do seu apregoado adiantamento, é uma cidade onde as imitações se sucedem passo a passo.

Mas as imitações se verificam em quase todos os ramos de atividade.

Senão vejamos, para exemplo:

Uma casa de calçados da rua Duque de Caxias, depois de reformar o seu prédio, adaptou-lhe uma armação e uma vitrine que, se bem não seja original, todavia foi copiada de terras distantes.

A armação e a vitrine tiveram admiradores e foram elogiados pelo bom gosto que presidio a sua confecção.

Pois bem. Agora surge uma outra casa do mesmo gênero de negocio em outra rua com uma armação e uma vitrine exatamente iguaes. Não houve ao menos a preocupação do vendedor de calçados em mandar modificar, ao menos em parte, o desenho nem o aspecto da vitrine e sua colocação.

Não seria mais bonito e não dizia melhor inteligência do comerciante se este fizesse uma cousa mais diferente, uma cousa que fosse novidade para o Recife?

Mas é eterno o hábito de imitar¹⁰⁸.”

É perceptível um incômodo da população local com a ideia de copiar certos hábitos que vem da Europa, ou “terras estrangeiras”, percebemos tal insatisfação em passagens cotidianas, como a opção por determinada maneira de se construir uma vitrine, a escolha do cardápio dos cafés. Existe um espaço para a construção de um modelo regional de modernidade, como também da fundamentação de uma identidade regional, como um modelo diferente de se praticar, jogar, entender sentir o futebol. A consolidação do futebol no Recife se dá de forma diferente do eixo Rio-São-Paulo, estudaremos aqui até que ponto essa consolidação foi uma forma de apropriação dessa prática cultural e/ou a construção de um modelo regional de futebol identificado com o projeto Regionalista. É possível identificar no *corpus* documental a construção de uma identidade regional ligada ao futebol, seja na defesa de um modelo específico de praticar e organizar o futebol no estado, principalmente no Recife.

Em meados da década de 1920 é possível perceber a formação de um grupo que tem como bandeira a defesa de um projeto político, social e cultural baseado no Regionalismo. Sobre o fortalecimento desse grupo afirma Durval Muniz:

¹⁰⁸ A Pilheria n 185, 11.04.1925

“No antigo Norte, vive-se em período de crise acentuada, com mudanças também substanciais que advêm do processo de aprofundamento de sua dependência econômica, de sua submissão política em relação às outras áreas do país, do seu problema de adoção de uma tecnologia mais avançada e de assegurar mão de obra suficiente para suas atividades. A resistência maior de padrões mais tradicionais de sensibilidade e sociabilidade diferenciam a maneira de ver, de dizer e de pensar a questão da nação, quando esta se coloca com ênfase após a Primeira Guerra Mundial.¹⁰⁹”

Muniz trabalha com categorias que abarcam o Regionalismo diferente da nossa, não pretendemos aqui buscar as causas desse fenômeno, mas sim perceber como se dá a disputa por práticas culturais por diversos grupos com projetos de sociedade diferentes, dentre os quais temos os regionalistas. Pretendemos discutir como o campo da cultura se tonar um espaço de discussão de projetos de sociedade, pois de acordo com o historiador inglês Edward Palmer Thompson:

“Uma cultura é também um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole; é uma arena de elementos conflitivos, que somente sob uma pressão imperiosa – por exemplo, o nacionalismo, a consciência de classe ou a ortodoxia religiosa predominante- assume a forma de um “sistema”. E na verdade o próprio termo “cultura”, com sua invocação confortável de um consenso, pode distrair nossa atenção das contradições sociais e culturais, das fraturas e oposições dentro do conjunto¹¹⁰.”

Neste trabalho analisaremos as “fraturas”, entendemos, assim como Thompson, a cultura de forma heterogênia e acima de tudo um campo de disputa. O futebol como uma prática cultural em grande desenvolvimento no Recife será o meio como o qual analisaremos esse processo de disputa.

¹⁰⁹ MUNIZ (2009, p.52)

¹¹⁰ THOMPSON (1998, p.17)

2.1 O futebol e os divertimentos públicos.

As “diversões públicas¹¹¹” ou “divertimentos públicos¹¹²” são facilmente encontrados no Recife moderno. No final da década de 1920 e início da década de 1930, o governo do estado entende que é necessário observar esses divertimentos, exigindo que os mesmos encaminhassem uma petição ao Chefe de Polícia para que seu funcionamento fosse autorizado. Através da análise dessa documentação foi possível verificar uma distribuição desses divertimentos pela cidade do Recife e cidades circunvizinhas como Jaboatão, Camaragibe e Olinda.

A partir da análise da documentação as diversões são variadas é possível encontrar pastoris, maracatus, brigas de galo, luta de boxe, banca de jogos em festas religiosas, golfe, tênis, cinemas, teatros, cafés, agremiações carnavalescas, centros esportivos, corridas de cavalo (turf), e claro, os clubes de futebol e os eventos proporcionados por eles. Obviamente as diversões não nasceram no século XX, tampouco com a modernização da cidade, contudo as possibilidades se ampliaram com novidades intrinsicamente ligadas ao período histórico, o cinema, por exemplo, é uma delas: inexistente no século XIX, com a evolução tecnológica se generaliza no século XX. O futebol, embora exista anteriormente em outros países, só chega ao Brasil e se populariza no século XX, dentro de um processo de expansão do sistema capitalista inglês, como foi discutido no capítulo anterior.

Portanto, as práticas culturais do século XIX, como o Turf, manifestações populares, como os maracatus, vão, no século XX, se deparar com outras práticas culturais, como futebol, cinema, etc. Contudo, ao contrário do século XIX, quando a vida era essencialmente rural e descentralizada no século XX a população vai se tornando cada vez mais citadina e centralizada na cidade do Recife. De acordo com Levine:

“Os novos valores urbanos que acompanhavam a modernização entravam através do Recife. E sua vida comercial era fortemente influenciada, se não dominada, pelos estrangeiros e pela elite da capital, ansiosa de acompanhar pelo menos algumas das novas modas¹¹³.”

¹¹¹ Referência encontrada na documentação, principalmente as petições ao Chefe de Polícia.

¹¹² Idem

¹¹³ LEVINE (1981, p.99)

A influência estrangeira era direta, pois muitos foram os imigrantes que optaram pela cidade do Recife, vários ingleses se mudaram para a capital pernambucana a trabalho, a maioria se tornou empregado nas empresas inglesas, essa possibilidade se deu com a modernização da cidade. Sobre essa questão afirma Levine:

“Firmas estrangeiras controlavam o sistema de transportes urbanos do Recife, a rede de ferrovias regionais que irradiava da capital, a companhia do gás e os telefones. Os estrangeiros dominavam, também, indústrias locais como a do algodão, a do processamento dos óleos vegetais, a pequena frota de pesca motorizada, além de operar diversas usinas de açúcar e as duas maiores fábricas de tecidos do Estado. Corretores e agentes marítimos estrangeiros manipulavam parte substancial das importações e exportações de Pernambuco, inclusive a maior parte das transações de couro e peles, algodão, maquinaria, bacalhau seco, carne seca e de sol, cimento, remédios, açúcar, álcool, farinha e cera. Em 1912, 23 das 37 firmas principais eram estrangeiras ou haviam sido fundadas por estrangeiros.”

Podemos identificar a importância que esta população tinha em questões centrais para o andamento da cidade. Muitos membros dessa fatia social eram, também, integrantes de uma elite econômica burguesa, os meios de onde advinham suas fontes de renda os diferenciavam da elite agrária. Como também, suas práticas culturais os distinguiam, os ingleses, por exemplo, fundaram um espaço de sociabilidades próprio, o British Club. Em petição ao Chefe de Polícia o

“British Club, com sede na Avenida Rio Branco, 23, 2º andar, 1º distrito da capital, em pleno gozo de seus direitos sociais, conforme prova com documento junto, pede a V.S que se digne mandar fazer o devido registro na Inspetoria de Polícia afim de que o mesmo possa funcionar livremente durante o ano de 1929. Pede também para que o documento incluso lhe seja restituído depois de processado independente de outras formalidades e tem a acrescentar que a sua Directoria é a seguinte:

Presidente: M. L. Griffith Williams

Vice-Presidente: R.G.Peurose. Pilgrim

Thesoureiro: D.G. Ansell

Secretario: G.L. Bilton.¹¹⁴”

Na resposta ao pedido o Chefe de polícia afirma “não haver inconveniente na concessão da licença, visto que foram cumpridas todas as exigências das Instruções Regulamentares para Theatros e Diversões Públicas”, portanto o clube pode funcionar livremente. Observamos que a diretoria é composta por ingleses o que significa que desde a fundação em 1906 no tocante a direção do clube o mesmo permaneceu inglês. Tocamos nesta questão, pois o campo do British clube desde o início acolheu os times de futebol do Recife que emergiram da elite da capital. No ano de 1909, cinco anos após sua fundação, o Sport Club do Recife, do total de 10 jogos no ano, seis deles aconteceram no campo do British, inclusive o jogo mais importante que foi o primeiro embate entre o Sport Club do Recife e seu rival o Clube Náutico Capibaribe.

Qualquer tipo de “diversão pública” para funcionar de forma legal teria de ter o aval do Chefe de Polícia, desde as “barracas de prendas” em festas religiosas aos grandes cinemas da capital pernambucana. Analisando as petições ao Chefe de Polícia nos foi possível algumas conclusões e interpretações da cidade. Há uma difusão de divertimentos públicos por várias regiões da cidade e até em cidades vizinhas. Alguns trabalhos que tangem o assunto diversões públicas no Recife acabam por limitar os eventos apenas ao centro da cidade ou no máximo em seu entorno, contudo as petições ao chefe de polícia nós revela que em regiões suburbanas havia uma grande movimentação no ramo do entretenimento. Cinemas, pastoris, maracatus, clubes de futebol, associações atléticas, blocos carnavalescos, são inúmeras as opções.

Em sua tese de doutorado intitulada Artes de Viver a Cidade: conflitos e convivências nos espaços de diversão e prazer do Recife nos anos 1920, a historiadora Sylvia Couceiro “tem como preocupação central analisar algumas das práticas expressas nas táticas de resistência, nas astúcias, verdadeiras “artes de viver a cidade, empregadas pela população do Recife ao longo dos anos vinte, quando é travado um verdadeiro embate entre os diversos segmentos sociais em torno dos espaços de diversão e prazer da cidade¹¹⁵.” De acordo com Couceiro:

¹¹⁴ Arquivo Público Jordão Emereciano, Fundo SSP, Petições ao Chefe de Polícia 8.4.1929.

¹¹⁵ COUCEIRO, Sylvia Costa. Artes de viver a cidade. Conflitos e convivências no espaço de diversão e prazer do Recife nos anos 1920.(2003, p.15)

“Para alguns o Recife era uma cidade moderna, que festejava as novidades, admirava os progressos da técnica, tentava seguir o modelo da França, os modismos do cinema americano, movimentada e inquieta como os novos tempos. Na tentativa de fortalecer as ideias modernizadoras, de estabelecer o domínio sobre os espaços da cidade, de fixar novos códigos de conduta, reforçou-se na época a representação de uma cidade civilizada, moderna, em consonância com o progresso¹¹⁶.”

A especificação “para alguns” denota que a autora entende que existem outras possibilidades de interpretação da cidade, contudo em nenhum momento do trabalho é possível encontrar essa diversidade de entendimentos sobre a cidade do Recife. Couceiro afirma a seus leitores que:

“A população anônima, o habitante comum da cidade, longe de serem simples consumidores das construções desses grupos, metabolizavam as “atribuições e designações referentes a espaços e vivências e depois formulavam suas próprias elaborações simbólicas.¹¹⁷” Roger Chatier denomina esse processo de apropriação¹¹⁸.”

Adverte-os de que:

“Pela precariedade das fontes, muito pouco podemos detalhar acerca das elaborações e do imaginário de cidade construído por alguns desses grupos, ou pelo que Michel de Certeau chamou de “homem ordinário.” Os homens, personagens disseminados, caminhantes inumeráveis... multidão de heróis quantificados que perderam nomes e rostos¹¹⁹,” que passavam anônimos pelas ruas e praças reformadas para perambular, trabalhar, conversar, pedir esmolas ou descansar, pouco deixaram registrado sobre as suas representações da cidade, uma vez que sua principal prática de

¹¹⁶ Idem, pág 48.

¹¹⁷ In PESAVENTO, Sandra J. Muito além do Espaço: por uma história cultural do urbano. In Estudos Históricos – Cultura e História Urbana. Rio de Janeiro, n16, 1995, p.283.

¹¹⁸ COUCEIRO, Sylvia Costa. Artes de viver a cidade. Conflitos e convivências no espaço de diversão e prazer do Recife nos anos 1920.(2003, p.45)

¹¹⁹ CERTEAU, Michel De. A Invenção do Cotidiano I: artes de fazer. Petrópolis, Vozes, 1994, pp.57-58.

transmissão do conhecimento se fazia sobretudo por meio da oralidade, registro que se perde com mais facilidade no tempo¹²⁰.”

Apesar da justificativa sobre a dificuldade das fontes a autora baseia o argumento de seu trabalho nos “conflitos e resistências”, todavia ao longo de seu texto só são possíveis encontrar testemunhos das elites urbanas através das revistas ilustradas, principal documentação da tese. Os divertimentos suburbanos ou afastados do centro da cidade não são levados em consideração.

É possível encontrar nos jornais da década de 1920 algumas contribuições a esse debate, por exemplo, são várias notas relativas a desfiles de maracatus, pastoris, práticas culturais historicamente ligadas a uma população economicamente desfavorecida¹²¹. Vejamos a manchete abaixo:

GARROTE NOVO – Até que afinal o maracatu “Garrote Novo” teve permissão para sair à rua no próximo domingo.

O chefe de polícia estava duro de roer, mas afinal botaram-lhe um pistolão em cima e ele cedeu.

A resolução a princípio daquela autoridade, motivou serio desgosto no seio dos associados porque todos já tinham feito despesas para essa próxima saída do maracatu.

O Alfredo Amaral, por exemplo, que já tinha mandado confeccionar o seu elegante vestido de aranha, desistiu estando resolvido a não mais fazer parte do maracatu.

O “Garrote novo” perdeu um dos seus melhores elementos, não resta a menor dúvida, mas o que se há de fazer? O homenzinho está inabalável na sua resolução, portanto é procurar um substituto.

É isso justamente o que o Pedro Salgado anda fazendo.

Estão muito cotados para essa vaga os piratas Luiz Arthur, José Alves da Silva, Antonio Gomes da Silva, Theotônio de Souza e o professor “Badu”.

Este último é indicado pela ex-rainha do maracatu e por encerrar em torno

¹²⁰ COUCEIRO, Sylvia Costa. Artes de viver a cidade. Conflitos e convivências no espaço de diversão e prazer do Recife nos anos 1920.(2003, p.46)

¹²¹ Baseado na discussão travada por Pierre Bourdieu em seu livro “Distinção: crítica social do julgamento” entendemos que uma manifestação ou prática cultural pode ser ligada a determinada classe social, não queremos aqui dizer que uma manifestação cultural como o maracatu ou bumba meu boi são de exclusividade das camadas populares e que só os integrantes destas participavam dessas manifestações, não entendemos práticas culturais de forma homogênea. Contudo concordamos com Bourdieu quando o mesmo afirma ser possível identificar uma relação entre o gosto de uma classe social e as práticas culturais mais populares desta classe.

de seu nome maior número de votos, parece ser o eleito, não ser que haja rodizio em torno do nome do poeta P.A.G.

Daqui dessas colunas “Gettoni” antecipa as suas felicitações ao bom amigo professor “Badu”¹²².

O maracatu “Garrote Novo” tinha sua sede localizada na zona norte da cidade do Recife, em um morro que hoje é conhecido como Alto do Mandu, região afastada do centro da cidade, composta, em sua maioria, por habitantes de baixa renda. O autor da nota demonstra profundo conhecimento sobre os bastidores da associação. Apesar de não ser um testemunho direto dos populares referente a uma prática cultural em si é uma fonte relevante para entender o funcionamento de tal prática. De acordo com o autor houve uma pressão exercida sobre o chefe de polícia para que autorizasse o desfile do maracatu, não podemos especular aleatoriamente, mas é possível inferir que nessa rede de sociabilidades as classes populares nem sempre assumiam de forma passiva as dificuldades, utilizando de alguns estratagemas e de alguma influência, neste caso indefinida, o maracatu “Garrote Novo” conseguiu reverter uma situação desfavorável e conquistou seu objetivo de desfilar no carnaval. Devemos entender os sujeitos sociais de forma ampla e complexa, atribuir-lhes a condição de vítima e engessa-los socialmente não nós ajudará na compreensão do contexto social. É preciso levar em consideração a rede complexa de sociabilidades, que no caso do Garrote Novo, conseguiu chegar ao Chefe de Polícia fazendo com que o mesmo revesse sua posição inicial, obviamente, estamos levando em consideração que a afirmação feita na nota seja verdadeira, contudo, neste caso, o mais importante é a verossimilhança da informação.

O Bumba meu boi, manifestação cultural também identificada com populações de baixa renda, também tinha espaço nos jornais, principalmente no período que ia do ciclo natalino até o carnaval. Vejamos:

BUMBA MEU BOI EM AFOGADO

Animam-se os preparativos para a próxima passeata do “Bumba meu boi Suzana” cuja organização é a seguinte:

Emprezario, Balbino Castello Branco; bastião, Alvaro do correio; boi, João Silva; Arlequim, Alberico Silva; cavalo marinho, Brederodes do caldo;

¹²² A Província 26.01.1922

doutor do boi, Lourival Motta Cabral; perna de pau, Rubens Marinho; matuto da goma, João Bento; ordenaça, José Praia; mané das bestas, Martins de Braga; fiscal, Jorge Guimarães; urubu malandro, Antonio Moinho; capitão, Luiz Moraes; caterina, Luiz Grande; caipora, Frederico Azevedo; e Matheus, Augusto Barbeiro¹²³»

Mais uma vez observamos que há um conhecimento do autor da nota sobre a manifestação cultural. O que discutimos aqui é que de certa forma havia um espaço nos jornais e periódicos para manifestações culturais ligadas a classes populares. Existe uma interpretação da documentação referente às petições e portarias do Chefe de Polícia de que o objetivo era um controle social por parte do estado das manifestações culturais e divertimentos da população menos abastada. Tal teoria cai por terra quando analisamos essa documentação de forma mais detalhada. A exigência da petição solicitando uma licença para funcionamento não era privilégio das camadas populares, encontramos petições de várias organizações claramente ligadas a uma elite econômica da cidade como o “Cine Theatro Moderno”; “Clube Náutico Capibaribe”; “Sport Clube do Recife”, “British Club”. Portanto entendemos que a exigência burocrática era um meio do estado não vigiar, mas sim fiscalizar as “diversões públicas”. Em alguns casos percebemos que as exigências para funcionamento eram mínimas. No dia 31 de Dezembro de 1928 o senhor “Pedro Affonso Seabra, de 52 anos de idade, casado, natural do estado da Paraíba, comerciante, residente a rua Ilha de Janeiro, casa sem número, 5º distrito da Capital”, impetra uma petição destinada ao chefe de polícia “desejando funcionar livremente o “ITAQUICÉ SPORT CLUB” com sede em sua residência”¹²⁴. Em 3 de Janeiro de 1929, três dias após sua petição ter sido dada entrada, o senhor Pedro Seabra tem sua resposta: “cumpre-me a informar a V. Exa. Não haver inconveniente na concessão da licença, visto que foram cumpridas todas as exigências das Instruções regulamentares para Theatros e Diversões Publicas¹²⁵”. Se um cidadão conseguiu abrir uma associação esportiva com sede em sua residência, inferimos que as exigências não eram rigorosas.

¹²³ A Província 3 de Fevereiro de 1926.

¹²⁴ Arquivo Público Jordão Emereciano, Fundo SSP, Petições ao Chefe de Polícia 31.12.1928.

¹²⁵ Arquivo Público Jordão Emereciano, Fundo SSP, Petições ao Chefe de Polícia 3.1.1929.

A imensa maioria das petições tinham respostas favoráveis aos interessados. Após análise da documentação das petições negadas o argumento mais comum para a negativa seria o acontecimento de badernas ou arruaças sob os domínios do peticionário e denunciada ao Chefe de Polícia. O caso do Íris Sport Club nos chamou atenção eis à resposta da petição impetrada pelo representante do clube:

“No requerimento anexo, em que APRIGIO SOARES DE MENDONÇA, tesoureiro do club desportivo denominado “Iris Sport Club”, solicita de V. Exa. Mandar ficar sem efeito a pena de cassação da licença que foi imposta ao referido club, conforme portaria dessa Chefia n599, de 18 do corrente, alegando não ser exacto e sim calúnia tudo quanto foi atribuído ao mesmo, que deu origem a medida acima citada, cabe-me informar a V.Exa. que não é a primeira vez que o requerente reincide na pratica de desordens em pleno campo, como verificou esta Inspetoria. Além do mais não é verdade o que alega o requerente, pois dada a comunicação constante dos clubs com a Secção de Theatros e Diversões públicas, dirigida por esta Inspectoria, evidenciou varias desintelligeneias, o que deu lugar a ser cassada a licença, conforme portaria nº457, de 21 de setembro, do corrente ano, dessa Chefia. V.Exa. entretanto, resolvera o assumpto como julgar mais acertado e conveniente aos interesses administrativo.^{126.}”

Após a negativa o Íris teria de solicitar uma nova vistoria e realizar uma nova petição, caso a esfera administrativa fosse encerrada existiam três possibilidades: levar o caso a justiça, encerrar as atividades ou permanecer na ilegalidade. Não sabemos que fim levou essa querela, pois a documentação é incompleta.

Outro motivo que encontrado na documentação para indeferimento de uma petição foi o que aconteceu com o “Ubiratan foot-ball club, sociedade esportiva fundada nesta cidade e composta exclusivamente de funcionários da repartição de Saneamento” solicita a dispensa do pagamento de 136\$000¹²⁷ que lhe foi exigido quando requereu a regularização da agremiação. O argumento do clube foi

“tratando-se de uma associação cujo fim é proporcionar o desenvolvimento physico de seus associados e considerando que a mesma é composta de funcionários de uma repartição do estado e não pretende realizar jogos com

¹²⁶ Arquivo Público Jordão Emereciano, Fundo SSP, Petições ao Chefe de Polícia 27.12.1928

¹²⁷ Esse era o valor total das taxas que assim são discriminadas: 25\$000 de arquivo criminal; 26\$000 de Estatutos e 85\$000 para a Inspetoria.

entradas pagas, apela para o espírito lucido de V.Excia e espera que lhe dê deferimento.¹²⁸»

O pedido do Ubiratan foot-ball club foi indeferido sob alegação de que como funcionários públicos, mais do que ninguém, eles deveriam saber a importância do pagamento dos impostos. Todavia sabemos que o argumento do “desenvolvimento physico de seus associados” era um bom argumento e seria a melhor chance para conseguir que a petição fosse deferida.

Algumas diversões modernas, como futebol e cinema, seguem em expansão pela cidade nos anos de 1920. Essa expansão significa conseqüentemente uma popularização de certas práticas culturais. Analisando a lista de “sócios simples” do Velox Futebol Club¹²⁹ percebemos que a mesma é composta por trabalhadores, muitos braçais, como pintores, marceneiros, soldados, soldador, sapateiro e outras profissões que indicam o baixo poder aquisitivo dos sócios. Diante dessa documentação podemos inferir que as populações suburbanas e de baixa renda praticam futebol a ponto de fundarem associações institucionais.

Assim como o futebol o cinema também se populariza. Em anúncio do Cine Teatro Moderno datado do dia 16 de Julho de 1927 é anunciado o filme “Não renegues teu sangue”, tempos depois em anúncio do Cinema Glória datado de 23 de Agosto de 1927 o mesmo filme é exibido e por fim em anúncio do Guanabara “Não renegues teu sangue” novamente aparece em 31 de Julho de 1927. O Teatro Moderno funcionava na Praça Joaquim Nabuco, Santo Antônio, o Cinema Glória funcionava no pátio do Mercado São José, no bairro de São José e por fim o Cine Guanabara funcionava na Estrada Nova de Beberibe, no bairro do Arruda. Os dois primeiros localizados em áreas centrais da cidade e o último na zona norte suburbana. Contudo os três exibiram o mesmo filme “Não renegues teu sangue” no intervalo menor que um mês. Portanto percebemos que alguns produtos culturais tinham um alcance amplo na sociedade, não se restringiam a classes ou a territórios. Contudo identificar esse grande acesso não significa que todos consumiam esse produto cultural da mesma forma.

¹²⁸ Arquivo Público Jordão Emereciano, Fundo SSP, Petições ao Chefe de Polícia 17.6.1928.

¹²⁹ Arquivo Público Jordão Emereciano, Fundo SSP, Petições ao Chefe de Polícia 12.9.1927.

A questão aqui discutida é que tanto a elite que frequentava do Cinema Moderno quanto à população mais pobre que frequentava o Cine Guanabara tiveram acesso ao mesmo bem cultural, esse fenômeno se dá, pois, é nos anos de 1920 que se desenvolvem no Brasil, a cultura de massas¹³⁰. Tanto o cinema quanto o futebol serão práticas culturais que neste contexto se encaixam no conceito de cultura de massas.

O cinema, como o futebol, estavam disponíveis a sociedade recifense, do mesma maneira que existiam dos Clubes tradicionais e ligados à elite econômica como Náutico, Sport e América, existiam diversos clubes suburbanos como Varzeano, Equador, Veloz, etc, portanto a amplitude dessa prática cultural é inimaginável em comparação a qualquer outra do século XIX. Os motivos desse longo alcance de alguns produtos culturais é o que discutiremos nas linhas que seguem.

2.2 O Futebol no contexto da cultura de massas no Recife.

Discutimos as transformações estruturais na cidade do Recife no alvorecer do século XX, as novas possibilidades culturais, as apropriações feitas por algumas parcelas da sociedade. Neste momento analisaremos a amplitude do futebol dentro do contexto de cultura de massas, a popularidade que o futebol alcança é significativa e abrangente, se tornando, aos poucos, uma das práticas culturais mais diversificadas. Haverá disputas pela hegemonia do futebol, projetos de sociedade discutirão dentro dos seus programas o papel do futebol na sociedade recifense.

O momento pós 1^o Guerra mundial pode ser considerado como um referencial para a identificação de movimentos de cultura de massas no Brasil. Sobre essa questão o historiador Tiago de Melo Gomes afirma que:

“podem-se levantar diversos pontos de apoio para utilização do termo cultura de massas para o período imediatamente posterior à Primeira Guerra Mundial. Em primeiro lugar, é preciso notar que o mundo ocidental como um todo vivenciava uma ampla gama de experiências urbanas

¹³⁰ O termo cultura de massas é entendido neste trabalho como possibilidades culturais disponibilizadas para diversos segmentos da população que segundo o historiador Tiago de Melo Gomes “funciona como campo próprio de articulação de identidades e diferenças”(MELO, 2004 p.34)

comuns, que incluía novidades no campo do vestuário, o cinema e as *jazz-bands*.”

Nesse nicho de “experiências urbanas”, é perfeitamente cabível acrescentar o futebol, pois trata-se de uma prática cultural difundida na Inglaterra e em boa parte do território europeu desde o meados do século XIX expandindo-se para a América do Sul entre o final do século XIX e início do século XX. Ao analisar os periódicos do Recife observamos o crescimento do futebol, como também sua expansão territorial, e a importância que este vai adquirindo ao longo dos anos entre os habitantes da capital pernambucana.

Já discutimos que o futebol quando chega ao Brasil tinha tons elitistas, uma forma de se distinguir socialmente, contudo não demorou em surgir diversas formas de apropriação das camadas populares. Assim com o passar do tempo não era possível mais identificar o futebol a determinada classe social, qualquer que seja ela. A questão será como as classes sociais irão se apropriar do esporte bretão.

Os periódicos locais terão uma grande importância no processo de formação do futebol em cultura de massa. O sociólogo Hugo Luisolo afirma de forma categórica que:

“É bem possível que o esporte moderno não existisse se os jornais e os jornalistas o tivessem ignorado. As notícias e as manchetes jornalísticas sobre os esportes foram e são elementos constitutivos do jornalismo e do esporte moderno. Jornais, rádio, noticiários para cinemas, televisão e o próprio cinema, com rosário de filmes que focalizavam os esportes, os esportistas e os torcedores, foram parceiros dos esportes ao longo dos últimos cem anos¹³¹.”

Talvez atrelar a existência dos esportes modernos a um único fator, divulgação e apoio da imprensa, seja uma visão apocalíptica. Todavia não temos dúvida quanto à importância do papel da imprensa na transformação do futebol em um integrante da cultura de massas. Os anos de 1920, as grandes cidades do mundo ocidental partilhavam de muitas experiências comuns à modernidade, como cinema, jazz bands, teatro de revistas, etc. Contudo em cada cidade as pessoas se apropriavam dessas práticas culturais de forma específica, de acordo com suas especificidades.

¹³¹ (LUVISOLO, 2001 p.77)

Nesse contexto de experiências modernas compartilhadas temos o futebol como maior estrela do processo. Sem dúvida alguma foi o esporte bretão a prática cultural que mais se expandiu no século XX, sendo atualmente o esporte mais praticado no mundo e a final da Copa do Mundo de futebol o evento de maior audiência do planeta. Obviamente nem sempre o futebol pode ostentar essa aceitação e popularidade, vejamos o primeiro anúncio/convite para prática do futebol:

Sport Club Recife

FOOT-BALL

Convido todos os <<footballers do eleven>>(combinado) a comparecerem no pateo do antigo mercado do Derby, pelas 6 e meia da manhã de domingo, 21 do corrente para distribuir as personagens, após o grande ensaio, e demarcar o quadro para o <<Match>>, a realizar-se em 4 de junho próximo futuro.

Recife, 19 de maio de 1905.

O diretor-provisorio,

G.A.Fonseca.

Casa Metropole¹³².

Em Setembro do mesmo ano já é possível notar um entusiasmo maior:

FOOT-BALL

Mais um match de foot-ball realiza hoje às 3:30 da tarde, no Derby, o Sport Club Recife, contra o team do sr. Pickwoad.

Pelo entusiasmo que tem despertado entre nós o foot-ball é de prever enorme concurrencia para assistir a este match, que é um dos mais atraentes até hoje realizados.

A diretoria não fez convites e, por isso, pede-nos para disto avisarmos às pessoas que desejarem comparecer¹³³.

É perceptível a simpatia com que o jornal enxerga a chegada desse novo esporte, ou melhor, a prática deste por habitantes da cidade do Recife. É crescente a importância que a imprensa, *Diário de Pernambuco*, *A Província* e *o Jornal Pequeno*, foram os jornais analisados e em todos eles há uma gradativa presença do futebol.

¹³² A Província 20.05.1905.

¹³³ A Província 17.09.1905.

Inferimos que jovens da elite pernambucana praticando um esporte moderno de origem europeia agradava a boa parte dos jornais. Primeiro ligado as notícias de divertimentos públicos, as vezes encontramos notícias sobre o esporte na seção de anúncios, mas ao com o passar do tempo o futebol se torna o esporte de maior espaço na coluna de “Sport¹³⁴”.

O Sport Clube do Recife não será por muito tempo o único clube de futebol da cidade do Recife. Em dois de junho de 1906 é fundado “na Rua da Soledade, um club de sports athleticos denominado Recife Foot-ball Club¹³⁵”. Como vimos no capítulo anterior os anos 1910 é marcado pela popularização do esporte e o crescimento de clubes por diversas partes da cidade e da região metropolitana. As atividades extrapolam os limites das quatro linhas do campo de futebol, as atividades são diversificadas, fartos são os anúncios de jogos, de avisos oficiais de diretorias convocando seus sócios e convite para festas nos clubes.

Das tímidas linhas espaçadas pelas folhas dos jornais a coluna exclusiva no jornal, coberturas especiais e muita informação para os leitores. Em 1915 a imprensa pernambucana estava em polvorosa com um grande evento no meio do futebol: a vinda do América do Rio de Janeiro para a cidade jogar contra os clubes locais. É a primeira vez que um clube de futebol de outro estado vem a Recife, é a primeira experiência de um grande evento futebolístico, como também é a primeira vez que os clubes da cidade enfrentarão em adversário “importado”.

Houve uma grande movimentação no Porto do Recife para receber os jogadores do América-RJ, vejamos o primeiro anúncio do caso.

“Aproxima-se a data aprazada para o encontro entre os teams da “Liga sportiva pernambucana” e o eleven do “America foot-ball club”, o qual deverá embarcar hoje, no Rio de Janeiro, a bordo do paquete S.Paulo e aqui chegar no dia 9.

Serão disputados três matchs pelo “America”: o 1º, dedicado ao comercio, no dia 10, contra os players anglo-pernambucanos; 2º dedicado ao dr. Prefeito da capital, no dia 14, contra os pernambucanos: e o 3º dedicado à colônia britânica, no dia 15, contra os ingleses.

¹³⁴ Todos os jornais supracitados terão uma seção de “Sport” em suas páginas. O Diario de Pernambuco já tinha essa seção para anunciar regatas e corridas de cavalo, A Provincia e o Jornal Pequeno vão aliar as suas colunas ao futebol, não são raras as ocasiões que as seções de Sports tratam apenas de assuntos relacionados ao futebol.

¹³⁵ A Provincia 3.06.1906.

Foi escolhido para as provas o vasto ground do “British club”.

As entradas para cada match custarão 2\$000, destinando-se o produto ao custeamento das despesas com a vinda do eleven do “America” e ao beneficiamento dos cofres da “Liga sportiva”.

Estamos informados de que a “Liga sportiva”, por iniciativa do sr. Tenente Henrique Jacques, um dos seus diretores, acha-se empenhada em desenvolver o foot-ball e outros sports, projetando a construção de um field fechado, provavelmente no jardim 13 de maio, a exemplo do que existe na quinta da Boa-Vista e no campo de S.Christivam, no Rio de Janeiro¹³⁶.

Essa notícia tem dois pontos-chaves que se ligam de uma concepção de futebol comum entre as duas. O primeiro é o entusiasmo com que se recebe a notícia da excursão do clube do Rio de Janeiro. Claramente é um evento organizado com pompa, com grandes homenagens, uma organização para celebrar o desenvolvimento do futebol pernambucano. O outro ponto que nos chama atenção é a proposta da Liga Sportiva Pernambucana(LSP) de construir um campo de futebol aos moldes do campo carioca. O que percebemos é que a base na qual é fundamentada a estrutura organizacional da LSP é o modelo carioca de futebol. E a LSP como candidata a institucionalização do esporte no estado é quem planejará as diretrizes desse processo.

A organização da excursão do América-RJ foi organizada meses antes quando Belfort Duarte esteve no Recife com objetivo de conhecer os dirigentes da LSP, a convite do presidente da liga Henrique Jacques. Duarte era dirigente do América e também da Liga Metropolitana do Rio de Janeiro, que mais tarde seria Confederação Brasileira de Desportos(CBD). É muito provável que dessa reunião a LSP tenha traçado suas metas de institucionalização com base na experiência de Belfort Duarte, tanto que o primeiro campeonato pernambucano de futebol organizado pela LSP terá início pouco tempo depois do retorno de Duarte ao Rio de Janeiro. Analisando o livro de atas da LSP a ata da reunião datada de 31.10.1915 afirma que as despesas com o deslocamento do time do América-RJ foi bancado pela LSP com os custos totalizados em 1 conto 946 mil reis.

Na véspera do primeiro jogo da série de três que fazia o América-RJ a LSP “solicita ao senhor presidente da Associação comercial o fechamento do comercio, as 13 horas, no dia 10 do corrente, por motivo da realização do primeiro encontro de

¹³⁶ A Província 4.11.1915.

foot-ball entre o scratch anglo-brasileiro e o “America” do Rio de Janeiro, o qual é oferecido ao comercio.¹³⁷ Percebe-se a influência da imprensa pernambucana que abre espaço para os informes da LSP, como também a relação que desde o início o futebol vai estabelecendo com as elites urbanas.

Enfim chega o tão aguardado dia 10.11, nos jornais estão estampadas manchetes com informações relativas ao *match* como o horário de início as 16:30 cada tempo terá 40 minutos de duração com 10 minutos de intervalo entre um tempo e outro. Orientações de conduta também são importantes como, por exemplo, informar que “é expressamente vedado entrar-se no campo, enquanto durar o jogo”, antes do jogo os times serão fotografados. Informações sobre a disponibilidade e valor dos ingressos e por fim o cronograma do espetáculo, pois “tocará uma banda de musica antes do jogo, no intervalo dos half-times e depois de cada goal feito”.

O primeiro match teve “regular assistência de famílias e cavalheiros” como vencedor saiu o time do América com o placar de 5 a 1. Na saída do jogo os presentes contaram com um esquema especial de transporte da Tramways com carros saindo diretamente do local do jogo, o British club. No segundo jogo contra a seleção da LSP “antes de principiar o jogo, haverá exercícos modernos de esgrima de baioneta e de gymnastica sueca pela Escola de Aprendizes de marinheiros, que concorrerá, assim, para maior brilhantismo da festa.” Incutido nesse cerimonial pré jogo havia uma proposta pedagógica, se aproveitava o grande número de pessoas reunidas para demonstrar a beleza dos esportes modernos. Festa, assim era encarado esse encontro, um festival esportivo proporcionado a mais fina flor da elite urbana recifense. O mesmo esquema elaborado para os dois primeiros jogos se repetiu no terceiro encontro, serviço especial de transporte da Tramways, espetáculos antes, durante o intervalo e após cada gol. Neste último encontro o confronto se deu entre América-Rj e um time formado por ingleses que habitavam no Recife, segundo as fontes “a concurrencia foi extraordinária, como poucas vezes tem sido registrada em festas esportivas.”

Como vimos o evento que foi a excursão do América-RJ mexeu com toda a organização da cidade, comercio fechando mais cedo, bonds exclusivos para levar torcedores ao local do jogo, houve todo um esforço para que as pessoas participassem do evento. A LSP tinha interesse que o maior número de pessoas

¹³⁷ A Provincia 9.11.1915.

possíveis fosse ao campo acompanhar os jogos, até porque a mesma cobrava ingresso e provavelmente gostaria que seus investimentos, as passagens da comissão do América-RJ, trouxessem lucros para incipiente instituição.

No contexto de cultura de massas no qual inserimos o futebol é necessário que o espetáculo atinja o maior número possível de consumidores, todavia nem sempre o futebol era bem aceito e recheado de pompas oficiais. As pessoas que desejavam realizar a prática do esporte fora dos ambientes específicos eram marginalizados, vejamos a seguinte nota policial:

“Pedem-nos que solicitemos a atenção da policia para a falta de decoro com que alguns indivíduos se conduzem a rua Velha. As famílias da mesma, vivem constantemente incomodadas por uma sucia de vagabundos que, perambulando por ali, soltam bombas, jogam foot ball e além de tudo proferem indiretas contra alguns dos moradores que por acaso reclamam contra o abuso.^{138,}”

A população exige uma atitude mais incisiva da polícia:

“A ação repressiva que incumbe a policia é, entre nós, de uma negação lamentável. Para prova, basta-nos atentar para aquela malta enorme de vagabundos, de que nos temos ocupado por varias vezes e que, a despreocupação que lhe garante a tolerância de nossos costumes, empenha-se de sol a sol em repetidos matchs de foot-ball. Serve-lhes de campo uma área do jardim 13 de Maio. Para esse ponto convergem a atenção dos transeuntes numa justa manifestação de espanto, para o que os nossos policemen classificarão, talvez, na sua bohemia de inofensivo passatempo.^{139,}”

Os autores das reclamações não veem nenhum problema em comparar os jogadores de futebol que praticam o esporte nas ruas e nos parques como marginais e vagabundos. Estes não praticavam o esporte baseado nas propostas pedagógicas que o mesmo tinha incutido, por isso a revolta. Essa é uma questão que foi abordada no capítulo anterior, mas estenderemos nesse momento com outro viés. Essas reclamações tem por base uma visão elitista do futebol ligada à eugenia, no

¹³⁸ A Província 05.05.1922.

¹³⁹ A Província 26.8.1924.

qual ele seria o carro chefe para a transformação dos corpos dos jovens e propagaria os ensinamentos do cavalheirismo inglês, contudo o esporte vai sendo apropriado pelas classes populares que o vão praticar não nos campos dos grandes clubes, mas sim no espaço público, sejam ruas, parques, largos, etc. Segundo o historiador Leonardo Pereira:

“Todo esse processo resultava, ainda na década de 1910, na construção de uma outra imagem para o jogo, muito diferente daquela projetada sobre ele pelos sportman da década anterior. De esporte refinado e restrito, o futebol transforma-se em um jogo de negros e pobres¹⁴⁰,”

Todavia não podemos diferenciar o futebol praticado no campo do Sport ou do Náutico com o futebol praticado nas ruas e nos jardins da cidade. São maneiras diferentes de se apropriar uma prática cultural, os entendimentos são diversos e aliados as concepções de mundo de seus receptores. Acima discutimos sobre um mesmo filme que foi exibido em diversos cinemas da cidade, será que todos os espectadores o compreenderam da mesma forma? Ou melhor, será que todos se comportaram da mesma forma nos diversos cinemas? A maneira de apropriação da cultura de massas é diversificada, e só poderia ser assim, pois tem como objetivo alcançar o maior número de consumidores.

Oito anos após a excursão do América-RJ outro evento relacionado mexe com o povo recifense, de uma forma bem diferente. No dia 23 de setembro de 1923 a seleção pernambucana de futebol faria sua estreia no campeonato brasileiro de seleções. O adversário seria o Pará, pois as disputas eram regionalizadas. Não era disfarçado o entusiasmo de receber tal partida:

“O sensacional embate que hoje arrastara, decerto, ao campo da Avenida Malaquias, todo o mundo desportivo da terra, marca, por sua alta relevância um verdadeiro acontecimento na história desportiva do estado.

A principal prova da tarde que se ferirá entre os dois fortes selecionados da “Liga Pernambucana de Desportos Terrestres” e da “Liga Paraense de Sports Terrestres”, em disputa da primeira prova do Campeonato Brasileiro de Foot-ball instituído, em boa hora pela Confederação Brasileira de

¹⁴⁰ PEREIRA, 2000 pag.131.

Desportos” será, a nosso ver, de grande sensação, dada a organização perfeita dos dois selecionados”.

(...)

Mais algumas horas e os nossos desportistas terão o prazer de presenciar a mais sensacional prova de foot-ball, que, pela vez primeira se vem realizar, entre os scratches do Pará e Pernambuco. É a primeira vez que os dois estados do Norte vão se enfrentar, por intermédio de seus selecionados, em match oficial do campeonato brasileiro de foot-ball, em disputa do título de campeão do Norte, cobiçado, por ambos, desde 1917, quando o valoroso campeão paraense, o Club do Remo, aqui esteve.

A prova de hoje tem uma significação enorme, pois além de ser a primeira prova daquele campeonato, é, quase a conquista do almejado título de campeão do norte, que esta pendido entro o tetra campeão América F Club, deste estado e o valoroso Club do Remo, do Pará^{141.}”

A expectativa para o jogo é enorme, a cidade se modifica para receber o campeonato. Interessante perceber que a disputa entre as seleções do estado, acabou por relembrar disputas clubistas e o mais importante, a rivalidade entre os estados gerou um sentimento regionalista que apoiará a seleção local. Observemos matéria publicada em outro jornal recifense sobre o mesmo jogo:

“Sportmen pernambucano, um apelo ao vosso acendrado amor à terra natal! Formai hoje um só bloco, uma só vontade, um só coração, para que a vitória do nosso pavilhão seja uma realidade alvissareira e magnifica na tarde de hoje. E que vós, defensores destemerosos de Pernambuco, não faltem um instante sequer o ânimo, a decisão e o entusiasmo em toda pugna, cobrindo afinal com os louros de uma vitória sem par as cores da nossa bandeira invencível^{142.}”.

A matéria do Diario de Pernambuco é claramente escrita com tom regionalista, exaltando as glórias do povo pernambucano e clamando o apoio da torcida para que mais um batalha, agora nas dentro das quatro linhas, fosse vencida.

Nas tribunas de honra para acompanhar o desempenho do selecionado pernambucano estavam o governador do estado Sergio Loreto e o prefeito da cidade do Recife Antonio Goes. Contudo, nem a torcida política, tampouco, os torcedores

¹⁴¹ A Província 23.09.1923

¹⁴² Diario de Pernambuco 23.08.1923 in ALVES 1978, p.115.

da arquibancada puderam impedir a derrota do scratch pernambucano por dois tentos a zero. Após ter vencido os pernambucanos, os paraenses partiram com destino a Salvador onde enfrentariam o selecionado baiano pela sequência do campeonato brasileiro, sua despedida ocorreu da mesma forma que sua chegada com muita pompa e cobertura dos jornais.

Pelo “Arlanza” seguiu a delegação paraense com destino a Bahia, antes, porém a “Liga Pernambucana dos Desportos Terrestres” ofereceu um “almoço íntimo para os membros da embaixada paraense”. Segundo os relatos da imprensa no almoço “reinou a maior cordialidade possível entre os desportistas paraenses e pernambucanos”. Foram proferidas palavras de agradecimento da embaixada paraense aos desportistas pernambucanos pela recepção, logo depois “o sr. Arthur Azevedo, representante da C.B.D, que num ligeiro improviso, enalteceu o valor desportivo de Pernambuco, dizendo que temos elementos de valor, ou melhor, declarou: “vós tendes o material” apenas nos faltando, portanto, o operário, -o timoneiro que leve o nosso nome desportivo ao destaque merecido”. Vejamos a interpretação do jornal A Província da estadia paraense em terras pernambucanas:

“Encerrando, damos parabéns, aos diversos moços do Pará, o mesmo fazendo, aos membros da L.P.D.T., pelo modo altamente desportivo e verdadeiramente significativo de ambos os desportistas, que longe de se regozijarem pela vitória ou desesperarem pela derrota, dão aos desportistas no Brasil o seu verdadeiro valor, - o desporto pelo desporto, para o desenvolvimento dos seus filhos e engrandecimento de nossa pátria.^{143,}”

A visão do jornal sobre o esporte tenta manter os ideais elitistas que era inicialmente o discurso em torno do futebol no início do século XX. Não é apenas uma defesa do amadorismo “pelo desporto pelo desporto”, mas é também uma visão de mundo elitizada do futebol, uma visão mais “cavalheiresca” do esporte. Contudo em 1923 já houve várias discussões relativas ao profissionalismo, portanto quando o A Província defende o futebol elitista nos anos 1920 ele está demarcando uma posição na disputa política dentro dos desportistas pernambucanos.

É interessante perceber que as delegações de Pernambuco e Pará são tratadas pelos jornais como celebridades, com acompanhamento especial

¹⁴³ A Província 27.09.1923.

informando aos leitores os passos das delegações, as festas promovidas em torno delas. Assim se os jornais publicavam era porque havia uma demanda interessada, os jogadores eram vistos como estrelas de cinema, obviamente em escala local.

O futebol se tornou tão popular no Recife que em 29 de Agosto de 1915 era exibida no Teatro Moderno a peça “A honra do jogador de foot-ball”. “Um grandioso drama em dois atos” assim era descrita a peça. Não tivemos acesso ao conteúdo da peça, mas o que nós chamou a atenção foi a temática, a vida de um jogador de futebol era atrativa para uma parcela da sociedade, por isso o motivo de sua existência. Tal situação apenas reafirma que o futebol era parte integrante e importante no conjunto de divertimentos ligados a cultura de massas. O futebol era entendido de maneira polifônica, justamente por atingir uma grande diversidade de público. Poderia ser entendido como um esporte que beneficiaria os corpos dos praticantes, melhorando sua saúde, era visto como um meio de se distinguir socialmente poderia ser uma diversão despretensiosa, um construtor de identidades, como as clubistas, por exemplo, como também poderia expressar ideologias como o nacionalismo e o regionalismo.

CAPÍTULO 3.

FUTEBOL À MODA DA CASA: A CONSTRUÇÃO DO REGIONALISMO E AS DISPUTAS CULTURAIS.

Como já vimos nos capítulos anteriores o cenário do Recife no alvorecer do século XX é de mudança. Na verdade o termo mudanças, no plural, seria mais adequado. As possibilidades de sociedade que são construídas fundamentadas em valores modernos disputam seu espaço no campo político, econômico e cultural. A questão que este capítulo pretende discutir é: de que forma o projeto regionalista de sociedade se apropriou do futebol? O futebol nos anos 1920 já era amplamente popular em diversas áreas do país, então, de que forma se deu a ligação entre projeto regionalista e futebol na capital pernambucana. Para desenvolver essa questão trabalharemos primeiro com a ideia de regionalismo das décadas de 1920 e 1930, desenvolveremos a tese do seu maior expoente na cidade o intelectual Gilberto Freyre e por fim analisaremos como o futebol, como prática cultural, se encaixa no contexto de disputa e construção de uma identidade regional.

Economicamente a década de 1920 é peculiar na cidade do Recife, é notório o declínio da economia baseada na cana de açúcar, enquanto que as regiões de São Paulo e Rio de Janeiro estão na contra mão desse processo acumulando riquezas com base na economia cafeeira e nos surtos industriais. Uma matéria publicada no Diário de Pernambuco explica a difícil situação da economia açucareira

A situação da indústria açucareira

Lemos n^o "O Jornal", do Rio:

O desequilíbrio entre a produção e o consumo de certos gêneros de primeira necessidade, na lista dos quais figura o açúcar, desequilíbrio acelerado por forças da procura anomalia verificada na Europa, responde desde 1921, pelas crises intermitentes que aqueles gêneros veem sofrendo. Agindo nas relações econômicas, para modifica-las, ajustando-as a uma formula conciliatória, os interesses em jogo dificilmente pode o governo, reconhecemos, chegar a resultados satisfatórios, sobretudo quando se trata do açúcar¹⁴⁴.

Portanto o produto que gerava maior riqueza no estado de Pernambuco conta com concorrência e superprodução que automaticamente fazem com que o preço de mercado despenque. Com isso toda a economia açucareira entra em crise o que faz com que, ao longo do tempo, Pernambuco vá perdendo espaço e importância na economia nacional, concomitantemente há um crescimento da economia cafeeira

¹⁴⁴ Diário de Pernambuco 2 de Abril de 1926.

elevando as riquezas de Rio de Janeiro e São Paulo. Esse cenário vai ter uma contribuição importantíssima na transferência do poder político-econômico do Norte para o Sul.

No Brasil dessa época é inegável que o papel de metrópole fosse da capital federal de acordo com Sevcenko o Rio de Janeiro era a

“sede do governo, centro cultural, maior porto, maior cidade e cartão de visitas do país, atraindo tanto estrangeiros quanto nacionais. O desenvolvimento dos novos meios de comunicação, telegrafia sem fio, os meios de transportes movidos a derivados de petróleo, a aviação, a imprensa ilustrada, a indústria fonográfica o rádio e o cinema intensificarão esse papel de irradiação e caixa de ressonância das grandes transformações em marcha pelo mundo, assim como no palco de sua visibilidade e atuação em território brasileiro¹⁴⁵”.

O Rio de Janeiro e São Paulo eram alvos de admiração por parte de alguns recifenses, não é incomum encontrarmos crônicas comparando a cidade do Recife a essas cidades. O desenvolvimento econômico e urbanístico delas causava certo *frisson* em alguns que queriam que a capital pernambucana se desenvolvesse no mesmo ritmo e no mesmo sentido que tais capitais. Aníbal Fernandes, dono de uma coluna diária no Diário de Pernambuco chamada “De uns e outros,” fazia parte do grupo de entusiastas das cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, vejamos:

“Recife dá a impressão de uma linda cidade abandonada. A gente vê como a natureza foi amável, generosa e boa para nós. Deu-nos uma situação topográfica magnífica e entregou-nos a pedra bruta de um formoso diamante. O que não se tem feito, o que se tem relegado a um plano inferior, é lapidar essa pedra. Quando se lançam os olhos para São Paulo e se vê como o gênio do paulista fez de uma planície sem relevo e sem atrativos naturais a bela e elegante metrópole que nós conhecemos, e se pensa no que aqui se poderia fazer, a impressão não pode deixar de ser de uma grande tristeza.

Como Recife seria encantador com suas avenidas beira-rio, fartamente arborizadas, seus parques, seus jardins, suas avenidas, como num instante a fisionomia da *urbs* se transmudava, perdendo esse aspecto de povoado de roça, com a população operária que mais parece um rancho de

¹⁴⁵ SEVCENKO (2010)

mendigos, sujos maltrapilhos, habitando sórdidas moradas incompatíveis com a civilização, e remodelando-se nos seus hábitos de vida, instintivamente, e quase sem se sentir? Foi assim que o Rio de Janeiro passou de uma vasta cidade colonial, velho caravançará de todas as moléstias, para a soberba *urbs* moderna que atrai largas correntes de turistas, e é hoje, incontestavelmente, uma das capitais mais suntuosas do mundo.

Felizmente tudo deixa supor que a atual administração do Estado e do município concorra para marcar ao Recife uma fase nova. E bastariam alguns anos de trabalho pertinaz, assíduo e patriótico para que nós chegássemos a ser de fato a S. Paulo do norte do Brasil¹⁴⁶ ”

Percebe-se que Fernandes é totalmente a favor do modelo de desenvolvimento das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo e muito desse entusiasmo se deve ao próprio crescimento econômico das tais cidades. O questionamento é baseado na premissa de que para se tornar uma cidade moderna era necessário seguir o modelo das cidades mais importantes do país. Nesse ponto de vista copiar os modelos utilizados nessas cidades não era visto como problema. A preocupação implícita era a de como o estado de Pernambuco poderia retomar os tempos de opulência e relevância econômica que havia perdido com a crise da economia açucareira. Portanto havia uma preocupação de como a cidade do Recife estava se encaixando na nova conjuntura econômica do país. Uma maneira de mensurar essa questão era uma analogia com as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. Nesse contexto não há nenhuma preocupação para que Recife realizasse seu próprio modelo de desenvolvimento aliado às especificidades da capital pernambucana, pois isso não era ainda uma questão no início da década de 1920.

Na crônica é perceptível a exaltação de alguns aspectos da cidade do Recife como a natureza inerente da cidade, as belezas naturais que são partes dela, mas que segundo Fernandes não estão sendo utilizadas de forma correta. E a forma “correta”, no entendimento do autor, seria seguir o modelo de desenvolvimento urbano que estava em curso nas maiores capitais do Brasil. O agente transformador da cidade seriam os administradores públicos, estes seriam responsáveis por fazer de Recife o “São Paulo do Norte”, fica claro que o autor almeja que a capital pernambucana siga o mesmo rumo da capital paulista.

¹⁴⁶ Diário de Pernambuco, 14.04.1920.

Não deixamos de notar o incômodo que era para Fernandes dividir a cidade “com a população operária que mais parece um rancho de mendigos, sujos maltrapilhos¹⁴⁷”, portanto, para ele, estava incluso no projeto modernizador da cidade a retirada dessa parcela da população do centro da cidade. Assim uma das condições para que a cidade se modernizasse seria a exclusão de uma parcela da população, fato que já havia ocorrido com a reforma do Porto do Recife em 1908 e com o projeto de urbanização do centro da cidade no mesmo período¹⁴⁸. Não podemos deixar de lembrar que o individualismo é uma característica moderna, há uma identificação entre o individualismo e a modernidade. Fernandes discute novamente o problema da habitação em outra coluna

“Elogia a modernização de ruas como a da Imperatriz, mas reclama de construções feias e sujas, “sobradinhos e casinhas estreitas e sujas que a mais rudimentar higiene de há muito teria interditado”. Concluía que “não se pode muito confiar na ação isolada dos proprietários para substituir essas construções por outras mais amplas, mais modernas e mais elegantes”. Acrescentava:

Num momento em que a cidade se remodela é preciso acabar com isso. Mesmo porque isso não é somente anti-estético e anti-higiênico; é vergonhoso para nós. Uma capital moderna, ativa, progressista, não deve permitir certas coisas. Há necessidade de manter uma aparência decente e o embelezamento urbano chega a ser uma exigência de ordem econômica. Para fazer frente a esses obstáculos às vezes o poder público tem de ser um pouco mais severo. Mas sempre desejaríamos saber o que seria hoje o Rio de Janeiro se não fosse a energia indomável do prefeito Passos¹⁴⁹,”

É possível notar a insistência do autor em exigir que de alguma forma o poder público seja o executor das reformas urbanas. O autor beira ao lamento por, em Recife, ainda não ter surgido um governante como Pereira Passos que realize a tão propalada reforma urbana. Todavia Fernandes percebe e elogia algumas mudanças na capital pernambucana, naturalmente comparando com a Recife do final século XIX:

¹⁴⁷ Idem

¹⁴⁸ Para saber mais ver (LUMBAMBO, 1981)

¹⁴⁹ Diário de Pernambuco 05.03.1921

“O progresso do Recife vem se caracterizando de uma maneira incontestável, nestes últimos anos. A cidade vai perdendo aquele aspecto sombrio da *urbs* colonial, com vielas estreitas e sujas, inestéticos sobradinhos e habitações acaçapadas, sem luz, sem higiene, e sem conforto.

Certo que há muita coisa a corrigir e muita coisa a fazer. Mas ninguém contesta o surto remodelador, a *pousée* progressista que por toda a parte se acentua. Esse adiantamento vai demorado, quando se estabelece, por exemplo, uma comparação com São Paulo. Enquanto a bela capital do sul corre a passo de gigante, e a todo momento uma nova iniciativa se efetua, nós marchamos com muito mais lentidão e sem pressa de chegar ao fim. É claro que entre esses dois processos de evolução, este último é mil vezes melhor. Em todo caso, seria pior se estivéssemos parados, como durante tanto tempo em que estagnamos. Um pouco mais de esforço e de boa vontade seria o bastante para fazer do Recife uma linda cidade moderna¹⁵⁰.”

A comparação com São Paulo fica explícita nesse tópico, como também demonstra que a maior preocupação para o desenvolvimento da cidade do Recife era seu aspecto urbano. A questão econômica pela qual passava o estado de Pernambuco no meio de uma crise da economia açucareira não foi uma preocupação de Fernandes em nenhum dos seus textos analisados neste trabalho. A preocupação dele, que de certa forma representava uma parcela da população, era modernizar o centro da cidade. Nessas crônicas notamos uma análise do cotidiano citadino do, ainda incipiente, Recife urbano, por exemplo:

Uma coisa que transformou o aspecto urbano foi sem dúvida nenhuma a introdução dos modernos veículos. Ao bonde de burro, caricaturalmente iluminado à eletricidade, sucedeu o *tramway*, mais elegante, mais confortável e mais estético (É verdade que John Ruskin nunca chamaria estético um bonde elétrico. A eletricidade e a estética eram para o grande inglês duas noções incompatíveis).

Ao antigo carro de praça que era o meio de condução nobre dos burgueses endinheirados, sucedeu o automóvel, modelo 1919, um conjunto de beleza, de comodidade.

A velha carroça de boi cedeu o lugar a um veículo ligeiro, puxado a cavalo.

¹⁵⁰ Diário de Pernambuco 09.04.1920

Foi daí que chegamos ao auto-caminhão, a princípio de pequena capacidade, e pouco a pouco um formidável meio de transporte que faria estarrecer aos contemporâneos do Conde de Boa Vista. A evolução tem sido assim demorada mas segura, com “aquela lentidão elemento das forças naturais” de que nos falava o divino Anatole.

O veículo deu ao Recife uma cara nova. E quando no meio do burburinho da multidão que se agita e se move, na ânsia do negócio, entre trônias, automóveis, carroças, bicicletas, desliza um desses possantes instrumentos, precioso auxiliar do comércio, fruto dessa admirável indústria moderna que todo o dia marca um passo adiante na escala do progresso indefinido se tem bem a impressão da cidade grandiosa que atravessamos. A cidade tem visto nestes últimos dias alguns tipos de caminhões-reboques apinhados de mercadorias, elegantes e sóbrios na sua sólida armadura.

Eles irão dar o golpe de misericórdia na velha carroça que vai desaparecendo.

E o que não se pode negar é como vêm influir na remodelação do Recife concorrendo para o radiante futuro que o espera ¹⁵¹.”

Expressões do tipo “a evolução tem sido assim demorada” suscitam o seguinte questionamento: demorada comparada a quem? Há implícita a ideia de que Recife por obrigatoriedade deveria se desenvolver ao se modernizar na mesma velocidade que o eixo Rio-São Paulo. O que nos leva a outros questionamentos, será que ao questionar essa suposta lentidão Fernandes avaliava que ao contrário das cidades supracitadas o Recife estava declinando economicamente? Baseado em nosso *corpus* documental, não é provável que Fernandes estivesse alheio a situação econômica do estado, pois o jornal no qual o mesmo trabalhava divulgou inúmeras notícias relacionadas a economia açucareira. O que Anibal Fernandes defendia era um projeto de sociedade baseado no liberalismo e na modernização da cidade seguindo o modelo do distrito federal. Claramente empolgado com as inovações tecnológicas no ramo automobilístico, Fernandes ressalta apenas o lado bom da difusão de veículos na cidade do Recife.

Nas seções policiais dos jornais são facilmente encontradas queixas de atropelamentos, como o caso do “menor José Primo Junior¹⁵²” que foi vítima de atropelamento na rua São Miguel no bairro de Afogados. Através da placa do veículo

¹⁵¹ Idem

¹⁵² A Província 07.03.1922.

a polícia conseguiu identificar o “motorista profissional, Alfredo Xavier de Andrade” responsável por guiar o veículo de propriedade do Sr. Francisco A. Rocha Pereira. Após investigação a polícia definiu que o “fato foi de natureza culposa, pelo excesso de velocidade que aquele automóvel levava no momento”. Alguns questionamentos relativos às inovações tecnológicas não são encontrados nas colunas de Anibal Fernandes e com isso queremos reforçar o argumento de que tal autor não media esforços em propagar o modelo liberal de modernidade.

Todavia, Fernandes não entendia o modelo modernizador utilizado no eixo Rio-São Paulo como fundamentado no modelo modernizador das cidades europeias. Para ele

“O renascimento arquitetônico que se pronuncia em São Paulo, imbuído de um honesto nacionalismo, aproveitando as tradições do nosso passado, é uma das manifestações de cultura mais dignas que nasceram e cresceram hoje em dia na nobre terra dos bandeirantes. É um problema hoje a resolver, e um problema bem sério que deveria merecer atenção especial, isso que se chama a ‘estética da habitação’.

Porque num momento em que a cidade se remodela, e surgem construções de todos os lados, o mestre de obra vai pondo aqui e ali a nota de uma casaria com ares de modernismo e por onde a chamada ‘arte nova’ vai alastrando a sua insuportável ‘macarronada’. Não é preciso muito esforço, nem se faz mister possuir conhecimentos técnicos para descobrir os monstros que a ignorância petulante vai espalhando por aí afora, com aquela confiada auto-suficiência que é a pedra de toque por onde se revela. Na Paulicéia, o renascimento arquitetônico guiado pelo Sr. Ricardo Severo e uma plêiade de distintos construtores, vai encantando entre os intelectuais e alguns capitalistas esclarecidos o mais promissor acolhimento. Trata-se de criar para nós o nosso tipo de habitação, como o possuem o espanhol, o francês, o alemão, o inglês e o escandinavo, e libertar-nos daquela imitação bárbara que se derrama, vencedora, pelo contágio, através do país inteiro. O que se estava vendo, o que se vê ainda, é a mais completa corrupção do bom gosto.

É verdade que se diz em geral que os gostos não se discutem. Em compensação, o bom gosto se adquire e se educa, como escrevia há pouco tempo um ilustre publicista português, por um estudo dedicado, isto é, pelo amor admirativo da Natureza e pela observação da obra dos artistas, inspirados na natureza.

Já hoje se erguem na Avenida Paulista lindas casas, fruto da benéfica campanha que vai ali progredindo e conquistando adeptos, casas que não se assemelham aos célebres ‘palacetes de Copacabana’, mas têm um aspecto característico e próprio. Era esse simpático movimento que seria de desejar refletisse entre nós, e encontrasse, como em São Paulo, da parte daqueles que podem construir, a aceitação que logrou na grande capital do sul¹⁵³»

Para Fernandes, São Paulo estava desenvolvendo um modelo arquitetônico nacional, adequado às necessidades brasileiras. Um tipo de habitação que fosse projetada para o brasileiro e que ficassem claras nossas tradições. Mesmo que no texto o autor cite alguns países europeus e seus modelos arquitetônicos, não é feita a ligação entre estes países e a “renovação arquitetônica” paulistana. Seguindo esse raciocínio nosso cronista insistia que Recife seguisse a mesma direção, ou seja, pensando em uma unidade nacional. O “gosto” deveria ser educado para que se fossem unificadas as tradições, as regiões do país, tudo em nome de uma desejada unidade nacional.

O tópico do desenvolvimento urbano das cidades do Distrito Federal e de São Paulo era ponto de admiração para alguns, há uma cobrança das instituições públicas para que na cidade do Recife se tome o mesmo rumo que as cidades supracitadas. É possível perceber esse sentimento de admiração, pois o tom de algumas crônicas é comparativo, seguindo a linha de que em São Paulo e Rio de Janeiro, optaram por um caminho que seria desejável para o Recife.

Todavia, há um tópico no qual Fernandes questiona as decisões tomadas pelos dirigentes da capital Paulista. A imigração torna-se uma questão importante para o autor:

“Enquanto todos os países do mundo cuidam de amparar e proteger as grandes famílias – fonte de progresso e da expansão nacional – no Brasil não se dá um passo para isso, e nem se pensa na magnitude do problema. Todavia ele é bem digno de interesse, principalmente para a nossa terra, que possui um imenso território inexplorado e precisa irradiar a sua população.

(...)

¹⁵³ Diário de Pernambuco 14.01.1920.

A imigração de fato tem vantagens vultuosas para nós, porque é um elemento novo que se vem misturar à raça ainda em formação.

Isto, porém, não impede que a nação procure robustecer e aumentar, amparando-as convenientemente, por meio de uma obra de assistência eficiente, as famílias brasileiras do *hinterland*, as quais representam o *substratum* de nossa nacionalidade diante da invasão cosmopolita, dia a dia crescente, pelo litoral.

Já em São Paulo, os campeões do nacionalismo afirmam que o elemento brasileiro se vai transformando em uma colônia, devido ao crescimento espantoso dos núcleos estrangeiros.

Não seria uma obra digna de ser estudada e levada a bom termo por todos aqueles que se esforçam de criar o verdadeiro Brasil do futuro?¹⁵⁴”

A discussão é iniciada com a “informação” de que vários países do mundo estão protegendo suas famílias o que gera fonte de progresso e expansão nacional, mas que o Brasil não estaria fazendo isso. Pois bem em que o autor se baseia ao construir seu argumento? O Brasil não estaria protegendo suas famílias, pois estaria facilitando a entrada de imigrantes no país. Como nossa “raça” estaria ainda em formação à interação com imigrantes era vantajosa, lembremos que estamos no contexto da Eugenia, contudo é preciso tomar cuidado com a “invasão cosmopolita” e apoiar nossas famílias. O discurso de Fernandes tem um tom claramente nacionalista; na visão deste autor a unidade nacional seria a melhor forma para se conduzir o país.

Não era apenas Fernandes que defendia um projeto de sociedade baseado no nacionalismo e na unificação nacional, vejamos artigo publicado no jornal A Província de autoria de Costa Monteiro:

Pela unificação brasileira

Esta irrisória campanha separatista que se anda a ventilar, capciosamente, lá pelo Rio Grande do Sul, é um dos primeiros frutos peccos ou dos primeiros espinhos agudos deste regionalismo enfezado, desta estreiteza de preocupações estéticas, deste raquitismo de preocupações políticas que de certo tempo até aqui defende-se no Brasil com grande principio de regeneração intelectual. Doloroso emparedamento de surtos espirituais.

¹⁵⁴ Diário de Pernambuco 09.03.1920.

Quando o Brasil progride, aumentando a população, intensificando o seu prestígio internacional, para gaudío de seus admiradores e o desespero de seus inimigos, é que se deseja limitar fulgurações cronológicas, como si o Brasil, todo ele, do cabo de Orange às planícies do Rio Grande, não sentisse uma só alma, não ardesse com um mesmo organismo.

A ganancia por voraz dos detratores do país que rebentou, a sombra da cruz ou cimos florescentes do Paschoal, flores de fá e de bravura, está conspirando na sombra.

E os congressos regionalistas que se promovem são palhas secas do coco na fogueira crepitante dos bairrismos perniciosos.

Abram os braços como a erguida cruz gloriosa de Cabral: abramos os braços para o Paiz inteiro, todo ele nosso, todo ele unido, todo abrazeirado.

Porque os estados do Brasil são apenas pequenos braços de um rio único, com uma nascente exclusiva; a água será a mesma. São brasileiras as canoas e as jangadas que partem das praias e dos canaes para as viagens de recreio ou para o delicioso labor das pescarias. São brasileiros os embarcadiços a cantar lóas saudosas na mesma língua tradutora das mesmas emoções.

E sobre esta pequena preocupação de caráter pessoal, sobre essa restrita união de sugestões estéticas, que atijam rivalidades de um mero partidarismo político e passam apenas como leves momentos de passeio recreativo. Um dever maior se impõe: dever profícuo de autonomia tradicional de conservação autocéfala- a unificação brasileira¹⁵⁵!

É claro o tom nacionalista do discurso e uma crítica severa a uma possível, segundo o autor, conspiração separatista. É interessante que para Monteiro separatismo e regionalismo são a mesma coisa, ou melhor, aquele é fruto deste. Para o autor era inadmissível tais pensamentos regionais, pois do Sul ao Norte o Brasil era um mesmo organismo que progredia paulatinamente. Há uma crítica clara ao Congresso Regionalista que já estaria sendo organizado por Gilberto Freyre e que aconteceria logo no mês seguinte. O interessante para nosso trabalho é perceber uma incipiente oposição ao nacionalismo, o regionalismo, e uma contra argumentação do nacionalistas.

¹⁵⁵ A Província 23.01.1926.

A discussão era frequente, pois além de questões de planejamento urbano e questões culturais, havia a dúvida de qual seria a melhor maneira de se administrar politicamente o país. Em 1924 o jornalista Carlos Mariz escreve uma coluna discutindo uma possível reforma constitucional, o ponto mais importante era o que seria melhor para o país o federalismo ou unitarismo político. Mariz argumenta que

“O próprio Ruy Barbosa, a cabeça pensante do governo provisório, e autor ou inspirador da atual Constituição, num discurso proferido em, 905, explorando as demasias do federalismo, disse o seguinte: “Esta nacionalidade que do Amazonas ao Prata se estende quase como uma só religião e sem nenhum dialeto: o regionalismo do sistema federativo, dividido pela nossa infelicidade política, ameaça dissolve-la sorrateiramente. Já não temos solidariedade nacional, nomes nacionais, só nos resta a justaposta esta formula extenuada e manca manipulada por interessados que a representam.”

Ruy portanto queria também a republica unitária parlamentar, e quando foi da sua candidatura à presidência, em 1910, um dos pontos do seu programa era a reforma constitucional para a salvação do Brasil.

Onde a reforma poderá encontrar resistência é nos estados do Sul, cujas correntes presidencialistas são importantes; entretanto nesses Estados os partidários da revisão contam-se aos milhares e assim poderão eficientemente contrabalancear as forças em luta.

Rio de Janeiro, Espirito Santo, Paraná e Santa Catarina só tem a lucrar com a república unitária.

Por falta de conhecimentos jurídicos sem autoridade nenhuma de constitucionalista, não podemos fazer uma analise rigorosa do sistema federativo entre nós, mas como todo o homem de senso, de alguma educação e conhecimentos bebidos em constantes leituras e, além disso, observador dos factos, sendo imparcial e justo, pode dar também a sua opinião fundada na razão e na verdade, julgando-nos no direito de aceitar ou não teoria qualquer.

Existe realmente federação entre nós? Que devemos entender por sistema federativo; que benefícios tem proporcionado esse regime ao brasileiro e a nacionalidade?

Em primeiro lugar a federação do Brasil é apenas simulada, o presidente da republica ou forçado pelo meio em que vive, ou por indução das leis atávicas, intervém na eleição dos governadores, na de deputados federais e estaduais, na escolha de senadores, enfim nos mais insignificantes negócios que dizem respeito a vida intima dos estados, assumindo uma

atitude flagrantemente contraria ao regime e ultrapassando as franquias do sistema unitário, de sorte que o traço absoluto e despótico predomina nas suas ações.

Com esses abusos desapareceram os partidos para abroilharem mandões com veremos mais adiante. Um homem, diz o notável economista, Mario Pinto Serva, para ter saúde precisa ter todos os seus movimentos sem peias, precisa de completa liberdade de locomoção. Da mesma forma um povo para evoluir e progredir precisa raciocinar livremente, precisa externar francamente as suas ideias precisa ter todos os seus movimentos desembaraçados.

O regime que nos vem governando não permite nada disso. Como si o Brasil fosse um malfeitor ou um doido, vestiram-lhe com a constituição atual, uma camisa de força para tolher-lhe os movimentos, impedir-lhes a liberdade e coloca-lo na impossibilidade de fazer dano. Dominado por essa camisa de força o Brasil ficou entregue a meia dúzia de políticos que dele dispõem a vontade¹⁵⁶.”

Inicialmente é ressaltada a unificação nacional como um argumento aliado ao centralismo. O federalismo era entendido como uma variação política do regionalismo, confundido, ocasionalmente, com o separatismo. Segundo Joseph Love “o regionalismo é o padrão de comportamento político característico do regime federativo¹⁵⁷”. Ao afirma que onde poderia haver resistências ao centralismo parlamentar seria no Sul, o que podemos entender que na opinião do autor essa proposta não teria resistência no norte. Há uma crítica extensa ao regime falsamente democrático que indicava os parlamentares, muitas vezes sobrepondo-se a eleição. Aconteceu tal fato quando em 1911 o General Dantas Barreto foi empossado na marra pelo presidente Hermes da Fonseca que enviou o exército para garantir a posse de Dantas Barreto no lugar do eleito Rosa e Silva representante da oligarquia local. Para impedir tais acontecimentos, para Costa Mariz, era necessário retirar a camisa de força que aperta o povo e promover a liberdade de expressão de seus pensamentos políticos.

Lembremos que este é o momento do auge do debate entre Federalismo¹⁵⁸ e Centralismo no Brasil no campo político. É possível realizar uma discussão análoga entre o Nacionalismo e Regionalismo no campo cultural, pois é nesse momento

¹⁵⁶ A Província 4.05.1924

¹⁵⁷ (LOVE,2000,p.124)

¹⁵⁸ Ver mais em (LEVINE, 1984); (LOVE,2000)

histórico que está em discussão e construção às identidades nacionais e como contraponto as identidades regionais. Os campos político e cultural estão imbricados nessa discussão, não é possível entender esses campos de forma separada.

Em contrapartida ao discurso nacionalista se desenvolve no Recife dos anos 1920 um projeto regionalista para a cidade do Recife. Havia uma insatisfação de vários setores da sociedade com os rumos em que estava a capital de Pernambuco. A crise econômica era sentida, o deslocamento do poder econômico e político para o eixo Rio-São Paulo era cada vez mais notório. Através das leituras analíticas dos jornais da década de 1920 é possível perceber ideias com base em um sentimento regional espalhadas por diversos setores da sociedade, mas é em 1926 com o Congresso Regionalista é que essas ideias encontram um espaço amplo de discussão. Gilberto Freyre, nome a frente do evento, não inventou o sentimento regional, o mesmo já era discutido em diversas parcelas da sociedade, contudo foi com Freyre que tais ideias obtiveram maior repercussão.

O nosso interesse com essa breve exposição de pensamentos políticos e projetos de sociedade é abrir o espaço para a discussão dessas questões no ambiente cultural, ou seja, utilizaremos o futebol como meio para analisar as disputas de projetos de sociedade. Discutiremos nas linhas que seguem a difusão das ideias regionalistas expressas nos jornais e revistas recifenses da década de 1920, a participação de Gilberto Freyre nesse processo e como o futebol, como produto cultural da indústria de cultura de massas, será um campo de disputas entre projetos sociais. A pergunta a ser respondida é de que forma o futebol foi aos poucos tomando tons regionais ao ponto de ser representante da força do estado de Pernambuco?

3.1. Gilberto Freyre, Regionalismo e futebol.

O sentimento regionalista alcançou categorias nunca antes imaginadas na década de 1920. É no Brasil pós 1889 que será possível o desenvolvimento de uma identidade regional que entrará em conflito com a construção de identidade nacional proposta pela República. Com a virada do século XIX para o XX e o avanço da modernização das grandes capitais, como Recife, novas demandas políticas foram sendo construídas. Portanto entendemos o regionalismo como uma maneira de

entender o mundo a sua volta e uma maneira de propor um projeto de sociedade, dentre as tantas possibilidades propostas pelo contexto histórico.

Entendemos o regionalismo não como um movimento organizado, com um líder, membros exclusivos, espaço físico, aos moldes de um partido político, mas sim como um sentimento, uma identidade construída a partir de um contexto histórico específico. Segundo o Dicionário do Pensamento Social do Século XX a definição se Regionalismo seria a seguinte:

“Este é um termo usado para indicar um movimento sociopolítico inspirado pela cultura de determinada região e que tem por objetivo impedir que a identidade local venha a submergir na homogeneidade nacional, assim como tornar a região mais independente do governo central. O regionalismo é um fenômeno particularmente forte e recorrente nos países em que a formação do estado nação (Tilly, 1975) não obliterou diversas identidades culturais regionais, mas, antes, alimentou estratégias do governo centralizado de reprimir ou subordinar essas identidades aos padrões nacionais uniformes e unificados.¹⁵⁹”

Portanto não é força do acaso esse sentimento regional aflorar justamente quando o estado de Pernambuco perde poderes políticos e econômicos, resultado a transferência do centro econômico do Norte para o Sul.

Nesse mesmo momento, mais especificamente em 1923, a CBD resolve promover o Campeonato Brasileiro de Seleções. Na primeira fase havia as disputas regionais e o vencedor enfrentaria as seleções de outras regiões do país até sair o vencedor. Os jogos da seleção pernambucana causavam muita comoção por parte da imprensa e da torcida, os jogos eram verdadeiras atrações na cidade e as notícias sempre falam em públicos na casa dos milhares.

As questões regionais afloravam em vários aspectos da vida cotidiana. Eram frequentes as queixas por, segundo os reclamantes, os pernambucanos estarem imitando muitas coisas do “estrangeiro” ou da capital, o Rio de Janeiro. Algumas reclamações eram referentes a temas que podem soar triviais, como, por exemplo, a maneira que deveria ser construída uma vitrine de loja ou dos alimentos que deveriam ser servidos nos cafés e restaurantes. Contudo, as manifestações de

¹⁵⁹ MINGIONE, Enzo. Regionalismo *in* OUTHWAITE, William et al. (Ed.). **Dicionário do pensamento social do século XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. 970 p.

regionalismo mais conhecidas e repercutidas se deram no meio cultural, principalmente na literatura.

Neste trabalho nossa pretensão é analisar as manifestações regionalistas utilizando o futebol como meio para chegar a esse fim. A partir daí discutiremos a questão do regionalismo na década de 1920 não como um movimento organizado, mas como uma expressão de um sentimento que circulava em vários aspectos, portanto Gilberto Freyre e seus partidários organizaram e expressaram esse sentimento em obras literárias.

Todavia, a literatura não era o único caminho de manifestações regionalistas; o sentimento de prevalência das tradições e construção de novas maneiras de expressá-la era abrangente. Muitas vezes esse sentimento é exposto em matérias relacionadas ao futebol, seja exaltando uma vitória da seleção pernambucana ou de times pernambucanos contra times de fora do estado ou minimizando culpando situações de jogo ou atitudes do adversário pela derrota, como, por exemplo, acusar o adversário de utilizar jogadores profissionais ou as condições do campo de jogo, ou até mesmo reconhecer a derrota e exaltar a maneira de reconhecer a derrota como algo tipicamente pernambucano.

As excursões de times de fora do estado eram bem movimentadas, chamavam a atenção da imprensa, atraíam um grande número de torcedores aos campos, mas nada se comparava com o atrativo da seleção Pernambucana. Vejamos o editorial da Revista da Cidade:

“Por mais desinteressado que se seja pelos desportos, sempre que se põe em jogo o nome de nossa terra natal, a gente vibra e pedi a Deus para que a terra querida não sofra o dissabôr de uma derrota. E isso se tem evidenciado cada vez que Pernambuco se empenha na disputa do Campeonato Brasileiro de foot-ball, quando toda a população sorri na esperança radiosa da victoria parasse decepcionar, depois, quando os maos ventos da derrota sopram de rijo o estandarte pernambucano. Agora, aproxima-se a época em que todos se empenham no aprestamento de suas turmas representativas, preparando, por diferentes métodos, o melhor aperfeiçoamento dos que irão ao gramado com a responsabilidade de defender as cores de sua terra e nenhuma ocasião, consequentemente, será mais oportuna para o estímulo dos que recebem o mandato de representar lá fora o nome de Pernambuco. Todos os povos sentem, instintivamente, esse amor sagrado pela sua terra e empenham tudo pela

glória de ver bem alto o nome pátrio, dourado pelo triumpho, em qualquer parte ode se cruzem as armas ou se empenhem as suas forças representativas, nas artes, nas letras, nas sciencias, nas industrias ou nos desportos. Dahi, decerto, o entusiasmo que se tem levantado em prol do campeonato brasileiro de foot-ball, entusiasmo que morre num arrefecimento decepcionado, ao infortúnio da derrota. E isso, exatamente, a falta de um preparo serio, consciente, que viesse garantir a resistênciã dos nossos homens. Agora, a oportunidade desse preparo indispensável. A sorte falha. E os que desejam triumphar pelo mérito, não devem confiar na sorte. Seja esse o nosso caso. E vamos pedir a Deus, não para que aos nossos valham azares da sorte, mas para que lhes incuta na consciênciã o verdadeiro caminho do dever: a vitória pelo mérito.^{160,}

De acordo com a avaliação do autor do editorial mesmo quem não era fã ou acompanhante regular do futebol tinha orgulho da seleção pernambucana, torcia para que esta alcançasse vitórias e sofriam caso estas não ocorressem e as derrotas se tornassem realidade. O Campeonato Brasileiro teria esse poder de agregar todos os apaixonados por futebol na cidade em prol de uma mesma equipe que representava o estado. O poder de união, o amor pela “terra natal”, o futebol como representante são sentimentos intimamente ligados ao regionalismo. Aliás esses são os mesmo fatores listados por estudiosos que tem como tema o nacionalismo no futebol. Ao analisar o Campeonato Sul-Americano de futebol realizado no Rio de Janeiro em Maio de 1919, o historiador Leonardo Pereira conclui:

“Representando “um fato de grande significação nacional”, a vitória brasileira no sul-americano dava ao futebol na cidade o estatuto de “uma das mais respeitáveis instituições nacionais.” Ao consolidar uma identificação que tinha em sua base diferentes modos de sentir um mesmo orgulho nacional, o futebol convertia-se em um canal privilegiado de afirmação social deste sentimento^{161.}”

Guardadas as proporções e contando com as especificidades do processo, podemos enxergar similitudes entre o processo de construção do nacionalismo

¹⁶⁰ Revista da Cidade, N-10, 31.07.1926.

¹⁶¹ (PEREIRA, 2001, p.154)

através do futebol na capital Rio de Janeiro e a construção de uma identidade regional na cidade do Recife com o futebol local.

Voltando ao editorial o autor entende esse amor pela seleção local como algo normal, “natural”, e que acontece em todos os lugares do mundo. Todavia sabemos bem que o nacionalismo ou o regionalismo são construções sociais e que nada têm de naturais. O futebol é apenas um dos espaços onde o regionalismo se expunha, os esportes, como práticas culturais, são apenas uma via do processo, o futebol como orgulho regional só era sentido pelos habitantes da cidade do Recife e regiões em seu entorno que era o público alvo. É difícil imaginar que nos anos de 1920 a população de Afogados da Ingazeira cidade situada a 400 km da capital estivessem preocupados com o desempenho da seleção pernambucana no campeonato de futebol.

Nota-se na matéria que, para o autor, o futebol é apenas uma das formas da população expressar seu sentimento de orgulho pela sua “terra natal”. O próprio autor cita que, na sua visão, os pernambucanos se orgulhavam de ver “suas forças representativas, nas artes, nas letras, nas ciências, nas indústrias ou nos desportos”. Esse “orgulho” é facilmente identificável na documentação analisada neste trabalho, principalmente nas linhas escritas por Gilberto Freyre, que nessa época, retornara ao Recife, virara colunista do Diário de Pernambuco e suas crônicas eram famosas pelo apelo regional.

Há uma interpretação consolidada, inclusive por contemporâneos, que Freyre era um crítico a modernidade e que o mesmo sentiria saudade do poder senhorial do século XIX do qual seus antepassados gozaram¹⁶². De fato em alguns dos seus textos há um tom saudosista, mas não entendemos que este seria o argumento principal, principalmente, nos textos escritos para a coluna do Diário na década de 1920. No artigo número 1 da série de artigos numerados Freyre não economiza elogios ao romance Palaquim Dourado escrito por Mário Sette. “Para o romance Palaquim Dourado, o Sr. Mario Sette tomou um assunto que vem nitidamente reafirmar o seu propósito de fazer literatura regional. Regional e tradicionalista¹⁶³.” Inicialmente há uma boa recepção do romance pela temática tratada no seu interior. A temática regionalista do livro é o que mais Freyre leva em consideração: o mesmo

¹⁶² Ver (Ortiz, 1985)

¹⁶³ Diário de Pernambuco, 22.04.1923.

afirma que “a preocupação tradicionalista, a que Sr, Mario Sette vem subordinando sua atividade de romancista, é-me altamente simpática¹⁶⁴”.

Além das questões literárias, Freyre tinha outras preocupações com a cidade do Recife. A arquitetura e os rumos que tomava o desenvolvimento urbano da cidade eram temas muito tocados nas crônicas freyrianas. Sobre a capital pernambucana afirma:

“O Recife dá a quem chega a impressão de uma cidade sem árvores; e a quem demora uns dias a impressão de uma cidade sem música. Nos seus cafés e nas suas confeitarias não há sequer um arremedo de orquestra; pelas ruas não vaga um menestrel; os próprios mendigos já não cantam sua pedintaria; e quem nos dá notícia de um coro de igreja, duma capela qualquer onde se possa ouvir sem desconforto um pouco de canto gregoriano? Dir-se-ia que somos uns convencidos da doutrina de que já não me lembra que maganão citado por Alphonse Daudet: que a música é simplesmente a forma mais dispendiosa de fazer barulho. Amigos da economia e do silêncio, evitamos a música ou, antes, fazemo-la substituir pela chamada cena muda, que deliciosamente combina as vantagens de barateza e silêncio¹⁶⁵”.

Não é possível que o Recife fosse uma cidade tão silenciosa quanto afirma Freyre. Através de uma análise na seção de divertimentos públicos dos jornais é possível encontrar diversas propagandas de bailes dançantes, nos teatros, nos clubes de futebol, nas associações de lazer são comuns apresentações das jazz-bands. A questão era justamente essa não é que Recife fosse uma cidade silenciosa, a questão é que não eram as músicas da preferência de Freyre que estavam em circulação no contexto da cultura de massas. Atentemos para a continuação da crônica:

“A música, esta, refina. É a mais dinâmica das artes. Tem mesmo- dizem-no especialistas- valor terapêutico. Não falo, é claro, da chamada *jazz music* que acompanha as danças modernas; esta deve embrutecer.¹⁶⁶”
(...)

¹⁶⁴ Idem.

¹⁶⁵ Diário de Pernambuco 13.05.1923

¹⁶⁶ Idem

Convém, entretanto, recordar, em justiça aos chamados animais inferiores, que logo depois de principiado o furo da *jazz music* se fizeram no jardim zoológico de New York experiências interessantíssimas mediante uma *jazz band* que ali executou peças do seu repertório.

Apurou-se das experiências, que os nossos inferiores, em geral amigos da música- chegando até ao extremo da voluptuosidade, como as serpentes- são inimigos da tal *jazz*. Os macacos não se limitaram, à maneira das cegonhas, à filosófica indiferença ou apatia; neles a *jazz* excitou fúrias homicidas, iconoclasticas e creio até, mas não estou certo, suicidas¹⁶⁷”.

As jazz bands, definitivamente, não agradavam a Freyre. Todavia tinham uma grande popularidade na cidade do Recife, assim, a cidade silenciosa não existia. O que ocorria era um modelo de música, de cidade, de projeto de sociedade divergente do qual Freyre defendia o qual analisaremos de forma mais detalhada nas linhas que seguem.

O sentimento saudosista dos tempos áureos do estado de Pernambuco é uma tônica nas colunas de Freyre, de certa forma, é uma lembrança do passado, mas não entendemos como uma reivindicação de volta ao tempo, mas sim ajustes na modernização da cidade. Gilberto Freyre afirma:

“Centro onde vinham repercutir movimentos de ideias e de onde partiram no Brasil os primeiros sinais telegráficos de cultura- isto foi Pernambuco. Primeiro em Olinda; depois no Recife. Com o Bispo Azeredo Coutinho a erudição tomou entre nós acentuado ar pragmático. Sua obra encanta, pela preocupação de interpretar-nos os problemas, principalmente os de natureza sócio-econômica. Ainda hoje, à distância de mais de cem anos, surpreendemos nos estudos de Coutinho alguma coisa de provocante e de moderno¹⁶⁸”.

A mudança do centro econômico para do Norte para o Sul do país, deixou marcas, também, nas questões culturais. Claramente o Rio de Janeiro, como capital, foi se fortalecendo como centro cultural do país. Tal mudança não agradava a Freyre que entendia que deveríamos voltar às nossas origens, dos tempos em que Pernambuco era um centro cultural importante do país.

¹⁶⁷ Idem.

¹⁶⁸ Diário de Pernambuco 8.7.1923

Uma particularidade recifense chamava muito a atenção do sociólogo pernambucano: a culinária. Os quitutes oriundos da capital pernambucana ocupavam muitas linhas de suas colunas, com a modernização da cidade o intercâmbio cultural com outros povos ampliou o leque de possibilidades alimentares. “Nosso paladar vai-se tristemente desnacionalizando¹⁶⁹” por desnacionalizando, entendemos, mais como “desregionalizando”, pois os elementos são mais identificados com Recife do que com a nação brasileira. “Das nossas mesas vão desaparecendo os pratos mais característicos: as bacalhoadas de côco, as feijoadas, os pirões, os mocotós, as buchadas.¹⁷⁰” Alerta para os riscos que a nação estava correndo: “há um perigo num paladar desnacionalizado. O paladar é talvez o último reduto do espírito nacional; quando ele se desnacionaliza está desnacionalizado tudo o mais.¹⁷¹”

Como crítica ao modelo de desenvolvimento urbano e cultural da cidade, Freyre descreve alguns locais os quais deveriam existir na cidade do Recife. “Estive outro dia a imaginar um café ao meu jeito par a o Recife. Café ou confeitaria. Ou mesmo restaurante. Um café ou restaurante ou confeitaria que possuísse cor e características locais¹⁷²” A demanda de Freyre era um local no qual as características locais fossem exacerbadas, um local no qual a cultura/tradição fosse exposta. “É verdade que isso de atmosfera não se improvisa”, com toda razão, é um processo de construção regionalista do qual o autor pernambucano será o maior defensor. Segue a descrição de como seria esse espaço:

“Vejo, porém, que ainda não disse o que seria o tal café do meu jeito. Caracteristicamente pernambucano. Regionalmente brasileiro. Capaz de fazer sentir ao estrangeiro um pouco de nossa vida e do pitoresco local. Imagino bem como seria semelhante café: uns papagaios em gaiolas de latas, côco verde à vontade pelo chão- não se serve côco verdes nos cafés do Recife!- uma fartura de vinho de jenipapo, folhas de canela aromatizando o ar com seu pungente cheiro tropical. À noite, menestréis- cantadores!- cantando ao violão trovas de desafio; um canto uma dessas pretalhonas vastas e boas, assando castanhas ou fazendo pamonha. Ao seu lado, quitutes e doces, ingenuamente enfeitados com flores de papel recortado,

¹⁶⁹ Diário de Pernambuco 10.02.1924

¹⁷⁰ Idem.

¹⁷¹ Idem.

¹⁷² Diário de Pernambuco 14.10.1925.

anunciando uma culinária e uma confeitaria que constituem talvez a única arte que verdadeiramente nos honra. Isso, sim, seria uma delícia de café.¹⁷³”

Portanto a ideia de Freyre não era um retorno ao passado colonial, mas sim que a modernização da cidade fosse de uma forma que o Recife não perdesse as tradições culturais as quais nosso autor considerava importante. A modernização em si não constituía um problema, mas o modelo que a mesma estava sendo realizada, com importação de valores europeus, esse questionamento passou a ser muito discutido no país principalmente no período pós Primeira Guerra mundial. Mas não era na culinária onde podemos perceber mais claramente essa linha argumentativa Freyreana, mas sim nos seus textos sobre a arquitetura e desenvolvimento urbano.

As críticas ao modelo de cidade são variadas, mas com a mesma tônica regionalista e com um implícito questionamento fundamental: por que temos que copiar o modelo de modernização de cidade europeu? Na sua opinião Recife não precisava de arranha céus a arquitetura colonial com sobrados era a ideal para nossa cidade, analisemos o que Freyre nós diz sobre a construção do novo prédio do Arsenal:

“Se alguém quiser sentir todo o agudo entre contraste entre o Recife de agora salpicado de anjinhos e confeitos nos seus frontões e os dos nossos avós, alugue um bote ou uma lancha e de certa distância contemple estes dois vizinhos: o Arsenal e o edifício da Fiscalização Federal do Porto. O Arsenal – firme, puro, sóbrio; o edifício novo- rebarbativo, desgracioso, absolutamente sem caráter. A não ser o que o tivessem edificado para sede de alguma federação de clubes de “foot-ball” com ênfase de “foot”. Ou para obter o áureo “Grand Prix” num concurso de Mau Gosto.¹⁷⁴”

Freyre defendia a tradição que tal edifício representava, não apenas o prédio de concreto físico, mas a simbologia de um passado de glória da cidade. Ele continua:

“Entre nós, impõe-se, como disse, uma campanha que nos habilite a contrariar um pouco a atual volúpia da novidade. Entre os meninos de escola, entre rapazes de faculdade, entre os mais moços, que são os mais

¹⁷³ Diário de Pernambuco 14.10.1923.

¹⁷⁴ Diário de Pernambuco 9.12.1923.

plásticos, deveria estabelecer-se um Dia do Passado. Ou da Tradição. Um dia em que nos recolhêssemos misticamente ao Brasil brasileiro dos nossos avós; e falássemos deles. Um dia de romagem aos edifícios velhos: tantos deles cheios de boas inspirações para bons edifícios moderno¹⁷⁵”.

Muitos dos críticos de Freyre utilizam textos como o supracitado para defender a ideia de que o sociólogo pernambucano tinha saudade dos privilégios que seus antecedentes tinham no Brasil do século XIX. De fato essa exaltação ao passado, a tradição é passível dessas críticas, principalmente o questionamento: que passado é esse que deve ser contado com tantas glórias? Os avôs negros que foram escravizados teriam suas histórias respeitadas? Freyre considera seu passado valioso também? Essa crítica do Gilberto Freyre saudosista dos engenhos era realizada inclusive por contemporâneos do autor, Costa Monteiro era um desses. Em artigo denominado de **Tradicionalismo sujo, tradicionalismo limpo**, Monteiro afirma:

“Recife prossegue, avantajadamente, para o Progresso. Não a passos largos, medidos e solenes, como aquele grammatico... de Arthur Azevedo, porem em vôos vertiginosos como um junkers, de 300 kilometros à hora. É pois uma cidade em pleno futurismo. Prossegue, sem ligar o abolicionismo de outros, nem o encyclopedismo do sr. Naassonn, nem o regionalismo do sr, Gilberto Freyre, tudo isto que nada exprime a não ser a notabilidade de pseudos precursores de calças pretas e paletots brancos.

Recife já não é mais aquela mesma suja e triste das carroças puxadas a boi o dos bondezinhos puxados a burro. Já não se apresenta ao estrangeiro com aquele aspecto de feira sertaneja com cascas de frutas pelo meio da rua e com a azafama alfandegaria dos seus bodegueiros em mangas de camisa. A cidade é bem outra.¹⁷⁶”

Para Costa Monteiro a cidade estava melhor do que era antes e pouco importava a opinião de correntes que questionassem esse “progresso”, tampouco como o mesmo estava sendo desenvolvido. O que importava para Monteiro eram os avanços que aconteciam na cidade e eram visíveis aos olhos. Freyre e Monteiro claramente discordavam em vários aspectos enquanto Freyre questionava:

¹⁷⁵ Idem

¹⁷⁶ A Província 27.11.1924.

“Que há num nome?” Pergunta um personagem de Shakespeare. Que há num nome? Devem perguntar desdenhosamente os prefeitos do Recife, ao mudarem, com um traço fácil de pena ou mesmo de lápis, os nomes de nossas ruas e praças.

Esse verbo “mudar” é aliás muito conjugado no Recife. Vive o Recife a mudar de casa, de profissão, de colégio. Ultimamente, quis até mudar de lugar, dando-se ao luxo dum terremotozinho, cuja realidade, entretanto, ninguém cientificamente apurou.

Mas sobretudo vive o Recife a mudar os nomes das ruas. Poderia mesmo sugerir-se que as placas com os nomes das ruas fossem entre nós ardósia; e os nomes escritos a giz, bastando criar-se um lugar de calígrafo na prefeitura.

(...) Um amigo meu chegou a convencer-me outro dia de que o nome “Aflitos” deve desaparecer do mapa do Recife. De fato, na estrada dos Aflitos moram hoje burgueses regalados e felizes, cujas casa possuem “abat jour” e piano. Nada têm de aflitos.

Mas no dia seguinte passei pela estrada dos Aflitos a pé. E cheguei a conclusão de que deve continuar “Aflitos”. Pois é possível que seus habitantes não vivam com aquela rua toda esburacada?

Havia no Recife ruas de nomes deliciosamente pitorescos. Basta recordar à-toa: Rua das Águas Verdes, Travessa do Quiabo, Beco do Catimbó, Cruz das Alamas, Ubaías, Beco da fachada, Rua das Crioulas. São nomes em que se sentem sugestões de poemas.¹⁷⁷

Enquanto Freyre se preocupava com a manutenção dos nomes “pitorescos” das ruas, da beleza e especificidade local dos nomes, Costa Monteiro pensava de forma divergente:

“As suas ruas(da cidade do Recife), sofreram alteração radical; rasgaram-se avenidas largas e claras, construíram-se pontes amplas e ventiladas, ergueram-se edifícios fortes e confortáveis- si bem que moldados em pseudos- estylo archicctonico-, bondes rápidos e autos macios, encheram a cidade das emacias febricitantes do progresso.

Entrou, por toda a parte, a turba saneadora dos mata mosquitos. O camartelo gigantesco do tempo destruiu casarões. Construíram-se artérias cheias de sangue puro e vivificador. Recife civilizou-se. Recife higienizou-

¹⁷⁷ Diário de Pernambuco, 25.11.1923.

se. A cidade suja e triste que tinha a physonomia de velha mercadora de tapioca, é hoje moça esbelta e fascinante. Dir-se-ia que se lhe operou a sapiência transformadora de Voronoff. Houve mesmo uma notável mudança no seu aspecto natural. O óleo forto o berranto das suas paisagens realçou como mais brilho e mais beleza, sob os reflexos novos e nítidos de sua nova moldura”.

Recife hoje é uma cidade em pleno futurismo. Uma cidade que toma banho. Banho de essências e kilowates horas. Recife é outra e hoje mais do que nunca obedece a lei dinâmica das transformações creadoras, sob a orientação altamente laboriosa do Sr, Sergio Loreto. Porem, há, por ahi, quem viva a fazer a apologia do tradicionalismo. Engano manifesto, ou, para melhor clareza, erro de palmatoria¹⁷⁸”.

As visões de modernidade de Gilberto Freyre e Costa Monteiro são antagônicas, enquanto o primeiro defende a tradição e discorda do modelo de desenvolvimento urbano das cidades, do modelo arquitetônico moderno, o segundo demonstra bastante otimismo com toques eufóricos na defesa das mudanças que ocorrem na cidade. Para Monteiro o regionalismo ou tradicionalismo é sinônimo de atraso e volta ao passado, uma visão aliada ao projeto positivista de sociedade. Não entendemos que um retorno ao passado deixaria Freyre realizado, mas sim que a defesa deste era de uma modernização específica às realidades recifenses, sem abandonar suas tradições culturais. É um debate acalorado em torno de projetos de sociedade, uma disputa em vários campos, no campo cultural, por exemplo, de projetos políticos para a sociedade pernambucana abatida pela perda do domínio econômico.

Nossa temática é o regionalismo entrelaçado ao meio futebolístico da sociedade pernambucana. As disputas do selecionado pernambucano no campeonato brasileiro mexiam com a cidade, as pessoas se importavam, acompanhavam, discutiam as convocações, havia uma comoção com a seleção. Em Pernambuco o campeonato era encarado com seriedade era considerada uma honra para o jogador vestir a camisa azul e branca da seleção. A estreia Pernambucana foi já no primeiro campeonato em 1923 em um jogo contra o selecionado Paraense no campo da Avenida Malaquias, campo este que pertencia ao Sport Clube do Recife. Como já vimos, a estreia, apesar do resultado, foi uma

¹⁷⁸ A Provincia 27.11.1924.

festa, “calculou-se em 5 mil pessoas, proporcionando uma renda também recorde: 16 contos de réis¹⁷⁹”.

O campeonato de 1924 teve ainda mais cobertura da imprensa, todo o seu processo, o antes, o depois e principalmente o durante, com uma transmissão especial diretamente da Bahia via rádio e em praça pública. A Revista Pílhéria demonstra sua preocupação com o desempenho que o selecionado pernambucano terá no campeonato que chega:

“Está hoje considerado como assumpto de magna importância a disputa do campeonato brasileiro de foot-ball, para o qual todos os concorrentes se adestram, excepto, talvez, o nosso Pernambuco. A principio, nós teríamos de jogar com o selecionado cearense que, pela primeira vez concorre ao Campeonato. Depois de “marches” e “démarches” em torno de seus “casos” ficou resolvido que o selecionado, pernambucano jogará com o paraense, aqui, em nossa encantadora Mauricéia, indo o selecionado cearense bater as christas com os meninos possantes da bôa-terra...

De tudo, nós só pedimos aos céus que nos facilitem ensanchas de fazer uma figurinha menos ridícula para que se não diga, depois, que o bravo Leão do Norte já não sabe sacudir a juba¹⁸⁰”.

Há uma preocupação para que o selecionado do “Leão do Norte” não passe vexame, lembrando que no ano anterior a seleção teve uma apresentação ruim, perdendo para o Para no Recife. Assim o temor existente de não manchar a reputação do futebol pernambucano não deixa de ser a expressão de um sentimento regional e para que isso não ocorresse o autor deixa implícita a ideia de que uma desorganização do campeonato possa prejudicar o time local de alguma forma.

Muitos na imprensa criticavam a LPDT por vários motivos relacionados ao selecionado pernambucano. As críticas ora eram pela escolha de determinados jogadores em detrimento de outros, ora pela falta de treinamento ou pela demora na escolha dos nomes que integrariam a seleção. Uma dessas preocupações era expressa pelo redator esportivo da Província:

“QUAL O NOSSO SCRATCH?”

¹⁷⁹ (Alves, 2000, p. 79)

¹⁸⁰ A Pílhéria, ano 5, n.162, 1.11.1924.

Eis a pergunta que nos é dirigida a cada instante por inúmeras pessoas que so interessam vivamente pelo bom sucesso das cores pernambucanas. Temos de enfrentar os paraenses dia 16. Será outro fracasso? A falta de compreensão dos dirigentes da LPDT não nos anima a responder satisfatoriamente. Se tivéssemos organizado o nosso selecionado, se conhecêssemos os onze homens que hão de defender o nosso Estado, naturalmente, não haveria motivo de repetirmos a pergunta- qual o nosso scratch?

A comissão de jogos, já realizou dois treinos e ainda não resolveu o problema...

Vamos, pois, consultar o publico qual o verdadeiro scratch pernambucano que deve jogar com os nossos irmãos paraenses.

Abaixo os nosso leitores encontrarão um questionário, onde responderão que devem figurar no scratch pernambucano e nos remeterão até o dia 12, quatro dias antes da realização do encontro, para o sr. chronista desportivo da "Província". Diariamente publicaremos o resultado parcial deste plebiscito desportivo¹⁸¹."

A importância que era dada ao selecionado pernambucano é notória, a preocupação com seu desempenho também o era. Como os últimos resultados não foram bons, havia a preocupação de um vexame. E porque motivo a derrota em um jogo de futebol seria um vexame? Justamente pela importância que era dada ao esporte, nesse sentido o futebol representava não só os jogadores de futebol pernambucano, mas sim as honras e glórias do estado, representava seu passado guerreiro, o espírito pernambucano de bravura do Leão do Norte.

No primeiro jogo a seleção não decepcionou, venceu os paraenses no campo do Sport na Avenida Malaquias por um placar de 2 para os pernambucanos e 1 para os paraenses. Na Pilhéria fui descrito um relato do jogo visto pela ótica da arquibancada:

"BAIRRISMO...

A tarde radiosa do ultimo domingo foi bem uma tarde encantadora. Na arquibancada, naquele recanto onde, durante o segundo meio-tempo, se apreciava o ataque pernambucano, aquella deliciosa morenita de olhos

¹⁸¹ A Província 2.11.1924

azevichados e nariz petulante, torcendo pela vitória pernambucana, junto ao seu “flirt”, um moço, baixo, gordo, sympathico, olhava a esfera de couro que ia e vinha, cansada, poeirenta, à mercê da habilidade pebolista dos jogadores quando a linha pernambucana, num rápido avanço, conquistou a vitória.

Foi um delírio. A arquibancada receou um desabamento e toda a gente freuiu de entusiasmo, aclamando os heróis, enquanto a deliciosa morena de olhos azevichados e nariz petulante, abraçou-se ao seu “flirt”, esquecendo tudo, na delícia do entusiasmo, abraçando o moço baixo, gordo e simpático, como se ele fosse os heróis que conquistaram, lá no gramado, para a bandeira pernambucana o grande triunfo¹⁸².”

O olhar da arquibancada possibilita uma nova compreensão do futebol, ou melhor, do espaço de sociabilidade criado por ele. A cena da jovem com seu affair poderia ter acontecido, perfeitamente, no cinema, no teatro ou em alguns dos cafés espalhados pela Rua Nova. Espaços modernos como também o era a arquibancada de futebol, esporte que proporcionou uma alegria, um entusiasmo tão grande na jovem que ela abraçou seu pretendente projetando um dos heróis da conquista regional.

A temática incutida na nota é: “o Pernambuco que queremos” é a descrição de uma sociedade ideal pelo autor. Um casal se divertindo de forma ordeira, em um espaço público, apreciando um esporte que, se praticado no devido espaço, tinha função pedagógica. Além desses aspectos estariam em campo guerreiros lutando pelo grande triunfo da seleção pernambucana. Esse era o modelo idealizado do futebol o tipo ideal de acordo com Weber.

Ao vencer os paraenses o selecionado pernambucano teria outra missão, ir a Bahia enfrentar a seleção local vencedora do confronto contra o Ceara. Essa excursão pernambucana a Bahia é marcada por dois motivos: é a primeira vez que o selecionado pernambucano rompe as fronteiras pernambucanas para jogar futebol; a seleção de Pernambuco nunca tinha vencido nenhum adversário no Campeonato Brasileiro e conseqüentemente nunca tinha ido tão longe na competição.

Houve um grande interesse dos recifenses pelo duelo Pernambuco X Bahia e toda essa demanda levou o Diário de Pernambuco a montar um esquema especial de cobertura do evento. Desde o momento do embarque para a Bahia houve

¹⁸² A Pihéria ano 5, n.165, 22.11.1924.

acompanhamento, pois “é a primeira vez que do nosso Estado sahe uma representação oficial”. É bem verdade que na visão do cronista esportivo do Diario de Pernambuco a seleção não era a favorita para vencer a disputa regional. Ele argumentava de que

“ o choque de interesses pequeninos, motivado pela má compreensão de uns pela política facciosa de outros e ainda: o descaso em que deixam os responsáveis pelos nossos destinos desportivos, assumptos do maior relevo e importância, para se entregarem numa quase loucura e questões estreitas e pequeninas e que só ao descrédito podem levar o nosso meio, certo, bem outra deveria ser essa representação do nosso Estado.

Ressentindo-se de falhas sensíveis na sua organização e de rigoroso preparo técnico, o quadro pernambucano terá de lutar muito para resisitir ao seu terrível adversário.

Só a bravura, pela vontade indômita de vencer (grifo nosso) poderá livrar Pernambuco de uma derrota que lhe venha a ser deshonrosa.

Oxalá que possam muito mais a força de vontade e o heroísmo desse pugillo de moços e que possa o nosso Estado conquistar assim esse triumpho que será justo e merecido¹⁸³.”

Com um selecionado inferior tecnicamente, segundo o cronista do Diario, a única saída para Pernambuco era lutar com garra e força para assim ter alguma chance de vencer seu adversário. A “bravura” referida é constantemente citada ao longo do tempo como uma característica do futebol local, é entendida como uma maneira pernambucana de jogar futebol, como não seria possível, diante dos resultados, construir uma auto- imagem de jogadores de futebol de alta técnica, foi sendo construída a ideia de que a seleção pernambucana sempre jogava se entregando ao máximo, com muita bravura e vontade de vencer, pois essas características poderiam compensar a falta de uma alta qualidade técnica no esporte.

É chegado o dia do grande embate, 30 de Novembro de 1924. Na sacada do edifício do Diario de Pernambuco foi colocado um alto falante e na medida com que as informações do jogo iam chegando à redação, elas eram repassadas via alto falante ao público que as aguardava na praça em frente ao edifício do Diario. As

¹⁸³ Diario de Pernambuco 26.11.1924.

notícias que ecoavam não eram alegres para os espectadores. A seleção Pernambucana é derrotada pelos Baianos por 7 a 2.

Pouco menos de uma semana depois a dor da derrota ainda repercutia, em sua edição seguinte ao embate a Pilhéria destaca em seu editorial o jogo e lamenta o desfecho que o mesmo teve.

“Já estafadas as velhas chapas da revolução, esta semana teve a encher-lhe o vasio os échos da grande partida de foot-ball que se feriu na zona da bôa-terra, entre bahianos e pernambucanos.

O descredito e o fracasso moral das embaixadas desportivas já se estavam tornando alarmantes para a nacionalidade e já os grandes abalisados mestres da diplomacia estavam olhando o caso como um mal de graves sintomas, quando nos chegaram aos ouvidos as noticias alvissareiras de que, no gloriosos rincão cearense, um pugillo de moços elevava o nome desportivo social da terra pernambucana, vencendo adversários perigosos, sendo vencido, sem demérito, sabendo perder, com honra, e valorizando, com isso, por isso, a nossa tradição de gente civilizada.

Isto sucedeu com o “Sport Club Flamengo”, na terra ardente, hospitaleira e de bôa do Ceará, não há muitos mezes. Agora, com a necessidade, filha de uma victoria honrosa, da ida de uma representação pernambucana à terra bahiana, o exemplo dignificante daquele pugillo de moços foi tomado em conta. Isso mesmo afirmou aqui o presidente da embaixada pernambucana e isso mesmo fizeram lá todos os componentes da embaixada gloriosa.

As festas, as honrarias, as notas encomiásticas da imprensa, o écho da voz dos oradores e as demonstrações de simpatia tributadas aos pernambucanos pela Bahia famosa, de coração bom e largo, são a melhor prova da vitória pernambucana e são um padrão de gloria mais duradouro que a vitória material conquistada no gramado, filha, muita vez, da sorte que sorri a esse para torcer a cara a aquelle.

Vale bem um registro amável o gesto fidalgo da embaixada pernambucana, coroando de rosas os seus próprios triumphadores, na mesma hora em que o seu pavilhão vergava ao peso da derrota. E eu tenho a impressão de que aquellas rosas derramadas sobre os vencedores, glorificavam, também, orgulhosas, a bravura e a moral dos jogadores pernambucanos que souberam perder com honra, que souberam ser vencidos com altiva dignidade em pleno século de egoísmo desenfreado e de avacalhamento absoluto.

Por isso, talvez, nesta semana, toda a cidade glorificou aos seus representantes que, simples e modestos jogadores de foot-ball, souberam,

entretanto, dar um exemplo de dignidade e de lealdade que está a clamar aos céus por imitadores, para que a pátria possa ser, um dia, maior, muito maior.

De mim, tive para eles a minha homenagem e reservei-lhes esta chronica, simples e desataviada, mas sincera, com o alvo único de bradar-lhes o meu *hurrah!* De saudação, pelo relevo moral que souberam dar ao desempenho de sua missão.¹⁸⁴

Antes de comentar o fracasso da seleção pernambucana na Bahia João Outro, autor da coluna, inicia seu texto exaltando as vitórias do Sport Club Flamengo, clube pernambucano que excursionava pelas terras cearenses. Uma forma de contrabalancear a tristeza. Contudo a derrota do selecionado pernambucano não é vista como completo desastre, há tristeza, mas exalta-se a forma com que reagiram os pernambucanos, honrando sua terra natal perdendo de cabeça erguida, com dignidade. Portanto, analisando os periódicos pernambucanos nota-se uma maneira específica de reagir aos resultados futebolísticos: caso tenham ganhado foi porque lutaram como guerreiros, usaram a força e a vontade para superar a falta de uma alta qualidade técnica; caso perdessem, aceitavam a derrota com honra e dignidade mesmo em “em pleno século de egoísmo desenfreado e de avacalhamento absoluto”. De tal modo que havia uma construção de uma maneira pernambucana de se jogar, usando mais a força que a técnica, como uma maneira de se reagir as derrotas tratadas como uma peculiaridade pernambucana. Portanto além da questão de reforçar uma identidade regional, o futebol foi apropriado por um jeito regional de se praticá-lo e de entendê-lo.

Obviamente essa visão do futebol como representante da regionalidade pernambucana não era uma interpretação unânime. Samuel Campello um conhecido crítico do futebol, expressava sua opinião sobre o assunto em um artigo intitulado de Coisas do Futebol da seguinte maneira:

Coisas do Futebol

O futebol que, assim, como o whisky, importamos da Inglaterra está novamente, na ordem do dia.

¹⁸⁴ A Pilhéria, ano 5, n.167 6.12.1924, A nota dos sete dias, João Outro.

Lá, no Olympo da bóia, as coisas são assim: às vezes arrefecem, depois voltam à tona com amis intensidade.

E por isto saíu aqui quase uma comparação do futebol ao whisky- ambos embriagam.

Eu também fui atacado da moléstia. Quando o jogo bretão começou a deitar raízes em Pernambuco- em 1905 ou 1906- fiz parte de uma associação esportiva: o “Clube Esportivo Pernambucano”, um dos primeiros fundados, na cidade de Jaboatão. Por signal que, por ocasião de um jogo, num choque de cabeças deixei lascada ade um jogador adversário- jogador esse que chegou, mais tarde, a ser secretário do Estado, para assignar minha demissão de um cargo público e, depois, deputado federal para deixar de me conhecer.

Curei-me em tempo, porém.

E felizmente. Porque vim a perceber, de modo claro, que o futebol só tem servido para produzir desavenças e introduzir mais termos arresados em nossa língua.

Foi depois da mania do joguinho que a elegância entendeu de não achando bastante o francesismo, dar foros de beleza ao anglicismo.

E tivemos o five ó clock tea, footing dancing, Polotiquice, Jornal, Comedoria – Hotel, etc, etc, etc, Por esta razão eu, que sou meio jacobino, não podendo dar jeito à barafunda, ainda a deixo maior, escrevendo: futebol, clube, esporte, e assim por diante. Pode não dar certo mas perde um tanto o feitio de bife.

Quanto às desavenças nem é bom falar. Tenho conhecido amigos hontem, inimigos irreconciliáveis hoje por causa de um zero a mais ou a menos na contagem de seus jogos. E um zero, entretanto, não vale nada.

O futebol tem coisas engraçadas. Quando a pugna sensacional (todos os jogos são sensacionais) pende para um lado, este jogou bem, mas o outro jogou mal, não senhores. Foi falta de chance. E falta de chance dá motivos para zangas: o juiz foi parcial, não actuou com critério e quejandas amabilidades.

Dizem que o futebol tem entre seus princípios desenvolver o physico dos jogadores, cooperando para a melhoria da raça, e estreitar as relações de amizade de um Estado para outro.

Eu só conheço futebolistas magricelas e... e de pés grandes, e ainda não tive noticia de uma partida de jogadores de um estado em outro(com exceção do Club Flamengo ultimamente no Ceará) que não terminasse dando desgostos.

Há pouco assistimos aqui um caso destes. Jogadores do Pará perderam e saíram dizendo cobras e lagartos. Jogadores pernambucanos têm ido a outros estados e sido tratados mal quando ganham.

Por isto, se minha voz fosse ouvida (ella é tão fraca no meio da gritaria dos torcedores...) eu pediria que não fizessem recahir sobre Pernambuco o ridículo dessas lavagens de roupa suja.

Pará contra Pernambuco! Pernambuco contra Bahia! É o que se ouve gritar. Atendam meus senhores, nem o Pará veio brigar com Pernambuco nem este vae brigar com a Bahia. Aqui vieram pebolistas paraenses que jogaram com futebolistas pernambucanos que vão jogar com pebolistas bahianos. Ponham-se as coisas nos seus eixos.

É preciso moderar tanto enthusiasmo irrisório. Um chronista meu amigo escrevia há dias, aplaudindo o resultado do ultimo jogo aqui. "Pernambuco não se deixa abater. A juba do Leão do Norte está sempre eriçada."

Olhem lá!...

A embaixada(pomposo nome!) está na Bahia e hoje vae travar-se o duelo da esfera de couro.

Se os jogadores que foram daqui para lá ganharem, muito bem! Aquele chronista louvará mais uma vez a juba do Leão.

Mas se perderem? Não vá um chronista baiano escrever em letras garrafaes: Um leão avacalhado! A Mulata Velha corta a juba do Leão do Norte!"

E convenhamos que isto só pode ser vergonhoso.

Não pe melhor não meter os brios do Estado nessa história de jogo de pés¹⁸⁵?

Samuel Campello logo nas primeiras linhas do seu texto deixa clara sua falta de simpatia com o futebol. Sua base argumentativa é construída baseada em um sentimento de nacionalismo. Já analisamos que no período pós Primeira Guerra mundial eram comuns questionamentos sobre os rumos que o Brasil estava tomando na construção de sua sociedade, até então fundamentada em ideais europeus. Estes estavam na maior guerra já vista até então, numa carnificina sem tamanho, milhares de pessoas morrendo, portanto alguns setores da sociedade começaram a questionar o motivo de o Brasil estar baseando o seu desenvolvimento urbano, sua economia, suas práticas culturais nesses países que se digladiavam numa guerra sanguinária.

¹⁸⁵ Diario de Pernambuco, **Coisas do futebol**, Samuel Campello,30.11.1924.

Nesse contexto começa a se desenvolver um sentimento de valorização nacional, das tradições brasileiras, contra estrangeirismos. Campello é claramente adepto a essa visão de mundo, fala do futebol como algo importado, se recusa a usar os termos ligados ao esporte que até então não tinham tradução para o português “escrevendo: futebol, clube, esporte, e assim por diante”. Há uma crítica forte a práticas culturais estrangeiras que faziam certo sucesso na época “tivemos o five ó clock tea, footing dancing, Politiquice, Jornal, Comedoria – Hotel, etc, etc, etc,”.

Campello utiliza de um argumento disponível socialmente, o nacionalismo para criticar a prática do futebol. Contudo, entendemos que o problema do autor não era com o futebol em si, mas sim com a transformação sofrida pelo futebol após sua popularização. Praticar futebol em 1905-1906 numa ação entre amigos da elite, como, por exemplo, o adversário que o autor machuca durante uma partida que se tornou secretário de estado e depois deputado federal. Na opinião do autor o futebol tinha perdido seu sentido inicial e se transformado em barbárie.

Quando começou a ser praticado no Recife, e no Brasil de uma forma geral, o futebol tinha uma função de distinção social, de status, de desenvolvimento físico, o praticante do esporte bretão se sentia diferente por estar realizando atividades culturais de origem europeia. Contudo, na década de 1920, o futebol muda completamente, sendo apropriado pelas classes populares, sendo praticado em locais impróprios, como a rua, por exemplo, sendo utilizado como construtor de uma identidade regional, no caso de Recife. Devido a essas questões Campello se afasta do esporte, ele não estava cumprindo mais o papel social o qual as elites urbanas tinham planejado para ele. Ao relatar sua experiência no “Clube esportivo Pernambucano” Campello marca sua diferença social.

Por fim há uma crítica do sentimento regional que o futebol vinha causando. Para Campello, a comoção era exagerada. O autor não entendia como um esporte poderia representar o estado com tanta aceitação popular. Há em curso um processo de disputa de projetos de sociedade no campo cultural. Para Samuel Campello o futebol não deveria chegar ao nível de popularidade que estava adquirindo, pois era um produto estrangeiro e que devíamos valorizar a cultura nacional. E além de se tornar tão popular o futebol estava se tornando um símbolo de identidade regional quando a imprensa e a população o relacionavam com as

cores da bandeira pernambucana. E a crítica de Campello vai no sentido de que ele não se sente representado por essa barbárie, na opinião dele, que estava o futebol. Se ainda fossem os futuros secretários de estado ou futuros deputados federais que estivessem disputando o campeonato, talvez sua posição fosse oposta, mas no contexto que o futebol se encontrava Campello seria um de seus maiores críticos.

Portanto é possível entender, baseado no *corpus* documental, que havia no Recife dos anos 1920 a construção de uma identidade regional no campo da cultura. E o futebol como uma prática cultural não foi alijado desse processo, apesar do movimento regionalista de Freyre não tê-lo citado, principalmente porque a maior preocupação dos regionalistas do movimento era com a literatura. Contudo essa demonstração do futebol identificado com esse sentimento regionalismo demonstra que, ao contrário do que muitos acreditam, o sentimento regional não nasce com Gilberto Freyre, tampouco é elaborado por ele. Havia em vários setores sociais esse sentimento regional crescente, principalmente pelo fato de que uma região tão rica e importante para o país como Pernambuco estava claramente perdendo espaço no cenário nacional para estados do sul do país.

Estudar o regionalismo através de uma prática cultural como o futebol mostra que o movimento regionalista de 1926 é consequência e não causa de um processo de construção de uma identidade regional. A partir deste pressuposto podemos pensar em novas formas de entender a cidade do Recife nesse momento, e como foi se desenvolvendo esse sentimento regional que tanto orgulham os pernambucanos atualmente, mas que por muitos pode ser entendido como um bairrismo exagerado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa dissertação de mestrado, realizada entre os anos de 2011 e 2013 para o Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura da UFRPE, teve como objetivo contribuir para o debate sobre o processo de construção de uma identidade regional na cidade do Recife. Para chegar a esse fim utilizamos como meio o futebol, uma prática cultural intimamente ligada à sociedade na qual está inserido.

Além disso, a pesquisa teve como objetivo entender como foi consolidada uma memória do futebol pernambucano e partindo da discussão dessa memória pensar em novas possibilidades para a sua história. Discutimos a inserção do futebol no contexto da cultura de massas no Recife, pois, só com a amplitude popular que detinha o futebol é que se tornou possível o mesmo ser parte integrante do processo de construção de uma identidade regional.

Durante o processo de construção deste trabalho houve muitas modificações quanto ao projeto inicial. As fontes nos levaram a vários caminhos, uns que foram seguidos e estão incluídos no resultado final e outros que seguiram com mais interrogações do que resultados. A pesquisa acadêmica relativa ao futebol ainda engatinha no Recife, encontramos alguns trabalhos dispersos, mas estamos longe de uma consolidação local na temática, principalmente no tocante a História do futebol. O tema foi tratado na maioria das vezes por jornalistas ou historiadores amadores que por hobby se voltam ao passado para contar a uma história do futebol pernambucano.

Entretanto nas obras de autores supracitados, o futebol é entendido como uma entidade à parte da sociedade. Não há relação entre o futebol e o contexto político social em que o mesmo encontra-se inserido, gerando um enorme problema conceitual que torna o futebol alheio aos processos históricos do país. Tal situação resulta em uma história conservadora, no sentido de se ater apenas aos grandes artilheiros, finais de campeonato e de forma ilustrativa a algumas situações diferenciadas como a disputa amadorismo x profissionalismo.

Com base na análise das fontes essa disputa revelou muito mais do que uma curiosidade, esse é um processo de disputa cultural por uma hegemonia de um projeto de sociedade. As questões do futebol nascem da sociedade, são

consequência e não causa no processo. Por exemplo, ao ler no livro de Alves¹⁸⁶ a questão do profissionalismo o leitor não entende de onde nasce essas disputas. Um processo extremamente complexo e polifônico é minimizado a uma disputa entre clubes Sport e América a favor do profissionalismo e Santa Cruz e Náutico defendendo o contrário. Claramente é uma inferência do presente sobre o passado, uma transferência de disputas da época da autoria do livro que, anacronicamente, foram transportadas para facilitar o entendimento.

O futebol é tão passível de mudança quanto a sociedade, pois é dependente do contexto histórico. Portanto seu sentido além de ser variado, sujeito a diversas formas de apropriação, é mutável. Nos anos de 1920 o futebol adentra no mundo da cultura de massas, não como algo planejado, ou inventado, mas na forma de apropriação popular de um produto cultural. Perdendo, assim, todo o sentido inicial de quando houvera aportado em terras recifenses que era utilizado como um meio de distinção social, como uma forma pedagógica do corpo dos jovens, além dos valores culturais ingleses inculcados.

O futebol levava milhares de pessoas, segundo os jornais, e não há nenhum questionamento sobre o motivo de tal interesse popular na bibliografia consagrada sobre o esporte em Pernambuco. Discutimos esse processo no capítulo dois no qual analisa o futebol no contexto da cultura de massas.

O objetivo final deste trabalho se cumpre ao analisar a relação complexa entre o sentimento regional e o futebol. A maneira pela qual a população se apropria do futebol o entendendo como uma expressão do sentimento de amor a terra natal é impressionante. Justamente no contexto no qual Pernambuco diminui sua relevância no cenário nacional em questões políticas e econômicas, práticas culturais vão sendo resignificadas e se tornando representantes de um movimento reacionário a esse processo.

O futebol, na qualidade de expressão cultural, se mostrou um bom meio para o estudo do processo de construção de uma identidade regional no Recife dos anos 1920. Em contrapartida a construção de identidade nacional¹⁸⁷ tendo o futebol como parte integrante do processo. A questão é: como poderia o futebol ser parte integrante de uma identidade regional e de uma identidade nacional?

¹⁸⁶ História do futebol Pernambucano.

¹⁸⁷ Sobre a relação futebol e nacionalismo ver PERREIRA, 2000.

Primeiro as identidades não são incompatíveis, e segundo a construção se deu de forma diferente. O futebol como parte integrante de uma identidade nacional se deu através da valorização do Brasil sobre os países vizinhos, como analisou o historiador Leonardo Pereira. O Campeonato Sul-americano de futebol disputado em 1919 serviu para que o historiador supracitado analisasse a construção desse sentimento nacional a partir da seleção brasileira. Para Pereira “o futebol que congregava aquilo que até então nenhum outro esporte conseguira: o grande entusiasmo da parte dos mais diferentes círculos sociais¹⁸⁸”. Um ponto relevante é a posição hegemônica que Rio e São Paulo tinham em qualidade técnica em relação aos outros estados da federação brasileira.

Portanto, a construção do futebol regional no Recife não poderia ser pela qualidade técnica do time. Pernambuco não gozava nem de uma hegemonia regional; a Bahia era quem geralmente ia mais longe nas suas participações dos campeonatos brasileiros de seleções. Assim, a constituição da ligação entre futebol e sentimento regional foi baseada na força, na garra, na vontade dos jogadores que lutariam no campo. Então o futebol pernambucano foi identificado com questões alheias à qualidade, pois essa era questionável.

Este trabalho pretendeu demonstrar uma nova interpretação para a história do Recife, no sentido que aborda uma prática cultural, o futebol, diante de uma variedade de situações pelas quais a cidade foi palco. O futebol se mostrou como uma possibilidade para entendermos processos complexos como a formação da cultura de massas e a construção de um sentimento regional.

¹⁸⁸ (PEREIRA, 2000,p.307)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Givanildo. **85 Anos de Bola Rolando: Federação Pernambucana de**

Futebol 1915-1999. Recife: Editora Bagaço, 2000.

_____**História do Futebol em Pernambuco**. Recife: CEPE, 1978.

ANTUNES, Fátima Martin R. Ferreira. **“O futebol nas fábricas”**. In: Revista USP, São Paulo, n. 22, p. 102-109, jun./ago. 1994.

ARRAIS, R. P. A. . **Recife, culturas e confrontos**. Recife: EDUFRN, 1998.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. **Modernismo e Regionalismo: os anos 20 em Pernambuco**. João Pessoa/Recife: UFPB/Editora Universitária; UFPE/Editora Universitária, 1996.

BARRETO, Túlio Velho . **Gilberto Freyre e o futebol-arte**. Revista USP, São Paulo, SP, v. 62, p. 233-238, 2004.

BESSE, Susan K. **Modernizando a desigualdade: reestruturação da Ideologia de Gênero no Brasil 1914-1940**. São Paulo: ed. EDUSP, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **Como é possível ser esportista?** In:_____. Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. P. 136-163.

_____, **Programa para uma sociologia do esporte**. In: Coisas Ditas. São Paulo: Brasiliense, 1990. P.207-220.

_____,**Distinção Crítica Social do Julgamento**. Porto Alegre: Zouk, 2011.

BURKE, Peter (org.). **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP,1992.

CALDAS, Waldenyr. “**Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro**”. In: Revista USP, São Paulo, n. 22, p. 41-49, jun./ago. 1994.

_____. **O Pontapé Inicial: memória do futebol brasileiro (1894-1933)**. São Paulo: IBRASA, 1990.

CARDOSO, C. F. S. (Org.); VAINFAS, R. (Org.). **Domínios da História**. Rio de Janeiro: campus, 1997.

CARR, Edward Hallet. **O que é história?** São Paulo: Paz e Terra, 1982.

CARVALHO, J. M. . **Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo: Uma Discussão Conceitual**. DADOS, RIO DE JANEIRO, v. 40, n.2, p. 229-250, 1997.

CASTRO, Celso. **Os militares e a República: um estudo sobre cultura e ação política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1995.

CAUFIELD, Sueann. **Em Defesa da Honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)**. São Paulo: editora da UNICAMP, 2000.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 2ª ed. Rio de Janeiro: forense universitária, 2002.

_____. **A Cultura no Plural**. 7ª ed. São Paulo: Papyrus, 1995.

CORDEIRO, Carlos Celso; CORDEIRO, Luciano Guedes. **Sport – Retrospecto 1905 a 1959**. Recife: Editora Autor, 2005.

_____. **História do Campeonato Pernambucano 1915 a 1970**. Recife: Editora: Bagaço, 2000.

_____. **Náutico: Retrospecto de Todos os Jogos 1º volume**. Recife: Editora Bagaço, 2001.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, Lar e Botequim**. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2001.

COSTA, Francisco. “**A bola na ponta da caneta**”. In: Revista USP, São Paulo, n. 22, p. 84-91, jun./ago. 1994.

COUCEIRO, Sylvia Costa. **Artes de viver a Cidade: Conflitos e convivências nos espaços de diversão e prazer do Recife nos anos 1920.** Recife: UFPE 2003. Tese de Doutorado em História.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Ecos da Folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

COSTA, Emília Viotti da. **Da Monarquia à República: momentos decisivos.** São Paulo: Ed. Unesp, 7ª edição, 1999, cap. 11.

COSTA, Marta Morais da. **O Modernismo segundo Mário de Andrade.** In: COSTA, Marta Morais da; FARIA, João Roberto G. de; BERNARDI, Rosse Marye. Estudos sobre o Modernismo. Curitiba: Criar, 1982

DAMATTA, Roberto. “**Antropologia do óbvio – notas em torno do significado Social do futebol brasileiro**”. In: Revista USP, São Paulo, n. 22, p. 10-17, jun./ago. 1994.

_____ [et alli]. **Universo do Futebol.** Esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DECANDIA, Lidia. **O tempo invisível: da cidade moderna à contemporânea.** In: Margem (PUCSP), São Paulo, v. 17, p. 181-195, 2003.

DEAN, Warren. “**A Industrialização Durante a República Velha**”. In: FAUSTO, Boris (Org.). *História Geral da Civilização Brasileira*, nº 8, pp. 249-283.

FAUSTO, Boris. **Historia Geral da Civilização Brasileira - Período Republicano-** Vol. 1 ao 8. Rio de Janeiro, BCD UNIÃO DE EDITORAS S.A, 1997.

FERREIRA, José Maria. **História dos Campeonatos Pernambucanos.** Recife: Cepe, 2007.

FILHO, Mário. **O Negro no Futebol Brasileiro.** 5º ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

FREYRE, Gilberto. **Guia Prático , Histórico e Sentimental da Cidade do Recife**. Rio de Janeiro, José Olympio editora, 1942.

_____. **Ordem e Progresso**. Rio de Janeiro, Editora Record, 1990.

_____. **Sociologia**. Rio de Janeiro, José Olympio editora, 1957.

FRYDENBERG, Julio. **Historia Social Del Fútbol: del amateurismo a la profesionalización**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Edictores, 2011.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao Sol e à Sombra**. Porto Alegre: L&PM POCKET, 2010.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do Futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GOMES, Tiago de Melo. **Um Espelho no palco**. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2004.

HALL, Peter. **Cidades do Amanhã: uma história intelectual do planejamento e do projeto urbanos no século XX**. São Paulo: Perspectiva, 1988.

HAMILTON, Aidan. **Um Jogo Inteiramente Diferente! Futebol: A maestria Brasileira de um Legado Britânico**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2001.

HELAL, Ronaldo. **Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil**. Petrópolis-RJ, Vozes, 1997.

HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Extremos: O Breve Século XX 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **A Era dos Impérios 1875-1914**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

_____; RANGER, Terence. **A Invenção das Tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

_____. **Mundos do Trabalho**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. **“Futebol e Modernidade no Brasil: A geografia histórica de uma inovação”**. In: Lecturas: Educación Física y Deportes [online]. Mayo 1998, Año 3, n. 10. Disponível em Internet: <http://www.efdeportes.com/efd10/geoe.htm>.

LEITE LOPES, José Sergio. **“A Vitória do Futebol que incorporou a Pelada – a invenção do jornalismo esportivo e a entrada dos negros no futebol brasileiro”**. In: Revista USP, São Paulo, n. 22, p. 64-83, jun./ago. 1994.

LOVE, Joseph. **“A República Brasileira: federalismo e regionalismo (1889-1937)”**. In: MOTA, Carlos Guilherme. *Viagem Incompleta: a grande transação*. São Paulo: Senac-Sesc, 2000.

LUMBAMBO, Catia Wanderley. **O Bairro do Recife: entre o corpo santo e o marco zero**. Recife: CEPE, 1991.

MANDELL, Richard D. **Historia Cultural del Deporte**. Barcelona: edicions bellaterra, 2006.

MELO, Victor Andrade de. **Cidade Sportiva**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2001.

_____(Org). **Os Sports e as Cidades Brasileiras: transição dos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

MORAIS, Jorge Ventura de ; RATTON JR, J. L. A. . **Gilberto Freyre e o Futebol: Entre Processos Sociais Gerais e Biografias Individuais**. Revista de Ciências Sociais (Fortaleza), v. 42, p. 89-109, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento**. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.

NETO, José Moraes dos Santos. **Visão do jogo primórdios do futebol no Brasil**. São Paulo: Cosac & Naif, 2002.

PARAÍSO, Rostand. **Esses Ingleses...** Recife: Bagaço, 1997.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Historia E Historia Cultural**. 2ª ed. Autêntica, Belo Horizonte, 2005.

PINSKY, Carla Bassanezi (org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

PIO, Fernando. **Meu Recife de outrora : Crônica do Recife Antigo**. Recife: CEPE, 1969.

PRONI, Marcelo; LUCENA, Ricardo (orgs). **Esporte, história e sociedade**. Campinas: Editora autores associados, 2002.

PRIORE, Mary Del. MELO, Victor Andrade de. (Orgs) **História do Esporte no Brasil**. São Paulo: Editora da UNESP, 2009.

RAMOS, Roberto. **Futebol: ideologia do poder**. Petrópolis: Vozes, 1984.

RIBEIRO, Raphael Rajão. **A BOLA EM MEIO A RUAS ALINHADAS E A UMA POEIRA INFERNAL: Os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921)**. Belo Horizonte: UFMG: 2007. Dissertação de mestrado em História Social da Cultura.

RODRIGUES FILHO, Mário. **O Negro no Futebol Brasileiro**. (4ª Edição) Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

ROSENFELD, Anatol. **Negro, Macumba e Futebol**. Campinas: Perspectiva, 1993.

SANTOS NETO, José Moraes dos. **Visão do Jogo: primórdios do futebol no Brasil**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

SANTOS, Joel Rufino dos. **História Política do Futebol Brasileiro**. São Paulo: Brasileiro, 1981.

SETTE, Mário. **Arruar: História pitoresca do Recife Antigo**. Rio de Janeiro: C.E.B, 1948.

SEVCENKO, Nicolau. **A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio de Janeiro** in História da Vida Privada Vol. 3. São Paulo: Schwarcz LTDA, p. 513-619, 1998.

_____. **“Futebol, metrópoles e desatinos”**. In: Revista USP, São Paulo, n. 22, p. 30-7, jun./ago. 1994.

_____. **Orfeu Exático na Metrópole**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. SANTOS, Ricardo Pinto dos.(Orgs). **Memória social dos esportes. Futebol e política: A Construção de uma Identidade Nacional**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

SOARES, Antonio Jorge. **“História e a Invenção de Tradições no Futebol Brasileiro”**. In: HELAL, Ronaldo. A Invenção do País do Futebol: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001. p. 13-50.

THOMPSON, Edward P. **Costumes em comum**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

_____. **As Peculiaridades dos Ingleses e outros artigos**. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2002.

TOLEDO, Luiz Henrique. COSTA, Carlos Eduardo.(Orgs). **Visão de Jogo: Antropologia das práticas esportivas**. São Paulo: Terceiro Nome, 2009.

Z Aidan, Noemia Maria. **O Recife Nos Trilhos dos Bondes de Burro 1871-1914**. Recife: UFPE 1991. Dissertação de mestrado em Desenvolvimento Urbano.

FONTES:

Periódicos:

Jornal Pequeno 1905-1921

Diario de Pernambuco 1905-1937

A Província 1903-1933.

Revistas Ilustradas:

Revista da Cidade

Revista Norte

Vida Moderna

P'ra Você

A Pilhéria

Revista Nova

Revista de Pernambuco

Fontes Impressos– Arquivo Público Jordão Emerenciano – Apeje

Fundo: Secretaria de Segurança Pública, polícia, petições e portarias para funcionamento de divertimentos públicos, Recife, 1920-1930.

Federação Pernambucana de Futebol- FPF-PE

Livros de atas de 1905 até 1942.